

CLAUDIBERTO FAGUNDES

**A “PNEUMATOLOGIA CRISTOLÓGICA” DE YVES CONGAR  
E A CRISTOLOGIA DO “PRO-SEGUIMENTO COM ESPÍRITO” DE JON SOBRINO  
UMA PROPOSTA PARA UM MUNDO DESIGUAL E PLURAL**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

ORIENTADOR: Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre

2006

“Em homenagem a todos aqueles/aquelas que, debaixo de tantos regimes de opressão pelo mundo afora, defendem com sacrifício a causa do homem e da liberdade humana, e nos/nas quais, conhecidos ou desconhecidos, o Verbo e o Espírito de Deus se manifestam, vivos, ativos, verdadeiramente Senhores”.

YVES CONGAR (*La parole et le Souffle*)

“O seguimento é, então, o lugar de historizar as manifestações do Espírito e é o lugar de entrar em sintonia com o Espírito de Deus. E, a partir daí, é o lugar de reconhecer – doxologicamente – que é o Espírito que nos ensina quem é Jesus, que é a força de Deus *para fazer coisas maiores ainda*”.

JON SOBRINO (*La fe em Jesucristo*)

## AGRADECIMENTO

A todos os que direta ou indiretamente tornaram possível minha caminhada na busca do seguimento de Jesus: meus pais, catequistas e centenas de leigos que fizeram-se testemunhas dEle. Aos Missionários Redentoristas que me inseriram no mundo acadêmico e são exemplo de serviço ao Reino de Deus nos pobres. À Faculdade de Teologia na pessoa do Dr. Pe. Érico João Hammes que aceitou orientar com sua larga experiência esta que aqui apresento.

## RESUMO

A pertinência e a retomada das relações Cristologia-Pneumatologia na teologia do século XX nas obras de Yves-Marie Congar (1905-1995) e Jon Sobrino (1938 - ) é o tema da presente dissertação. Através da análise bibliográfica, demonstra a forma como os dois autores trataram a questão partindo da necessidade de respostas às diferentes realidades que se lhes apresentaram. Congar, no projeto de construção de uma nova Ecclesologia, vê a necessidade de abordar a Pneumatologia e seu fundamento Cristológico. Jon Sobrino, propondo uma Cristologia a partir da América Latina, chega à Pneumatologia como garantia do “pro-seguimento” criativo de Jesus. Ambos convergem na necessidade de articulação entre Pneumatologia e Cristologia para o agir cristão diante da situação do mundo moderno, desigual e plural.

Palavras-chave: Cristologia; Pneumatologia; Ecclesologia; Concílio Vaticano II; Evangelização e Libertação.

## **ABSTRACT**

The objective of this thesis is to analyze the significance and the revival of the relation between Christology and Pneumatology in the theology of the 20th century in the works by Yves-Marie Congar (1905-1995) and Jon Sobrino (1938 - ). A review of the literature was carried out in order to show how both authors deal with this issue based on their necessity of providing answers to the different realities they are faced with. Congar, in the project of creating a new Ecclesiology, considers it necessary to approach the Pneumatology and its Christological foundation. Jon Sobrino, by suggesting the creation of a Christology originated in Latin America, considers Pneumatology as a guarantee of the creative continuous following of Jesus. Both authors have the same opinion about the necessity of the union of Pneumatology and Christology for the Christian attitude in the contemporary world full of unfair and diverse realities.

Key words: Christology; Pneumatology; Ecclesiology; Second Vatican Council; Evangelization and Liberation.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>04</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>05</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1 YVES CONGAR: UMA PNEUMATOLOGIA CRISTOLÓGICA.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Teologia Trinitária: o papel do Espírito Santo em duas tradições complementares..</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Filho e Espírito unidos na obra do Pai: as missões divinas.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 O Espírito Santo na Cristologia.....</b>	<b>20</b>
1.4.1 O Espírito faz conhecer e viver o Cristo.....	24
1.4.2 O Espírito na missão do Filho.....	26
<b>1.4 Da Pneumatologia à Cristologia para a construção de uma nova antropologia.....</b>	<b>32</b>
1.5.1 O Espírito criador na recriação cósmica.....	33
1.5.2 O Espírito Santo e a libertação do ser humano para a alteridade.....	37
1.5.3 Filhos no Filho pelo Espírito.....	41
1.5.4 Uma Eclesiologia pneumatológica.....	45
<b>1.5 Conclusão.....</b>	<b>52</b>
<b>2 JON SOBRINO: UMA CRISTOLOGIA PNEUMATOLÓGICA.....</b>	<b>55</b>
<b>2.1 Jesus de Nazaré: homem pleno do Espírito.....</b>	<b>57</b>
<b>2.2 A vida de Jesus como lugar da manifestação do Espírito.....</b>	<b>59</b>
2.2.1 Encarnação parcial na História.....	60
2.2.2 Missão libertadora em favor das vítimas.....	62

2.2.3 O escândalo da Cruz.....	65
2.2.4 Viver como ressuscitados nas contingências da história.....	69
2.2.5 Prosseguimento de Jesus: obra do Espírito.....	72
<b>2.3 Espiritualidade do seguimento de Jesus.....</b>	<b>73</b>
2.3.1 Espiritualidade a partir da realidade total.....	75
2.3.2 Uma nova teologia para uma nova espiritualidade.....	77
2.3.3 Seguimento de Jesus com Espírito: santidade encarnada na história.....	80
2.3.4 Segundo o Espírito de Jesus recriar continuamente o seguimento.....	83
<b>2.4 Conclusão.....</b>	<b>87</b>
<b>3 DOIS PONTOS DE PARTIDA: UMA MESMA REALIDADE.....</b>	<b>89</b>
<b>3.1 CONGAR:.....</b>	<b>89</b>
3.1.1 Um Pneumatologia cristológica para o agir cristão no mundo.....	89
3.1.2 Uma dialética salvífica.....	91
<b>3.2 JON SOBRINO:.....</b>	<b>94</b>
3.2.1 Prosseguimento de Jesus com Espírito – memória e imaginação.....	94
3.2.2 Uma Cristologia aberta e em construção.....	96
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO

Uma “Era dos extremos”. É assim que o historiador Eric Hobsbawn<sup>1</sup> define o “breve século XX” comprimido entre a Primeira Grande Guerra de 1914 e os desmoronamentos ideológicos da década de 90. Nem ele poderia imaginar na época os outros desmoronamentos, mais aterradores e sintomáticos, que o mundo teve que presenciar na aurora do novo milênio quando dos ataques terroristas de 11 de Setembro. Por isso, quem sabe, torne-se mais significativo avançar o fim do século XX ao ano de 2001 com suas conseqüências e mudanças na organização e panorama mundiais.

Na era das comunicações via-satélite, da notícia instantânea e do império do “ao-vivo” crescem o isolamento e o individualismo, fronteiras ideológicas são reforçadas, guetos e muros continuam a ser construídos... Se a comunicação midiática trouxe e tornou acessíveis experiências longínquas, aproximou igualmente conflitos nunca resolvidos e ódios que ardiam sob as brasas do esquecimento. Escancarou à “aldeia global” suas diferenças e idiossincrasias de uma maneira nunca vista, sem que houvesse tempo de preparação ou adaptação para tal (cf. *Gaudium et Spes* 4 – 10).

Nesse caldeirão efervescente de alternativas e propostas, também a religião viu-se às voltas com novas necessidades e imperativos a exigir-lhe posturas e respostas que, muitas vezes, não estava totalmente preparada para dar. Assim, o século XX constatou quão perigosos podem ser o fanatismo e obscurantismo religioso numa “era de extremos”, e a própria palavra “extremista” incorporou-se definitivamente ao vocabulário atual. Por outro

---

<sup>1</sup> HOBSEBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

lado, dentro da lógica do consumismo, tornaram-se inumeráveis os grupos que passaram a usar da religião apenas como desencargo de consciência e panacéia de dores ou problemas financeiros.

Desafios não faltaram, e a própria Igreja precisou responder-lhes sem deixar de estar sujeita aos próprios fenômenos que procurava compreender. Também ela viu-se às lutas com a diversidade e pluralidade de visões (inclusive em seu seio), que defendiam muitas vezes, caminhos e soluções antagônicas. Por vezes mostrou-se atenta aos imperativos que exigiam respostas sobre a realidade concreta. Pense-se, por exemplo, nos desenvolvimentos da doutrina social (inaugurada com a *Rerum Novarum* de Leão XIII em 1891 e prosseguida numa série de encíclicas de seus predecessores), da “volta às fontes, da “nouvelle theologie”, do movimento bíblico, patrístico, litúrgico e os diversos movimentos de renovação que acabaram por levar ao Concílio Vaticano II.

De fato, o Concílio Vaticano II (1962-1965) é emblemático para toda a vida da Igreja no século XX: do que o precedeu e do que lhe seguiu. Constituiu uma verdadeira “revolução copernicana”<sup>2</sup> pelos assuntos que teve coragem de enfrentar e pela forma como o fez. É, ao mesmo tempo, ponto de chegada e de partida de um longo processo no qual se insere, e que viu confrontarem-se concepções diversas e diferentes, muitas vezes opostas, sobre o modo de ser Igreja e sua relação com as realidades temporais.

Nessa mesma época (década de 60) o movimento pentecostal (há muito presente em diversas igrejas da Reforma) chega ao catolicismo no que se chamará de Renovação Carismática Católica, propondo novas práticas e experiências baseadas no influxo pessoal do Espírito Santo. Igualmente, nesse mesmo período, toma força uma nova maneira de “fazer teologia” e “ser Igreja” vinda, sobretudo da América Latina: a Teologia da Libertação. Nascida dos ambientes mais pobres e marginalizados, refletida nas Conferências Episcopais (sobretudo Medellin, e depois Puebla), fará sua reflexão a partir do terceiro mundo e da desigualdade geradora dos marginalizados.

Nesse ambiente plural o discípulo de Jesus Cristo vê-se desafiado a uma resposta, ao mesmo tempo em que a Igreja experiencia, também internamente, a multiplicidade de alternativas e de grupos, muitas vezes extremados. Como ser cristão e como essa opção

---

<sup>2</sup> LATOURELLE, René. Dei Verbum. In: FISICHELTA, Rino; LATOURELLE, René. *Dicionário de Teologia Fundamental*, p. 194.

poderia tornar-se relevante ao mundo? Que prática traduz a adesão a Cristo? Onde Ele se manifesta e onde deve ser servido preferencialmente? Onde seguir a tradição e onde inovar? Se “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo...”(*Gaudium et Spes* 1) o que fazer e como agir? São questionamentos que permeiam toda a realidade e vão suscitar a contribuição de diversos autores. Dentre todos que caberia analisar, escolheram-se aqui Yves-Marie Congar e Jon Sobrino: aquele, um dominicano precursor - e perito - do Vaticano II, conhecido pela Pneumatologia; esse, um jesuíta, teólogo latino-americano, conhecido pela Cristologia, mas ambos comprometidos com a reflexão teológica e a maneira como pode ser relevante também ao ser humano em diálogo com as questões múltiplas de um mundo desigual e plural – ideológica e economicamente.

Yves Congar (1905 – 1995) foi testemunha privilegiada das grandes transformações que construíram o século XX. Desde cedo abraça o desafio de refletir também teologicamente a realidade que o cerca. Após muitas incompreensões e dissabores acaba sendo reconhecido em muitas intuições (refaz muitas outras) e presta decisiva contribuição ao Concílio Vaticano II como perito e redator. Teólogo múltiplo, abordou a problemática da vocação laical, desenvolveu o conceito de Eclesiologia de comunhão e, instado por desafios como o da Renovação Carismática Católica (mas não só), lançou-se à reflexão Pneumatológica.

Jon Sobrino (1938 - ) a partir da realidade conflituosa da América Central que levou, por exemplo, ao martírio de toda a sua comunidade religiosa, busca uma reflexão cristológica que corresponda a essa realidade, ilumine e oriente o seguidor de Jesus Cristo nas respostas que ela exige. Dentro do contexto da Teologia da Libertação e da categoria do seguimento de Jesus que ela privilegiou, Sobrino assume o desafio de repensar não só a Cristologia, mas toda a teologia a partir desse imperativo, e seu lugar fundamental.

Diante de tudo isso, este estudo procurará abordar nos dois autores citados, a progressiva consciência da necessidade de fazer convergir Cristologia e Pneumatologia para a garantia da sadia reflexão teológica. Ao mesmo tempo procurará, nesse binômio, os elementos necessários para fundamentar uma prática cristã em diálogo com a realidade tal qual se apresenta.

O primeiro capítulo tratará da questão pneumatológica em Y. Congar, da maneira como ele a articula com a Cristologia, partindo das relações trinitárias e do modo como foram compreendidas historicamente, passando pelo testemunho bíblico, pelas tradições oriental e ocidental na abordagem do tema, até sua retomada na reflexão das últimas décadas. Ao mesmo tempo, a maneira de o autor compreender suas implicações em termos ecumênicos, antropológicos e, especialmente, eclesiológicos. Como, por exemplo, aborda o fenômeno da Renovação Carismática Católica e qual a contribuição de sua reflexão para o seguimento de Jesus Cristo hoje. Para tanto, o estudo terá como base sua obra máxima sobre o tema : *Je crois en l'Esprit Saint*, articulada com as repercussões em obras posteriores<sup>3</sup> e seus fundamentos nos escritos que a precederam. Como produção de Congar é extensa não é possível apresentar aqui a gênese de seus grandes temas mas apenas reconhecer algumas abordagens recorrentes e conclusões interessantes. O mesmo se diga da evolução de suas posições nos escritos que tratam de sua biografia ou nas numerosíssimas anotações e diários que deixou. Visto que em seus escritos pneumatológicos o autor dedica grande atenção à Cristologia, parece procurar enfatizar mais que a necessidade da mútua articulação dessas duas realidades. É isso que será investigado principalmente.

O segundo capítulo fará uma aproximação da Cristologia de Jon Sobrino considerando a hipótese de que suas referências atuais à Pneumatologia – e especialmente no final de sua Cristologia<sup>4</sup> – podem demonstrar uma presença implícita e um desenvolvimento progressivo da tematização do Espírito Santo. Para tanto, partindo das relações entre o Espírito e a vida de Jesus procurará demonstrar até que ponto a Pneumatologia é condição para o “pro-seguimento”. Ao mesmo tempo, a maneira como essa abordagem afeta a espiritualidade cristã e a reinterpreta como “fidelidade criativa”. Das obras de Sobrino analisar-se-ão especialmente os dois volumes de sua Cristologia nos trechos em que aborda mais diretamente a questão, passando por seus escritos sobre espiritualidade e alguns artigos recentes onde há alguma referência ao tema.

---

<sup>3</sup> A Bibliografia atualizada sobre Y. Congar pode ser encontrada especialmente em: NOGUEIRA, Luiz Eustáquio dos Santos. *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai*. São Paulo: Paulinas, 1995; e, de forma mais completa em: BARBOSA, Dimas Lara. *A Apostolicidade da Igreja e seu fundamento teológico segundo Yves Congar O. P.* Roma: PONTIFICIA UNIVERSIDADE GREGORIANA, 1996. Tese de Doutorado.

<sup>4</sup> A Bibliografia atualizada sobre Jon Sobrino pode ser especialmente encontrada em: BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus Cristo: Uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulus, 2002 (Coleção Ensaio Teológicos).

Por fim, um capítulo que procurará recolher as duas contribuições, suas relações e diferenças tentando compreender como ambas apresentam a questão tendo diferentes pontos de partida e a medida da convergência das abordagens. Quais enfim, seriam as decorrências dessa abordagem conjugada de Cristologia e Pneumatologia para o testemunho cristão no mundo atual e a medida como pode ser embasada nos autores estudados.

Os textos bíblicos referidos serão cotejados com os da Bíblia de Jerusalém.<sup>5</sup>

Dissertações defendidas na FATEO-PUCRS que orbitam o mesmo tema, especialmente Jon Sobrino, encontram-se referidas ao final.

As versões portuguesas mais antigas dos textos de Congar serão atualizadas quanto às normas da ortografia vigente.

---

<sup>5</sup> BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paulus, 1995.

## 1 YVES CONGAR: UMA PNEUMATOLOGIA CRISTOLÓGICA

Ao analisar hoje muitas das contribuições de Congar para a reflexão Pneumatológica, o leitor desavisado poderia achar algumas posições óbvias e redundantes. Para evitar tal impressão, é necessário manter um olhar sincronizado com a época em que se situa o estudo do teólogo dominicano e o estado da questão nos anos precedentes e imediatamente posteriores ao Concílio Vaticano II. Mesmo nos inícios da década de 80 (quando veio a público seu maior livro sobre o Espírito Santo), sobretudo devido à Renovação Carismática Católica que tomava enorme força em muitos círculos, vários pontos esclarecidos pelos movimentos renovadores do pré-concílio precisaram ser revisitados. Dentre eles a justa colocação da Pneumatologia em relação com a Cristologia e a Teologia Trinitária. Com esse pressuposto básico, Yves Congar<sup>6</sup> abre a terceira parte de seu maior estudo sobre o Espírito

---

<sup>6</sup> “Yves Congar nasceu em Sedan, na França, em 13 de Abril de 1904. No período da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), dirigiu seu primeiro jornal (*sic*) – *Journal de Guerre*. Em 1921, entra no *Séminaire des Carmes*, no *Institut Catholique* de Paris. Em 7 de Dezembro de 1925, ocorre sua entrada no noviciado dominicano da Província da França e recebe o nome de *Marie-Joseph*, e sua profissão religiosa acontece em 8 de setembro de 1926. Deste ano até 1931, estudou no *Saulchoir* (Kain-la-Tombe, Bélgica). Em 1928, apresenta seu trabalho de *tese de leitorado* em teologia: *L'Unité de Église*. Em 25 de julho de 1930, recebe a ordenação sacerdotal. A partir de 1932, ensina *Eclesiologia* no *Saulchoir*, e, três anos após, torna-se secretário da *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*. Em 1937, Congar realiza um de seus sonhos: o lançamento da coleção *Unam Sanctam*, na Du Cerf. Em 1939, na Segunda Guerra Mundial, alista-se como voluntário no exército francês, na função de enfermeiro-médico e, de 1940 a 1945, é mantido como prisioneiro de guerra. Por seus préstimos e sua pronta disponibilidade, a Legião Francesa lhe conferiu a *Distinção de Honra e a Cruz de Guerra*. Retornando do cativeiro, em 1945, retomou o ensino de *Eclesiologia*, no *Saulchoir d'Étiolles*, próximo de Paris. Entre 1950 e 1953, são publicadas duas de suas maiores e mais famosas obras: *Vraie et fausse réforme dans l'Église* e *Jalons pour une théologie du laïc* – principalmente por causa destas, as suspeitas romanas começam a pesar. De fevereiro de 1954 até 1956, Congar é proibido de ensinar, fazer conferências ou publicar; é banido para uma função obscura em Jerusalém, Roma, Cambridge e Strasbourg; mesmo em meio à tristeza do ‘exílio’, Congar usa a adversidade para favorecer, com seu apoio o movimento dos *padres-operários*, dedicando-se também, à expansão e ao aprofundamento do *Movimento Ecumênico*, com o qual já contribuía ao longo de muitos anos. Em fevereiro de 1956, ocorre sua estada em Cambridge e, no final do mesmo ano, acontece a citação para comparecimento em juízo no Convento de Strasbourg. Aos 5 dias do mês de julho de 1960, é nomeado pelo Papa João XXIII, *consultor* da Comissão Teológica Preparatória do Concílio, anunciado a 25 de Janeiro de 1959. De 1962 a 1965, atua como *perito* no Concílio, e escreve, ao longo do mesmo, além de vários artigos e conferências, o seu *Journal*, divulgando as grandes discussões e os grandes acontecimentos do Concílio. Em 1968, é forçado a suspender longas atividades físicas devido a uma enfermidade neurológica. De 1968 a 1985, é membro da *Comissão Teológica Internacional*, sendo que, em 1972, instala-se no Convento

Santo<sup>7</sup> com o sugestivo título “O Espírito Santo na Tri-Unidade Divina” que constitui ao mesmo tempo um programa e uma necessidade para a compreensão da ação do Espírito Santo. Partindo da revelação bíblica e da liturgia<sup>8</sup> constata, como princípio, que os textos referentes ao Espírito e ao Filho pertencem a um mesmo plano, o da economia.

É por isso que, considerando uma atitude constante dos cristãos passarem da economia à teologia<sup>9</sup>, vê perfeitamente enquadrado o “axioma fundamental” (*Grundaxiom*) de Karl Rahner: “A Trindade econômica é a Trindade imanente, e vice-versa”.<sup>10</sup> No entanto, considerando a primeira parte da proposição indiscutível, Congar sugere matizações a respeito do “e vice-versa”<sup>11</sup> através de dois questionamentos básicos:

1) Podemos *identificar* o mistério livre da economia e o mistério necessário da trindade de Deus? Não. Pois não podemos afirmar que “Deus compromete e revela *todo* seu mistério na ‘autocomunicação’ que faz de si mesmo.”

---

de Saint-Jacques, em Paris. Sua saúde – infelizmente – degrada-se progressivamente. Em 1984, com a saúde já bem deteriorada, passa a residir no *Hôpital Militaire des Invalides*, em Paris. Sendo indicado ao *episcopado*, é dispensado do recebimento da consagração devido à idade e à má saúde. Em 27 de novembro de 1994, é elevado à dignidade cardinalícia pelo Papa João Paulo II; tinha 90 anos de idade e nunca teve o direito de participar do conclave. Aos 22 de Junho de 1995 morre no supracitado hospital, seu funeral é realizado no dia 26 na igreja de Notre-Dame de Paris e, em seguida, é enterrado no túmulo da *Ordem Dominicana*, no Cemitério de *Montparnasse*, também em Paris.” (MORAES, E.A.R. Yves Marie-Joseph Congar: 100 anos. In.: *Revista Eclesiástica Brasileira*, p. 866-867). É necessário notar que o termo francês *Journal* refere-se aqui aos diários pessoais que Congar escreveu e que retratam diferentes momentos de sua vida como a Guerra e o Concílio Vaticano II. Não trata-se, portanto, de *Jornal* no sentido de impresso com larga tiragem e periodicidade como é tomado em português.

<sup>7</sup> CONGAR, Yves. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1991. 2ed. A edição espanhola é adotada nesse estudo porque a tradução brasileira só veio a público em 2005 (Coleção *Creio no Espírito Santo*, em três volumes – cf. Bibliografia) quando a presente pesquisa já ia avançada. O original tem mais de duas décadas: CONGAR, Y. *Je crois en l'Esprit Saint*. Paris: Éditions du Cerf, 1980.

<sup>8</sup> Recorda as principais imagens do Espírito apresentadas pela Escritura: sopro, ar, vento, água, fogo, línguas de fogo, pomba, unção, dedo de Deus... Outras ainda como selo, amor, dom, paz, sem esquecer aquelas utilizadas pela liturgia no hino *Veni Creator*: “Veni Creator Spiritus/ Mentis tuorum visita/ Imple superna gratia/ Quae tu creasti pectora” e os trechos “Qui diceris Paraclitus/ Altissimi donum Dei/ Fons vivus, ignis, caritas/ et spiritalis unctio./ Tu septiformis munere/ Digitus paternae dexterae/ Tu rite promissum Patris/ Sermone ditans guttura.” (LITURGIA HORARUM, Vol. II: *Tempus Quadragesimae, Sacrum Triduum Paschale, Tempus Paschale*, p. 834.) O hino inteiro poderia ser considerado um desfile das imagens mais recordadas pela tradição a respeito do Espírito. Congar refere o texto e sua origem histórica (também do *Veni, Sancte Spiritus*: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 138 – 142). Por fim, um estudo baseado nessa Sequência pode ser encontrado em CANTALAMESSA, R. *O canto do Espírito Santo: meditações sobre o Veni Creator*. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>9</sup> Os padres gregos pensam: “como poderiam Eles nos divinizar se não fossem Deus?” Também os ortodoxos com a teologia das “energias incriadas” apresentam-nas como manifestações luminosas de Deus na vida do mundo. Mas, mais claro ainda aparece na doutrina latina das missões divinas: o Pai envia o Verbo-Filho ao mundo e ambos enviam juntos o Sopro-Esperito. A primeira missão acontece em decorrência da emissão eterna do Verbo pelo Pai; a segunda, como extensão da sempiterna processão do Espírito *ex Patre Filioque*. (Cf. NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 31).

<sup>10</sup> Congar sintetiza o pensamento de Rahner a esse respeito em: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 454-462.

<sup>11</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 457.

2) “A autocomunicação de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo só será plena autocomunicação escatologicamente, no que chamamos visão beatífica.”<sup>12</sup>

No entanto, Congar é pressuroso em reconhecer que, se a economia não revela totalmente o mistério de Deus, “não ofusca em nada a teologia” - apenas exige a discrição própria de uma natureza limitada.<sup>13</sup>

### 1.1 Teologia Trinitária: o papel do Espírito Santo em duas tradições complementares

Partindo desses mesmos dados<sup>14</sup>, duas grandes correntes teológicas vão se formar caracterizando as relações do Espírito e do Filho dentro da teologia trinitária: <sup>15</sup> a latina (mais analítica) e a ortodoxa (mais simbólica). É nessa hora que Congar mostra-se o especialista em patrística que foi, passando em revista ambas as tradições sem escamotear seus problemas espinhosos e a possibilidade de convergência em muitos pontos:

A tradição latina sobre a Trindade, herdeira de Santo Agostinho<sup>16</sup> partirá, por um lado, da distinção entre enunciados absolutos (santo, todo-poderoso, incriado, bondade...) sobre Deus e, por outro, de enunciados relativos (Pai-Filho). Já no pensamento de Anselmo e Tomás é particularmente expressa a distinção das pessoas pela oposição de relação de origem:<sup>17</sup> o

---

<sup>12</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 459-460.

<sup>13</sup> “A Trindade econômica revela a Trindade imanente. Mas, a revela em sua totalidade? Existe um limite: a encarnação tem suas condições próprias, derivadas de sua natureza de obra criada. Transpondo-se todos os dados à eternidade do Logos, teríamos que dizer que o filho procede *a Patre Spirituque...* além disso, se a forma *servi* forma parte do que Deus é, a forma *Dei* lhe pertence igualmente. Mas esta nos escapa aqui embaixo em uma medida impossível de determinar. O modo infinito, divino, em que são realizadas as perfeições que afirmamos escapa à nossa compreensão. Ele deve fazer-nos discretos quando dizemos: ‘e vice-versa’”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 461).

<sup>14</sup> “Gregos e latinos partem do mesmo fundamento da Escritura. Ela diz que o Espírito é Espírito do Filho e que foi enviado pelo Filho. Mas existe a *ratio intelligendi*. Os gregos entenderam a processão como um movimento local ‘*ab uno in alium*’; os latinos a entenderam somente como um processo causal ‘*unius ex alio*’.”(CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 614).

<sup>15</sup> Esse tema ganha destaque em “O Espírito, Espírito de Cristo, cristomonismo e filioque” in CONGAR, Y. *A palavra e o Espírito*, p. 115-135.

<sup>16</sup> Ocidente ante a Revelação da Tri-idade de Deus, (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 517-567), especialmente Santo Agostinho (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 518 – 533).

<sup>17</sup> Seguindo Congar: “Em nossa opinião, a argumentação lógica, extremamente complicada e abstrata, pode resumir-se nos seguintes termos: o Pai, o Filho e o Espírito são igualmente Deus. Disto segue uma rigorosa lógica de identidade. Só pode existir diferença por uma oposição de relação de origem ou de processão. Essa diferença, e somente ela, estabelece um limite à identidade.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 536)

Filho procede do Pai, que dele se distingue por não proceder de ninguém; e o Espírito, por sua vez, procede *ex Patre Filioque*, do Pai e do Filho<sup>18</sup> como um único princípio consubstancial. A Tradição Latina evoca, além da Revelação,<sup>19</sup> a necessidade do *Filioque* para garantir a distinção hipostática, mediante a oposição relacional de processão.

A tradição ortodoxa rejeita a reflexão latina por considerá-la excessivamente racional, privilegiando a irredutibilidade das Pessoas e a monarquia do Pai. Como uma das bases, é apresentado o trecho de João: “ (Otan e)/ltqv o(( para/kletoj o(///n e)gw\\ pe///myw u((mi=n para\ tou= patro/j, to\\ pneu=ma th==j a)lhqei/aj o(/ para\ tou= patro\j e)kporeu//etai, e)kei==noj marturh//sei peri\\ e))mou=====” = “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim.” (*Jo* 15,26). Segundo Congar, o contexto não é o de um enunciado sobre as relações internas da Trindade, mas o do envio pelo Filho para dar testemunho. Além disso, existindo o uso de outros verbos para expressar a processão, fica enfraquecido o pretendido valor dogmático absoluto da referida passagem.<sup>20</sup>

Tais elementos dessa controvérsia milenar, aqui abordados apenas de passagem, apontam para o mesmo dilema que deve enfrentar quem pretenda um estudo pneumatológico sério e que leva, necessariamente, à pergunta pela posição a tomar no debate sobre a mútua exclusão das duas correntes.<sup>21</sup> Reconhecendo sem ingenuidade as dificuldades acumuladas em séculos de discussão, Congar considera presentes muito mais elementos<sup>22</sup> de união que de separação entre as correntes.<sup>23</sup>

Das diferenças é possível identificar alguns motivos como a inadequação do vocabulário<sup>24</sup> latino para traduzir certos aspectos fundamentais presentes no grego e ainda a

---

<sup>18</sup> Para Congar, embora Santo Agostinho não seja o criador dessa doutrina - pois já havia sido professada de certa forma por Tertuliano, Hilário, Mário Victorino e Ambrósio - tratando dela no *De Trinitate*, o doutor de Hipona é o grande sistematizar desse pensamento (cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 525).

<sup>19</sup> Espírito do Pai (*Mt* 10,20; *Jo* 15,26) – Espírito do Filho (*Gl* 4,6; *Rm* 8,9; *Fl* 1,19).

<sup>20</sup> Sobre este trecho e as análises do vocabulário grego empregado: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 487-488.

<sup>21</sup> “Caracterizadas as duas tradições, emerge uma perplexidade: como se posicionar diante delas? É possível algum esforço de articulação?” (NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 37).

<sup>22</sup> “Elementos em vista de um acordo: unidade de fé, diversidade de formulação teológica entre gregos e latinos na apreciação dos doutores ocidentais” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 608ss).

<sup>23</sup> “Como muitos, porém, convence-se de que as duas dogmáticas refletem uma única e mesma fé. Fazendo um balanço entre elas, chega à conclusão de que tanto numa quanto noutra o Espírito é confessado como Terceira Pessoa da única natureza divina, consubstanciada ao Pai e ao Filho; em ambas, o Pai é confessado como o princípio fontal da divindade; ambas também admitem que o Filho não é estranho ao Pai na produção do Espírito Santo.” (NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 37-38).

<sup>24</sup> “Era relativamente fácil chegar a um acordo quando se tratava unicamente de vocabulário; poderiam encontrar-se equivalências. Mesmo que as palavras se enquadrassem em categorias de pensamento e, por conseguinte, de concepções. [...] O problema ficaria muito mais árduo quando se tratava de juízos, de

utilização de dois princípios diversos para fundar a distinção das Pessoas.<sup>25</sup> Isso não impede que ambas as posições se enriqueçam mutuamente<sup>26</sup>: a latina enrijecida em sua maneira de tratar a procedência do Espírito na linearidade Pai - Filho = Pai - Filho – Espírito; a grega abrindo-se para a diversidade e simultânea interação entre as Pessoas na vida intratrinitária.<sup>27</sup> Tal complementação, exigente e desafiadora, permanece como objetivo resumido nas palavras de Damaskinos de Tranoupolis que Congar faz questão de lembrar.<sup>28</sup>

## 1.2 Filho e Espírito unidos na obra do Pai: as missões divinas

O princípio e o fim da nossa santificação é Deus, não o platônico, mas o Deus bíblico – uma distinção sempre necessária. “Não o ‘eterno solitário dos séculos’ mas o que é amor e bondade”. Com estas palavras Congar<sup>29</sup> passa a tratar do Espírito e o ser humano no plano de Deus que é Pai e fonte primeira da divindade. Tanto no Oriente quanto no Ocidente a monarquia do Pai é plenamente reconhecida, essa qualidade incomunicável o faz *auctor*. O Filho, recebendo de outro a sua fecundidade, não pode ser considerado *auctor* do Espírito Santo.<sup>30</sup>

---

afirmações dogmáticas. E este era precisamente, o caso do artigo referente à processão do Espírito Santo” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 609-610).

<sup>25</sup> “Para os gregos, é a diferença dos modos de proceder do Pai, por geração, por *ekporesis*, o que afirma as hipóstases como distintas. A crítica latina nunca conseguiu convencer os orientais, que se negam a considerar como vinculante a aplicação de nossas regras lógicas ao mistério de Deus. Entre nós impera o princípio de que em Deus tudo é comum exceto o que distingue uma posição de relação”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 635).

<sup>26</sup> “Na nossa época, portanto, mais uma vez somos *chamados pela fé da Igreja, fé antiga e sempre nova*, a aproximar-nos do Espírito Santo como *aquele que dá a vida*. Neste ponto, podemos contar com a ajuda e serve-nos também de estímulo a herança comum com as *Igrejas orientais*; estas preservaram cuidadosamente as riquezas extraordinárias do ensino dos Padres sobre o Espírito Santo”. (JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, n. 2).

<sup>27</sup> Cf. NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 38.

<sup>28</sup> “Por um lado, é possível e necessário explicar as formulações dos santos padres gregos e, de outra, as dos santos padres latinos e o *Filioque*, sublinhando sua concordância e respeitando plenamente sua originalidade respectiva. A partir do século IV, o *Filioque* veio formar parte da tradição ocidental sem que fosse jamais considerado como um obstáculo à união antes que esta fosse rompida por outros motivos.” ( CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 636). Congar é favorável à proposta de supressão do *Filioque* do Símbolo deixando a formulação mais antiga de 381. Coloca, no entanto, duas ressalvas: que os ortodoxos proclamem o caráter não herético do *Filioque*; segundo: que o povo seja preparado num clima de paciência e respeito.

<sup>29</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 272.

<sup>30</sup> “Mas, em Deus, existem dois modos de comunicação: a comunicação de natureza e a de livre vontade generosa. A plenitude da fonte é incomunicável, enquanto tal; é o próprio do Pai. Por outro lado, o Pai comunica ao Filho o dar a natureza divina, por liberalidade. O ser *auctor* está ligado à *plenitudo fontalis*. Só o

É com esse dado que Congar pretende percorrer a tradição bíblica do mistério divino. Proximidade e transcendência estão presentes na experiência de Israel com Deus como o experienciou Moisés no Horeb: “Diante da sublimidade do ‘Eu sou aquele que sou’, o homem não podia sentir menos que a distância da sua pequenez e de sua ignorância. É que Deus é em si mesmo e para si. E veio a nós desde esta distância; se fez próximo; é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e de Jacó.”<sup>31</sup>

Esse Deus que “ninguém jamais o viu” (*Jo* 1,18) se faz Deus Conosco no Emanuel, Jesus Cristo (*Is* 7,14) e se dá a conhecer no “primogênito entre muitos irmãos” (*ICor* 1,15). Por meio do Espírito vivificador vem habitar nos corações humanos (cf. *Rm* 5,5)... “Aquele que existe antes de todas as coisas, antes que tudo começasse, entrou no tempo; o Absoluto se uniu com o que é relativo e precário”.<sup>32</sup>

De tudo isso é impossível fugir da pergunta secular: Por quê? Nesse ponto não pode haver hesitação: Porque o Absoluto é Amor. “Deus é Amor” (*IJo* 4,8.16) e, como no Novo Testamento “Deus” é identificado com o “Pai”, ele é compreendido como a fonte primeira do amor, o sujeito do ágape sendo, por decorrência, seu Filho “o Amado” (a)gapeto//j).<sup>33</sup> Conferindo o ser ao Espírito, imbuído do mesmo Amor, torna ambos (Filho – Espírito) participantes no desígnio de sua misericórdia através das “missões divinas” pelas quais comunica aos homens sua graça. As missões divinas são “na criatura, a desembocadura das processões intradivinas, uma comunicação do mistério mesmo de Deus”.<sup>34</sup> A obra de Deus é uma só e mesma, Filho e Espírito são enviados pelo Pai para executarem-na.

No momento em que empreendemos estudar as relações entre o Verbo e o Espírito, é preciso primeiro colocar o Pai, pois “Deus” na Escritura é o Pai. A Palavra é Palavra de Deus, isto é, do Pai. O Espírito é Espírito de Deus, isto é, do Pai. O Pai é invisível, habita em uma luz inacessível. O Verbo e o Espírito o revelam e conduzem a ele. Primeiro, porém, ambos saem da boca dele.<sup>35</sup>

---

Pai é *auctor*; o Filho não é *auctor* do Espírito Santo, porque recebe sua fecundidade de outro, do Pai.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 572).

<sup>31</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 575.

<sup>32</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 577.

<sup>33</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 577.

<sup>34</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 577.

<sup>35</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 25.

Congar<sup>36</sup> estabelece um paralelo entre as duas missões a fim de comprovar a “homogeneidade de efeitos ou operações que são atribuídos, ora a Cristo, ora ao Espírito”.<sup>37</sup> Do testemunho da Escritura – e Congar repassa de Gênesis a Apocalipse – percebe-se a associação permanente do Verbo e do Espírito – forma e sopro – na economia da salvação. Desde o início, *dabar* e *ruah* atuam na obra da criação (cf. *Gn* 1,1 – 2,4) e “Pela sua palavra, o Senhor fez os céus, e todos os exércitos através do sopro de sua boca” (*Sl* 33,6).

Espírito e Palavra estão unidos na profecia, de modo paradigmático em Ezequiel: “Depois disso, difundirei o meu Espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão...” (*Ez* 37). Nos livros sapienciais a Sabedoria saiu da boca do Altíssimo (*Eclo* 24,3) e é tanto identificada Filho -Verbo quanto Espírito. Espírito e Palavra estão unidos de forma paradigmática nos Evangelhos: Batismo de Jesus (*Mt* 3); o Espírito inspira palavras de louvor e admiração (*Lc* 1,41.10,21), de defesa contra os perseguidores (*Mt* 10,19).

Nos escritos joaninos o vínculo é mais estreito ainda, a Palavra torna-se alguém concreto: o Verbo da vida, que seus amigos ouviram, viram, contemplaram, tocaram com suas mãos (cf. *1Jo*1,1), encontra a Samaritana onde a água viva “simboliza ao mesmo tempo a palavra revelante e o Espírito. Este é o dom enviado pelo Pai e que pode levar até à vida eterna”.<sup>38</sup>

O Espírito enfim, acompanha a palavra<sup>39</sup> para torná-la eficaz com vistas à obediência da fé como pode ser visto no texto cristão mais antigo: “O Evangelho que vos anunciamos não vos foi apresentado como um simples discurso, mas mostrou superabundantemente o seu poder, pela ação do Espírito Santo” (*1Ts* 1,5). Testemunhos diversos pululam em Pedro, João, Atos dos Apóstolos... constatando-se facilmente que “a Sagrada Escritura, desde o Gênesis até o Apocalipse, desde o primeiro versículo até ao último, dá testemunho da associação do Espírito e da Palavra”.<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> Congar desenvolve muito mais esse tópico em “*A Palavra e o Espírito*” que em “*El Espíritu Santo*”.

<sup>37</sup> NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 45.

<sup>38</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 28.

<sup>39</sup> “A presença e a ação do Espírito assumem por vezes formas espetaculares: em Pentecostes, o Sopro produziu ‘de repente um ruído como o de uma violenta rajada de vento’ (*At* 2,2). Geralmente o Espírito é sussurro interior, e mesmo silêncio. É o Verbo que é a expressão; quanto ao Espírito, ele é inspiração.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 52).

<sup>40</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 30.

Congar segue o ortodoxo Dimitru Staniloae na conclusão de que “o Espírito não é do Filho, mas está com o Filho no Pai, na medida em que a processão acompanha, sem separação e sem distância temporal, o nascimento”.<sup>41</sup>

### 1.3 O Espírito Santo na Cristologia

Ao manifestar-se “por uma Cristologia pneumatológica”<sup>42</sup>, Congar não deixa de apresentar os principais estudos de peso em sua época que relacionavam-se com o mesmo tema.<sup>43</sup> Uma das maiores diferenças é que, ao agregar-se a esses estudos que defendem tal tipo de Cristologia, o faz a partir de seu próprio lugar, ou seja, da Cristologia de configuração tomista.<sup>44</sup> É partindo desse dado – revelador de muito de sua personalidade - que ele identifica, em primeiro lugar, a necessidade de superação de enormes deficiências.

De início constata um papel diluído concedido ao Espírito Santo na encarnação e na obra messiânica de Cristo: o Espírito é no máximo um coadjuvante ou contra-regra cuja ação poderia ser substituída por outro sem muito dano à ação. Em segundo lugar, a desconsideração do caráter propriamente histórico da economia salvífica já que “para Santo Tomás, Cristo tem tudo desde o momento de sua concepção [...]. Nós sustentamos que as etapas históricas marcadas por acontecimentos são verdadeiros momentos qualitativos da autocomunicação de Deus a Jesus Cristo e em Jesus Cristo”.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> “O Senhor glorificado e o Espírito realizam a mesma obra. A unidade do Cristo glorificado e do Espírito é funcional, isto é, de operação. É comum aos dois a obra a realizar nos fiéis: as duas ‘mãos’ que procedem do Pai realizam conjuntamente o que o Pai, que é Amor, quer fazer.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 37).

<sup>42</sup> Com este título abre-se a quarta parte de suas reflexões teológicas em: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 598ss.

<sup>43</sup> Entre os citados: H. Mühlen, *Una Persona Mystica. Eine Person in vielen Personen*, Paderborn 1964. J.D. G. Dunn, *Rediscovering the Spirit*, em “Expository Times”, 84 (1972/73). W. Kasper, *Jesus der Christus*, Mogúncia 1974. *Esprit-Christ-Église*, em *L’expérience de l’Esprit* (Málanges E. Schillebeeckx), Paris 1976; *Die Kirche als sakrament des Geistes*, em *Kirche, Ort des Geistes*, Friburgo 1975. Ph. J. Rosato, *Spirit Christology. Ambiguity and Promise*, 1977. P. Schoonenberg, *Spirit Christology and Logos Christology*, 1977. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 599).

<sup>44</sup> “Fui formado na Cristologia de S. Tomás de Aquino, e a amei. Na verdade, era sobretudo a teologia da graça capital, fundamento de uma doutrina do Corpo Místico. As questões 7 e 8 da *Pars III* continuam sendo-me caras, mas hoje percebo melhor quanto e por que o tratado da *Pars III* q. 1 a 60 – acabo de lê-lo novamente – está superado e não satisfaz” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 99).

<sup>45</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 600.

É assim, partindo da historicidade da obra de Deus, que Congar pretende a aproximação entre Cristologia e Soteriologia<sup>46</sup>, “refutando uma visão estática da economia, concebe-a como uma grandeza histórica cuja realização se constitui através de eventos *kairológicos* seqüenciados no tempo, os quais, uma vez manifestos, trazem algo de novo ou incorrem na mudança de alguma coisa.”<sup>47</sup> Na prática, sustenta que vindas sucessivas do Espírito Santo ocorreram sobre Jesus como no caso paradigmático do batismo no Jordão: “não muda absolutamente nada em Jesus mesmo, mas assinala um *kairós* novo na história da salvação”.<sup>48</sup> É a abordagem típica de uma Cristologia histórica.

Cristologia histórica é aquela que reconhece dois estágios no destino de Jesus Cristo: um estágio de *kenosis*, de Servo, que culmina na cruz e na “descida aos infernos”; e outro glorioso, o da ressurreição e do “sentar-se à direita de Deus”. No primeiro estágio, Cristo recebeu o Espírito; foi santificado e guiado por ele. No segundo estágio, está “sentado à direita de Deus, feito semelhante a Deus e, desta maneira, pode, como homem inclusive, dar o Espírito”.<sup>49</sup>

Torna-se possível então falar em “missões filiatórias do Espírito Santo”<sup>50</sup> ou seja, “produziram-se vindas sucessivas do Espírito sobre Jesus, do ponto de vista de sua qualidade de Cristo - Salvador.”<sup>51</sup> A ação do Espírito fica associada à toda a obra do Verbo e não apenas reduzida a intervenções esporádicas e isoladas. A primeira vinda acontece no ato mesmo da encarnação quando, em concomitância com o Verbo, toma parte na constituição do Filho humanizado do Pai. Jesus realiza perfeitamente a vontade do Pai no caminho da obediência, da oração e da *kenosis*: “Desta maneira, Jesus se comportará como um filho”.<sup>52</sup>

É claro que, a esta altura, a pergunta pela consciência de Jesus é inevitável. Embora seus pressupostos já estejam formuladas nos termos de uma Cristologia histórica, torna-se necessária a correta explicitação a fim de ressaltar o papel do Espírito na união do Filho com o Pai.<sup>53</sup>

---

<sup>46</sup> “Não podemos separar a Cristologia da Soteriologia. “Qui propter nos homines et propter nostram salutem...” A encarnação tem uma finalidade. Aponta para a Páscoa, para a ressurreição, para a Escatologia.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 599).

<sup>47</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 51.

<sup>48</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 602.

<sup>49</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 601-602.

<sup>50</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 52.

<sup>51</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 600.

<sup>52</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 600.

<sup>53</sup> “Que consciência teve, em sua alma humana, de sua qualidade de Filho de Deus? Jamais poderemos desentranhar o mistério. A união hipostática não impediu que sua alma humana, consubstancial à nossa,

Evento paradigmático após a concepção, é o Batismo de Jesus por João. Sobre Jesus desce, em forma corporal, o Espírito Santo enquanto uma voz declara: “Tu és o meu Filho bem-amado; eu hoje te gerei” (Lc 3,22). É a teofania trinitária inaugurando um novo tempo para Jesus (terminou o tempo de João) e para a humanidade: a era messiânica chegou. Embora já habitado pelo Espírito Santo, Jesus recebe uma nova comunicação da graça. Ungido pelo Espírito como Messias, o Cristo de Deus “entra de maneira nova na consciência de ser Filho, Messias, Servo (...) será o tempo de uma nova humanidade, a imagem e seguimento de Jesus, filho e servidor, pelo Espírito”<sup>54</sup> em favor dos homens.<sup>55</sup>

Precisamente tal qualidade será posta em prova no evento seguinte, a tentação no deserto: “Jesus, pleno do Espírito Santo, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto durante quarenta dias e tentado pelo diabo” (Lc 4, 1-2). Diante da tentação, Jesus assume com determinação sua posição de Filho obediente ao Pai. É o que sintetizará, em seguida, na Sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos, a recuperação da vista, para restituir aos oprimidos a liberdade e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19 = Is 61, 1-2).

Por fim, a “ressurreição-glorificação é o segundo momento decisivo para que Jesus adquira de uma maneira nova a qualidade de Filho em virtude da ação de ‘Deus’ por meio de seu Espírito. [...] Estes são textos do que se chama ‘Cristologia da exaltação’”.<sup>56</sup> É o episódio no qual Congar vê o momento decisivo de uma nova aquisição da qualidade de Filho por parte do Servo de Deus: como servo obediente Ele o foi até a morte de cruz (cf. Fl 2,6s), mas Deus o ressuscita através da ação criadora de seu Espírito (cf. 1Tm 3,16; IPd 3,18). É a confirmação do Filho em sua humanidade elevado à glória (cf. Jo 17,5), estabelecido “segundo o Espírito Santo, Filho de Deus com poder” (Rm 1,4). Assim, pelo Espírito, Jesus

---

vivesse sua condição humana de kenosis, de obediência e de oração. Mas o Espírito que o santificava nesta situação (cf. Lc 2,40.52) fazia que compreendesse mais ampla e profundamente que os doutores (Lc 2, 47) e que sua mãe, a quem responde: ‘Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai?’ (Lc 2, 49). Que consciência de si mesmo, que consciência da paternidade de Deus se encontra nesta resposta? O ‘eu’ é o do Filho eterno, mas o que acontece a nível do conteúdo objetivamente consciente (ou apto a sê-lo) da vivência, que podemos chamar de personalidade? Jesus só realizava a relação com seu Pai em e por meio dos atos de sua vida espiritual filial cuja fonte nele era o Espírito Santo.” ( CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 601).

<sup>54</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 602.

<sup>55</sup> “Jesus é declarado Filho do Pai. O era desde sua concepção. São Lucas, que apresenta a voz dizendo: ‘eu hoje te gerei’, sabe perfeitamente que Jesus era Filho e Senhor desde sua concepção. Ele o era em si mesmo, como *Unigenitus a Patre*; se converte, e é declarado, para nós como *Primogenitus in multis fratribus*” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 602).

Cristo Senhor, como “ser espiritual” (*1Cor 15,45*) torna-se capaz de dar ao mundo o dom da graça vivificante (cf. *At 2, 32-35*). Considerando esse duplo movimento ficaria superada uma visão unilateral da ação do Espírito na missão de Jesus.

A partir do testemunho bíblico, torna-se possível compreender então dois estágios na trajetória de Jesus: um primeiro de “kênosis” onde a qualidade de Filho de Deus é vivida na forma de servo, e um segundo estágio de glória, onde Jesus experimenta o “ser Filho de Deus com poder” segundo o Espírito Santo.<sup>57</sup>

É por tudo isso que, nesse modelo de teologia econômica da salvação, Congar se detém no versículo 7 do Salmo 2: “Tu és o meu filho; eu hoje te gerei” e nos locais onde a Escritura o aplica a Cristo: Anunciação, Batismo e Ressurreição. São momentos em que Jesus realmente se torna Filho de Deus de um modo novo, por uma atuação nova do Espírito Santo; não do ponto de vista da união hipostática, mas enquanto desígnio de graça do Pai e sucessão de eventos da história da salvação.<sup>58</sup>

Desta maneira, dentro do mistério da economia da salvação do ser humano, o Filho vai sendo revelado, no Espírito, de “Unigênito” em “Primogênito” pela qual a criatura é adotada, no Filho, por Deus.<sup>59</sup> A Cristologia Pneumatológica baseia-se portanto em duas premissas fundamentais: articulação com a Soteriologia e com a História.

---

<sup>56</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 602-603.

<sup>57</sup> “...no primeiro momento, Jesus recebe do Espírito Santo a santificação e movido por Ele realiza o seu ministério. No segundo momento, ‘sentado à direita de Deus’, Cristo é assemelhado a Deus na sua humanidade mesma, podendo, dessa maneira, enviar ao mundo o Paráclito do Pai. Unida desde o princípio à Pessoa do Verbo, a humanidade de Jesus é elevada à condição de uma humanidade de Filho de Deus (cf. *Jo 15,26*).” (NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 56).

<sup>58</sup> “No caso de Jesus, evitaremos todo adocionismo. Sustentamos que Ele é ontologicamente Filho de Deus pela união hipostática, desde a sua concepção, e que, também desde aquele momento, Ele é o Templo do Espírito Santo, santificado por ele na sua humanidade. Mas, desejando respeitar os momentos ou etapas sucessivas da história da salvação, e dar aos textos do Novo Testamento todo o realismo que têm, propomos que se veja, primeiro por ocasião do batismo e em seguida quando da Ressurreição-exaltação, dois momentos de atuação nova da *virtus* (da eficiência) do Espírito em Jesus, na medida em que Deus o constitui (e não somente o declara) Messias-Salvador, e em seguida Senhor.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 108).

<sup>59</sup> “Tanto para nós como para Jesus, esta qualidade de filhos é, nas suas duas etapas, a obra do Espírito. Ele que, na vida intradivina é o terceiro (na igualdade da consubstancialidade), é na economia, o agente próprio da filiação como efeito da graça e realidade de vida santa. Toda a nossa vida filial é animada pelo Espírito (*Rm 8, 14-17; Gl 4,6*).” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 108).

### 1.3.1 O Espírito faz conhecer e viver o Cristo

“Não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito, pois o Espírito de Deus habita em vós. Se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a ele” (*Rm 8,9*). A partir dessa citação, Congar conclui: a princípio, o Espírito é de Deus; do Pai recebe a missão de ungir, ressuscitar e glorificar a Jesus Cristo, com vistas à divinização humana. Por conseguinte, o Espírito é de Cristo, pois é dele que extrai a herança com a qual introduz os homens, de maneira eficaz, na vivência filial.<sup>60</sup> Não perfaz, portanto, economia própria ou autônoma: todas as suas operações convergem para Cristo: para sustentar a missão do Filho, o Espírito é incansavelmente enviado por Deus ao mundo:

Quanto às relações do Paráclito com Cristo, são as mais íntimas e na ordem da economia salvífica. A revelação do Pai, fonte da fé verdadeira e do amor, deverá ser vivida pelos discípulos rodeados por um mundo hostil, na fidelidade a esta revelação. É a função do Espírito Paráclito, Espírito de Verdade. Através do caminho de Jesus, aquele continua a obra deste: acolher pela fé ao enviado e ao revelador do Pai, guardar suas palavras e seus (seu) mandamento. Ele faz que realizemos a nova relação que Jesus mantém com os seus depois de sua presença sensível: no batismo de água, na consumação da carne e do sangue, na guarda e penetração viva das palavras de Jesus.<sup>61</sup>

O mesmo Espírito que acompanhou tão proximamente a missão terrena de Jesus já era uma presença igualmente significativa entre os discípulos, como faz ver João: “... o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco” (*Jo 14,17*).

No entanto, o Dom do Espírito, próprio dos tempos messiânicos, deve advir de Jesus glorificado, quando elevado à condição de Senhor (*Kyrios*).<sup>62</sup> Dos atos redentores do Cristo em sua passagem para o Pai, decorre a nova missão do Espírito Santo: no plano existencial da nova economia da graça o Senhor age de modo espiritual mas só é reconhecido através do Espírito, em cuja ação se faz testemunhar pois Palavra e Espírito têm uma mesma obra a

---

<sup>60</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 116.

<sup>61</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 85.

<sup>62</sup> “Enquanto os discípulos acompanhavam a Jesus, o viam e escutavam, sua fé estava unida à falta dela, sobretudo à falta de inteligência. O Espírito fará que se apresentem em primeiro plano de suas recordações os ensinamentos de Jesus e amadurecerá neles um testemunho que não será simplesmente uma repetição dos

realizar: “Para falar com clareza e correção da Palavra e do Espírito, o nosso objetivo acarretava o risco de falar separadamente dos dois, quando na verdade eles estão unidos. Estão unidos para realizar a mesma obra, que é decididamente a de Cristo”.<sup>63</sup>

O Espírito enviado por Jesus aos discípulos terá a dimensão de seu próprio retorno e de sua própria presença na comunidade. Congar descortina entre ambos uma clara homogeneidade de finalidade e conteúdo operativo. Após a partida de Cristo, o Espírito assume a tarefa de fazer recordar tudo o que Ele havia dito (cf. *Jo* 14,26), cabe-lhe dar testemunho de Jesus (cf. *Jo* 15,26), introduzindo os discípulos no caminho da verdade total (cf. *Jo* 6,63), como Espírito da verdade de Cristo (cf. *Jo* 16,13-14). Por isso “... o Espírito une seu testemunho ao de Jesus, enviado do Pai na nossa carne, e que é atualizado na Igreja pelo batismo e a eucaristia”.<sup>64</sup> Todos os evangelhos terminam com o envio dos apóstolos à missão, com o dom – em Lucas e João – do Espírito Santo. Missão que é prolongamento daquela de Jesus.

O Espírito opera portanto, no dizer de S. Irineu, a *communicatio Christi*: a intimidade da união com o Cristo. É o Espírito, Aquele que põe a percorrer o caminho de Jesus até a crucificação e exaltação junto do Pai. Em suma, toda a economia da graça é crística, não há uma “idade do Paráclito” sucessiva à de Cristo, como apregoara Joaquim de Fiore no século XII.<sup>65</sup>

O Espírito não inventa uma nova economia, o que lhe compete é vivificar a carne e as palavras de Jesus (cf. *Jo* 6,63). Mais adiante, prossegue o evangelho de João com as palavras do próprio Cristo: “Quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido... Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará” (*Jo* 16, 13-14). Sempre que essa união é quebrada,

---

fatos em sua materialidade, mas sim inteligência e comunicação de seu sentido. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 87).

<sup>63</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 145.

<sup>64</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 85.

<sup>65</sup> Congar dedica um capítulo inteiro ao tema: “Joaquim de Fiore: destino do joaquinismo”, onde diz: “Quando Joaquim cria abrir perspectivas de progresso, estava dando as costas ao sentido das Escrituras, tão perfeitamente captado pela tradição e pela liturgia: o Espírito faz compreender ao Verbo-Filho, que revela o Pai e conduz a Ele.”(CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 157). “Numa avaliação global do pensamento de Joaquim de Fiore, Congar opina que o limite desse conhecido monge foi ter traduzido mal ‘o sentimento original e justo que tinha de que a história está aberta à esperança, à novidade, e procura o evento da liberdade’”. (NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 63).

pendendo a balança para qualquer um dos lados, surge a neurose de uma dissociação impossível.<sup>66</sup>

Segundo Congar<sup>67</sup>, são três as maneiras com as quais o Novo Testamento indica a continuidade da missão do Filho pelo Espírito Santo na história:

1. O Espírito estará sempre com os discípulos, e até neles, e isto para sempre;

2. Os *Atos dos Apóstolos* fazem conhecer, mesmo que de uma forma reconstruída e sistematizada, a vida da Igreja apostólica. Ela é a concretização daquilo que Jesus havia declarado;

3. Um grande processo se desenrolará ao longo da história pró ou contra Jesus. Deus, que tomou o partido por Jesus ressuscitando-o, enviará o Espírito-Paráclito aos discípulos para confortá-los garantindo-lhes que o mundo está errado, e que o inspirador deste já está confundido e condenado. A segurança para os discípulos de Cristo é o Espírito: “Jesus é o caminho (*h(( o(do)/j*), o Espírito é o guia (*o(( o(dhgo)/j*) que faz avançar por este caminho.”<sup>68</sup>

### 1.3.2 O Espírito na Missão do Filho

Do que pode ser notado no desenvolvimento do pensamento de Congar até aqui destaca-se a insistência na comunidade de origem do Filho e do Espírito e, igualmente, no fim e conteúdo de suas missões. No entanto, não há uma comunidade de igualdade, pois o Espírito é uma Pessoa diversa do Verbo: possui algo de característico, detém uma missão própria, original e irreduzível à missão daquele que se encarnou. A unidade não elimina a identidade.<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> “Antes de tudo isto, e em vista de tudo isto, Jesus só é Jesus Cristo e Senhor pelo Espírito Santo (Cristologia pneumatológica). Mas o Espírito Santo só é dado –e, neste sentido, só há Espírito (cf. Jo 7,39)- se Jesus é Cristo e Senhor. Mais radicalmente, na vida eterna de Deus, o Espírito é Espírito do Verbo, sendo este último, como gosta de dizer Tomás de Aquino, não qualquer Verbo, mas Verbo qualificado como coprincípio de Amor, ‘Verbum non quaecumque, sed spirans amorem’.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 146).

<sup>67</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 57s.

<sup>68</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 85.

<sup>69</sup> “O Filho e o Espírito, realizando em comum o desígnio do Pai que os envia, tornando manifesta a sua verdade una, não o fazem da mesma forma. Cada um imprime na própria missão a sua marca hipostática. Na epístola aos Gálatas, Congar encontra uma clareza sobre essa questão. Segundo São Paulo, a missão de Cristo é de

O Espírito não opera, portanto, uma simples lembrança das palavras de Jesus, ele de fato ensina, fazendo recordar, aprofundando a partir da verdade total. Sua atividade compreende pois, dois aspectos: assiste à comunidade tornando vivo o anúncio histórico de Jesus; e ensina todas as coisas, anuncia as realidades futuras, guia os fiéis desde a totalidade da verdade. Mesmo aqui o Espírito age a partir de sua fonte normativa, ou seja, a revelação histórica do Filho Servidor e, simultaneamente, desde a verdade consumada no Cristo glorioso, enquanto desdobramento da primeira. Portanto, há sempre um critério muito bem demonstrado no Evangelho.

Foi dito que entre união e simples identificação (ou fusão) há uma grande diferença: entre o Verbo e o Espírito a união é mesmo acompanhada por uma certa tensão. Um aspecto de liberdade e de misteriosa operação parece incidir nas iniciativas do segundo, com certa autonomia em relação ao primeiro. Nos Atos, vindas sucessivas do Espírito são associadas a momentos decisivos da realização do plano de Deus:<sup>70</sup> Jerusalém, Samaria, Casa de Cornélio, Cesaréia e Éfeso. Na vida dos apóstolos, irrupções e condutas imprevisíveis do Espírito são freqüentes como na escolha de Paulo e Barnabé (cf. *At* 13, 2-4), ou ainda o encontro de Filipe e o eunuco na estrada de Gaza (*At* 8,6): “Em cada um destes grandes momentos dá-se um sinal da intervenção do Espírito: expressar em línguas o louvor de Deus e profetizar”.<sup>71</sup>

Igualmente, na experiência futura dos santos e no peregrinar da Igreja ao longo dos séculos, a espontaneidade e a liberdade do Espírito marcam a caminhada, refere Congar. É ele quem faz surgir vocações, chamados, inspirações de acordo com as necessidades de cada época... a uns sussurra, a outras grita... “sopra onde quer” (*Jo* 3,8), como quer, e pelos meios mais admiravelmente surpreendentes.... age na História.<sup>72</sup>

---

ordem objetiva e contém um valor universal, ou seja, realizar uma vez por todas a redenção do mundo (cf. *Gl* 4, 4-5). Quanto ao Espírito Santo, sua missão é mais interior e de cunho escatológico (cf. *Ef* 1,14).” (NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 64).

<sup>70</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 73.

<sup>71</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 73.

<sup>72</sup> “Muitas vezes na representação da etimasia conciliar, uma pomba figura acima do livro dos Evangelhos: Cristo envia o Espírito, os dois juntos iluminam a assembléia, que representa a Igreja. É uma ilustração do que ensina o Novo Testamento: o Espírito faz reconhecer e confessar Jesus Cristo como enviado do Pai e como Senhor. Ele o faz na História, isto é, na sucessão das gerações, no entrelaçamento das idéias, no entrelaçamento dos eventos, no surgimento de novos recursos e novos problemas, de erros, mas também de graças insígnies e de humilde fidelidade....”. (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 42-43).

É nesse contexto que passa a ser tematizada a relação “carisma e instituição”, e mais além, a liberdade cristã.<sup>73</sup> Primeiramente analisa os movimentos contestatórios surgidos historicamente como tentativa de emancipação, em determinados pontos, da doutrina ou da hierarquia: “Já dissemos muitas vezes que não se deve minimizar a importância dos movimentos espirituais mais ou menos anti-hierárquicos, anti-sacramentários, anti-dominação clerical e por vezes de senhorio, que se têm multiplicado desde o início do século XI.”<sup>74</sup>

Terminando na referência ao pentecostalismo e à renovação carismática católica, a pergunta torna-se inevitável: “Onde está a unidade da Igreja de Cristo nesta efervescência de inspirações?”<sup>75</sup> Como conjuga-se a relação Palavra e Sopra, Instituição e Carisma? É, no fundo, novamente, como conjugar unidade com mera identidade...

Em que sentido a revelação está encerrada, em que sentido não o está? O Espírito sopra onde quer. Jesus o comparou ao vento: contactamos que ele faz com que algo se mexa, mas não sabemos de onde ele vem nem para onde ele vai. Será que existe uma liberdade totalmente emancipada da economia revelada e instituída? Não será preciso procurar somente do lado do Espírito Santo e da sua liberdade, mas também do lado de uma Cristologia pneumatológica? Em que sentido o espírito é Espírito de Cristo? Este sentido está limitado à economia, ou atinge o nível da “teologia”, isto é, do mistério trinitário eterno?<sup>76</sup>

Nesta questão sempre difícil, Congar vê como grande sacrificado o próprio senso da História capaz de fazer a crítica à Tradição e de tratá-la de maneira criativa:<sup>77</sup> tal atitude, longe de diminuir o valor da Tradição, torna-a fecunda e atuante. Por outro lado, é igualmente problemático imaginar “uma espécie de setor livre que estaria reservado ao Espírito Santo, ao lado do funcionamento das estruturas e dos meios da graça instituídos. Esta liberdade é bem

---

<sup>73</sup> A isso o autor dedica seu capítulo V (um dos maiores em seu livro): Uma autonomia do Espírito. In: CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 59-97.

<sup>74</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 59.

<sup>75</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 63.

<sup>76</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 65.

<sup>77</sup> “A Igreja é também diferente de um conservatório das formas do passado. Ela é Tradição, mas a verdadeira tradição é crítica e criatividade, tanto quanto transmissão do idêntico e conservação. Um certo tipo de catolicismo deixou de exprimir a dimensão de esperança. Dizemos ‘exprimir’, pois esta dimensão existia, só que não era tematizada como dimensão da história. Ela era reservada aos ‘Novíssimos’ ou à vida espiritual individual. Faltava senso da história. Parecíamos voltados para o passado, um passado que havia fixado uma ordem a ser mantida para sempre. O futuro é incerto; com excessiva frequência, as iniciativas que caminham em direção a ele, ou pelo menos pretendem isto, têm suscitado desconfiança.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 67).

real – toda a história o atesta - mas é a liberdade do Senhor Jesus, glorificado e vivo, conjuntamente com o seu Espírito.”<sup>78</sup>

Na verdade, assim como o Espírito e o Verbo são inseparáveis, de igual maneira não existem duas Igrejas, uma do Espírito-Carisma e outra do Verbo-Instituição. As duas realidades, embora mantenham a tensão necessária para o próprio dinamismo da obra, são as duas mãos do mesmo Deus executando seu projeto divino de salvação.<sup>79</sup>

Emblemático na questão surge o evento-modelo de Pentecostes<sup>80</sup>. Esta manifestação marcará de modo especial um começo e uma reinterpretação da festividade judaica: “assim como o novo santuário não é outro que Jesus Cristo, aberto a todas as nações, a lei nova será o Espírito que dá testemunho de Jesus em todos os povos”.<sup>81</sup> É por isso que Pentecostes continua sendo uma festa pascal:<sup>82</sup> como aconteceu com Cristo, acontece com a Igreja em Pentecostes.<sup>83</sup>

Essa plenitude não foi totalmente revelada nem totalmente acabada no Cristo segundo a carne: para se completar “foi preciso que Cristo fosse penetrado de Espírito e, para que fosse revelada, foi preciso que o Espírito habitasse os apóstolos e os profetas, que Paulo apóstolo supranumerário, fosse chamado pelo Cristo glorioso e que o ‘mistério’ fosse revelado aos

---

<sup>78</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 75.

<sup>79</sup> “Paulo (1Cor 12,3) e João (1Jo 4,2) fazem do testemunho dado ao Senhor Jesus, o critério da ação do Espírito. Se este traz coisas inéditas no acontecer da história, não se trata de um inédito flutuante e indeciso. Como diz magnificamente Lutero, o Espírito não é cético. Se o Verbo está penetrado de Espírito, o Espírito está penetrado de Verbo. Os dois são inseparáveis, procedendo ambos do Pai. Só existe uma Igreja de Deus, simultaneamente do adquirido e do futuro, mas Ele a constrói com as duas mãos. Elas são justamente aquilo através do qual ‘Deus’ une os homens a si.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 89).

<sup>80</sup> “O cristianismo de Pentecostes é a um tempo Espírito interno e Igreja, imediatismo e mediação. Desconhecer isto, não ver senão uma relação puramente interior, pessoal e direta de pessoas religiosas com Deus, é desconhecer a verdadeira relação religiosa tal qual Deus a revelou e realizou em e por Jesus Cristo. Mas também, afirmar só a instituição, não falar senão dela, calando o momento de interioridade pessoal, é deixar de lado um aspecto autêntico da obra de Deus e da realidade cristã.” (CONGAR, Y. *Se sois minhas testemunhas*, p. 37-38).

<sup>81</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 71.

<sup>82</sup> “Sem dúvida, Pentecostes não se torna uma festa (da Pessoa) do Espírito Santo. Não existe uma festa das pessoas da Santíssima Trindade. Pentecostes permanece sendo uma festa pascal. Não existe mais que um ciclo litúrgico, que é cristológico e pascal. Pelo louvor se celebra o mistério cristão; ou seja, se atualiza pela fé e pelo sacramento”. (CONGAR, *El Espíritu Santo*, p. 71).

<sup>83</sup> “Os Atos nos mostram menos a instituição da Igreja por Cristo do que o exercício de sua vida pela força, frescamente brotante, do Espírito Santo. Também é normal que, sem nada diminuir do princípio hierárquico, manifestem principalmente o princípio comunitário.” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 407).

santos (*Cl* 1,26; *Ef* 3,3-5).”<sup>84</sup> Também Pentecostes precisa ser compreendido à luz da Páscoa de Jesus para que ambas possam ser compreendidas em sua integridade.

Acontece que Pentecostes tem algo de parusia... o Espírito leva à plenitude a obra realizada por Cristo segundo a carne, na tensão entre o alfa e ômega, entre o início e a consumação da obra redentora no final dos tempos. Atrai a humanidade a seu destino último na configuração com o Filho unigênito de Deus. Tal é o itinerário descrito nos Atos dos Apóstolos.<sup>85</sup>

A liberdade do Espírito Santo, embora totalmente real é, ao mesmo tempo, a liberdade de Jesus, vivo e glorificado com quem age em íntima comunhão: “são as duas mãos de Deus que, feito cabeça e coração, mantém como de um só princípio a vitalidade do corpo... Se o Verbo está penetrado de Espírito, o Espírito está penetrado do Verbo, porque ambos procedem do Pai.”<sup>86</sup> Essa atuação conjunta com o Verbo não reduz o Espírito a um mero atualizador, Ele é também fonte de novidade na história.<sup>87</sup>

Espírito e Verbo sempre visam a edificação do Corpo, por isso as intervenções novas do Espírito devem conformar-se completamente ao Evangelho e ao querigma apostólico: o Espírito sopra onde quer, mas sempre quer soprar na direção de Cristo.

Dar um critério cristológico à Pneumatologia é, sem desconhecer a liberdade do Espírito que sopra onde quer (*Jo* 3,8; *2Cor* 3,17), saber que esta liberdade é a da verdade (*Jo* 8,31: “Espírito de Verdade”: 16,13) e que a “missão” ou vinda do Espírito tem relação, acordo, conexão com a do Verbo. O Espírito é quem nos faz membros do Corpo de Cristo (*1Cor* 12,13; *Rm* 8,2ss), mas este corpo não é do Espírito Santo, é o de Cristo.<sup>88</sup>

---

<sup>84</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 89.

<sup>85</sup> “Os Atos concebem a ação salvífica de Cristo realizando-se constantemente nas comunidades. A comunicação do Espírito aos discípulos não é, pois, uma substituição total de Cristo, mas sim a transmissão de sua missão profética – no sentido pleno da palavra – , que consiste em ser porta-voz da mensagem de Deus (...) Sintetizando, poderíamos dizer que Cristo transmite a seus apóstolos a assistência do Espírito que ele havia recebido no Jordão.” (CONGAR, Y. *El Espiritu Santo*, p. 72).

<sup>86</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 69.

<sup>87</sup> “Na ordem da vida de Igreja, o Espírito Santo opera como enviado pelo Filho para completar a sua obra. Mas não se trata mais aqui do simples exercício eficaz dos poderes instituídos pelo Cristo, da simples realização efetiva de uma estrutura posta pelo Verbo encarnado nos dias de sua carne. Trata-se da realização de uma obra conduzida ativamente pelo Cristo glorioso, chefe celeste do corpo” . (CONGAR, Y. *Le Saint-Esprit et le Corps Apostolique réalisateurs de l'oeuvre du Christ*, p. 44).

<sup>88</sup> CONGAR, Y. *El Espiritu Santo*, p. 414.

Para Santo Tomás, Cristo e o Espírito formam juntos um só princípio de graça: Cristo age pelo Espírito, este age por meio daquele. O Espírito é do Verbo, mas Jesus Cristo é do Espírito. Comunicando ao mundo o futuro de Cristo, o Espírito glorifica o Filho, o qual, por sua vez, glorifica o Pai. Se a referência do Espírito ao Verbo é total, não menos contundente, pensa Congar, será a afirmação da monarquia do Pai.<sup>89</sup> É desta maneira que toda economia da salvação leva à profissão da fé trinitária e ao louvor de seu plano divino de redenção da humanidade: “Paradigmaticamente, no Verbo encarnado as duas mãos do Pai se unem para dizer: toda Pneumatologia é Cristologia e toda Cristologia é Pneumatologia, porque em teologia suprassumem-se, doxologicamente, em unidade com o Pai.”<sup>90</sup>

Fica claro, portanto, o caminho proposto por Congar ao longo de toda a argumentação precedente por uma Cristologia pneumatológica e histórica. Entre as contribuições dessa reflexão, duas tornam-se especialmente importantes. A primeira constata que a santidade da Cristologia está na Pneumatologia, ou seja, não há estrutura instituída pelo Verbo feito carne que não esteja pervadida, a um só tempo, pela liberdade transcendental do Espírito que garante a plenitude escatológica do próprio Cristo.

Por isso, o modo latino de compreender a processão do Espírito *ex Patre Filioque* precisa estar atento ao risco de um cristocentrismo paralisante que, no dizer de Congar, implica em nefastas conseqüências para a vida da Igreja e sua identidade no mundo. Também nesse ponto torna-se necessária a saudável abertura à concepção grega do mistério e às contribuições que podem enriquecer os valores da tradição ocidental.<sup>91</sup>

Por outro lado, na Cristologia encontra-se a santidade da Pneumatologia, o que não autoriza uma doutrina isolada ou autônoma do Espírito a que se inclinou em determinados pontos a experiência oriental. O Espírito remete constantemente à verdade do Senhor e seu corpo místico. Ambos atualizam a mesma verdade amorosa do Pai: “na liberdade do Espírito, subjaz a plenitude criativa e poderosa do Glorificado, capaz de trazer para o hoje da história o

---

<sup>89</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 77.

<sup>90</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 71.

<sup>91</sup> “Os orientais correram o risco de se enrijecer em solenes e impressionantes liturgias, numa estética e numa simbologia fascinantes, separando tais rituais da vida comum e da prática social. Os latinos correram o risco contrário de se sobrecarregarem de instituições, de demasiadas missões e atividades. Uma boa teologia do Espírito Santo ao lado de uma boa Cristologia, uma Eclesiologia iluminada por ambas, ajuda a trilhar o caminho de Jesus com uma experiência verdadeiramente trinitária: ‘Jesus é o caminho, a Trindade é a paisagem’”. (SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*, p. 133).

sabor da novidade salvífica futura”.<sup>92</sup> É assim que, Espírito e o Filho realizam na criação e na história<sup>93</sup> o plano de Deus através de suas missões. Como o Verbo, o Espírito participa da gênese<sup>94</sup> salvífica fazendo-se relativo à obra do Filho, configurando os homens ao Cristo cabeça. É serviço que modela e diviniza a humanidade redimida.

Por isso, levando a humanidade a percorrer o caminho de Jesus, o Espírito torna-a participante de sua filiação, conformando-a à divina imagem e semelhança. Como fruto excelente e palpável da Pneumatologia cristológica, impõe-se a antropologia da graça, como apelo existencial à Liberdade e à Vida. Deus chama os homens à Vida verdadeira em Liberdade. Concede-lhes o dom humanizador de seu Espírito<sup>95</sup> e ensina através da sua ação o que é a liberdade e o que é a identidade mantendo a tensão entre ambas sem prejudicar a convergência na missão. Tal missão predestina o ser humano a ser “filho no Filho”.<sup>96</sup>

#### **1.4 Da Pneumatologia à Cristologia para a construção de uma nova antropologia**

Congar constata no capítulo dedicado à questão<sup>97</sup> que o tema cósmico do Espírito criador, embora presente na tradição bíblica, não tem sido muito desenvolvido pela teologia católica.<sup>98</sup> É este, portanto, o convite à reflexão.<sup>99</sup>

---

<sup>92</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 73.

<sup>93</sup> “Já se tornou banal dizer que o cristianismo, depois da religião judaica e com ela, é essencialmente histórico. Deus se deu a conhecer em ações que seu povo guardou, interpretou na fé, e que receberam seu pleno valor na revelação por palavras e escritos inspirados.” (CONGAR, Y. *A História da Igreja*, “lugar teológico”. In: *Concilium*, n.57, 1970-7, p. 887).

<sup>94</sup> Cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 428.

<sup>95</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 74.

<sup>96</sup> “Tudo isto é e será possível porque o mesmo Espírito existe em Cristo, nossa Cabeça, e em seus membros o seu corpo. Em nossa Cabeça está em plenitude. Está desde o começo como princípio de santidade; desde “seu lugar a direita do Pai” como poder do Senhor. Já em sua unção messiânica havia recebido o poder (At 10,38), mas não como quando, elevado a direita de Deus, recebeu o Espírito como Senhor, de modo que pudesse distribuí-lo: At 2, 33-36; Jo 7,39. A nossa predestinação a sermos filhos no Filho, primogênito de uma multidão de irmãos, responde ao fato de que o somos pelo mesmo Espírito, *idem numero*, identicamente o mesmo. Mas ele se encontra em nossa cabeça na plenitude absoluta, em nós segundo a medida do Dom de Deus e de nossa acolhida.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 422).

<sup>97</sup> CONGAR, Y. *A palavra e o Espírito*, p. 137.

<sup>98</sup> Esta lacuna é também constatada por J.Moltmann na recensão que fez sobre o livro de Congar “Je crois en l’Esprit Saint” e que o próprio autor refere: CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 137.

<sup>99</sup> “Somos, pois, convidados a propor, neste último capítulo, o que o leitor nos permitirá denominar, em nosso jargão, alguns elementos de uma antropologia pneumatológica (o termo é também de Nikos Nissiotis) e de um cosmismo pneumatológico. E já que estamos falando em jargão, continuemos: estes dois níveis ou esferas, diremos, dependem da Cristologia pneumatológica.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 137). E ainda:

### 1.4.1 O Espírito Criador na recriação cósmica

Congar, tão sensível às imagens bíblicas e litúrgicas refere mais de uma vez os versos iniciais do *Veni Creator Spiritus*, seqüência da Festa de Pentecostes que, já de início invoca o Espírito Santo como “criador”. Esta concepção, inspirada no relato inicial do Gênesis onde “o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (*Gn 1,3*) remete à imagem “de um pássaro que termina o processo de dar existência a uma ninhada de filhotes”.<sup>100</sup> É por isso que, tanto a antropologia quanto a cosmologia pneumatológica dependem, como no relato bíblico, da obra trinitária, da Pneumatologia cristológica. As implicações antropológicas surgem como decorrência necessária da reflexão.<sup>101</sup>

É claro que, devido à consubstancialidade e pericorese divinas, o Espírito Santo já é uma presença atuante no mundo desde o primeiro ato da criação onde os seres foram chamados à existência. O que Congar quer tratar aqui, de modo especial, é “da continuação e do término da história da salvação. Esta história é inseparavelmente cristológica e pneumatológica. Ela está cheia de Cristo, cheia do Espírito.”<sup>102</sup>

Como dom próprio dos últimos tempos, o Espírito constitui o princípio de uma nova humanidade. Com Ele o escatológico invade o cosmo, feito uma segunda criação.<sup>103</sup> Assim, a esperança cristã torna-se garantia e, ainda mais, projeto e processo transformador<sup>104</sup> de

---

“Mostrar-se-ia, particularmente, que o Povo de Deus é caracterizado pelo conhecimento de Deus e por um reconhecimento existencial de sua presença em todas as coisas. Isto coloca o cristão, simultaneamente, numa independência diante do mundo e um respeito do Mundo como Mundo de Deus, num serviço leal dos homens. O cosmos do cristão é o cosmos da vasta e magnífica Criação, pela qual rende graças (o sentido dos *Hexamérons*), mas é um cosmos da vontade e do plano de Deus. Conhecer esta vontade e tornar-se dela livres e vivas irradiações, caracteriza um Povo de Deus.” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 695).

<sup>100</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 137.

<sup>101</sup> “Em antropologia, trata-se de fazer filhos de Deus, a partir de homens carnais, isto é, nascidos do sangue e de uma vontade de homem (Jo 1,13), e pecadores. Para isto é preciso um segundo nascimento e, podemos dizer, com S. Boaventura, uma segunda criação. [...] É o Espírito que dá a vida e nos faz realizar os atos de filhos adotivos de Deus (Gl 4,6; Rm 8, 13-16).” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 137-138).

<sup>102</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 139.

<sup>103</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 94.

<sup>104</sup> “Oferecendo o mundo cósmico, com uma oferta afetiva, pela consagração de intenção traduzida eventualmente em gestos simbólicos, como a liturgia sabe fazer de maneira tão profunda e tão expressiva; mas igualmente trabalhando para preparar, antecipar, imitar quanto possível a empresa do espírito sobre o cosmo: portanto, animando cristãmente o esforço da História para a integridade e a unidade, procurando, em vez de apartar o homem das coisas, fazê-lo participar o mais possível das coisas na vida do espírito, enquanto se há de

redenção universal realizado em cada pessoa... como na vida de Jesus, o Espírito é companhia, não apenas interventor esporádico.

Somos filhos. Somo-lo pelo Espírito de Cristo, que recebemos como penhor, como início e primeiro dom da herança prometida. Isto nos engaja em processo de libertação. Não temos ainda a fruição da condição dos filhos, que é a glória e liberdade. [...] O mundo, com sua história, está engajado em um processo de libertação. E o está por causa de Cristo e por causa de nós. Por causa de Cristo, pois sua encarnação atrai o mundo a si e a sua Redenção é cósmica.<sup>105</sup>

Não pode passar despercebido que, “para Congar, a função recriadora do Espírito é, primariamente, de ordem antropológica e, a partir desta, de ordem cósmica.”<sup>106</sup> A nova criação começa a partir do novo homem, de tal modo que, se a criação primeira culmina em Adão, a nova criação deve partir do novo Adão, Jesus Cristo. É a assimilação ao Filho em sua condição corporal espiritualizada (cf. *1Cor* 15,45) a consumação da redenção humana ressuscitada dentre os mortos (cf. *Rm* 8,11)... realidades mencionadas no Símbolo diretamente após a fé no Espírito Santo: Igreja, remissão dos pecados, ressurreição da carne, vida eterna<sup>107</sup>.

Por isso, não se pode separar o papel exercido pelo Espírito no cosmos da sua presença nos corações:<sup>108</sup> “... o universo é uno, e o homem é a finalidade dele, já que o mundo ascende, no homem, à dignidade de pessoa, uma vez que o próprio homem é ‘microcosmo’, e assim o destino do mundo está ligado a ele.”<sup>109</sup> É o que São Paulo admiravelmente expressou falando aos romanos: “Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar

---

esforçar-se para libertar o homem de sua servidão aos elementos do mundo, à natureza” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 159).

<sup>105</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 139-140.

<sup>106</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 96.

<sup>107</sup> “O artigo do Espírito Santo no Símbolo se explicita em uma enumeração de obras do Espírito: Igreja, batismo, remissão dos pecados. [...] O Espírito Santo atua na remissão dos pecados. Pode perdoar os pecados a Igreja porque o Espírito habita nela”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 331).

<sup>108</sup> “... a Igreja professa sem cessar a sua fé: *há no nosso mundo criado um Espírito, que é um dom incriado*. É o Espírito do Pai e do Filho: como o Pai e o Filho, ele é incriado, imenso, eterno, onipotente, Deus e Senhor. Este Espírito de Deus ‘enche o universo’, e tudo o que é criado reconhece nele a fonte da própria identidade e nele encontra a própria expressão transcendente, a ele *se dirige e espera-o e invoca-o* com todo o seu ser.” (JOÃO PAULO II. *Dominum et vivificantem*, n. 67).

<sup>109</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 140.

na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores do parto até o presente.” (*Rm 8, 19-22*).<sup>110</sup>

A figura das “dores de parto” expressa magnificamente a tensão de uma história da salvação em processo permanente de libertação marcada pela dor, mas iluminada pela esperança. Primeiramente, por Jesus Cristo “por quem tudo existe e por meio do qual também nós existimos” (*1Cor 8, 6b*) que quis dar esperança aos apóstolos com semelhante imagem do parto (cf. *Jo 16, 21*). Em segundo lugar por causa do ser humano onde, qual “microcosmo”, está presente o mundo inteiro: “Como o gênero humano, também o mundo todo, que intimamente está ligado com o homem e que por ele chega ao seu fim, será perfeitamente restaurado em Cristo” (*Lumen Gentium, 48*); intuição semelhante – e igual otimismo – teve T. Chardin em seu “Fenômeno Humano”.<sup>111</sup>

Esta realidade escatológica, já presente no mundo<sup>112</sup> pela ação do Espírito Santo, ainda não está dada plenamente: obedece à lógica do Reino do “já e ainda não”.<sup>113</sup> É esperança garantida no “penhor do Espírito” (cf. *2 Cor 1,22; 5,5*) que se faz providência renovando e reformando a face da terra continuamente como afirma o Concílio: “Essa ordem, fundada na verdade, construída sobre a justiça e vivificada pelo amor, deve ser cada vez mais desenvolvida e, na liberdade, deve encontrar um equilíbrio cada vez mais humano. Para o conseguir, será necessária a renovação da mentalidade e a introdução de amplas reformas sociais. O Espírito de Deus, que dirige o curso dos tempos e renova a face da terra com

---

<sup>110</sup> “Eis aí o imenso e impressionante esforço que anima a história humana. Acreditamos haver mostrado que esta história tende, por um lado, a superar as oposições que nos fazem sofrer e encontrar uma harmonia, uma paz, uma comunhão, e por outro lado a fazer recuar o domínio do mal sobre o bem, da injustiça sobre a justiça, do erro ou da ignorância sobre a luz, da morte e dos males que trabalham contra a vida. Pois bem, temos aí traços característicos do Reino, visto pelo lado que este interessa à criatura. Somos impotentes, por nós mesmos, para atingir a plena realização e verdade deste Reino, mas este é o sentido do nosso esforço. S. Paulo fala de gemidos. De fato, por que motivo choram as criancinhas, que não dispõem de outros meios de expressão? Para dizer, por exemplo: preciso de alguma coisa, sinto fome, sinto dor; ou então: não quero estar sozinho, quero companhia. Estas são as duas grandes formas da miséria humana”. (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 141).

<sup>111</sup> “Se o Mundo é convergente, e se o Cristo ocupa o centro, então a Cristogênese de São Paulo e de São João outra coisa não é, exatamente, senão o prolongamento ao mesmo tempo esperado e inesperado da Noogênese em que, para nossa experiência, culmina a Cosmogênese. O Cristo se reveste organicamente da própria majestade de sua criação. E, por isso mesmo, é que sem metáfora, através de toda a extensão, de toda a espessura e de toda a profundidade do Mundo em movimento, que o homem se vê capaz de experimentar e de descobrir o seu Deus”. (CHARDIN, Teilhard. *O Fenômeno Humano*. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 341).

<sup>112</sup> “Não podemos saber o que, das forças da História, não trabalha finalmente para o Reino. Deus, que domina o mundo natural como o da graça, lançou por toda a parte sementes que faz concorrer para sua obra, e nos admiraremos um dia, sem dúvida, e muito, de ver por que caminhos ela foi feita em nossa História.” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 136).

<sup>113</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e Espírito*, p. 141.

admirável providência, está presente a esta evolução. E o fermento evangélico despertou e desperta no coração humano uma irreprimível exigência de dignidade.” (*Gaudium et Spes* 26).<sup>114</sup>

A possibilidade de egoísmo e isolamento continua, em nome da liberdade, existindo: nessa dialética, o mal aparece como tentação humana de, renegando o Espírito, “encaracolar-se em si mesmo, de buscar-se a si próprio e de se bastar na ignorância ou no menosprezo de Deus. O Espírito Santo, advogado de Jesus e dos seus discípulos, é também aquele que convence o mundo do pecado (*Jo* 16,9). Ele anima a luta contra a carne”.<sup>115</sup> É por isso que, nessa desafiadora luta<sup>116</sup>, vem do Espírito toda a força vitalizante da liberdade humana.<sup>117</sup> Igualmente a ação do Espírito visa a constituição de “um corpo de filhos de Deus, em Jesus Cristo, um templo de adoração em espírito e verdade, o qual, também ele, não pode ser senão o corpo de Cristo (cf. *Jo* 2, 21).”<sup>118</sup>

O corpo de Cristo toma forma visível na Igreja. Esta, não tem uma missão nova ou diferente que a de ser sacramento da Trindade: “... a missão da Igreja não é acrescentada à de Cristo e do Espírito Santo, senão que é o Sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros a Igreja é enviada a anunciar e dar testemunho, atualizar e difundir o mistério da comunhão da Santíssima Trindade.”<sup>119</sup>

Portanto, a Igreja não é o resumo da ação da Trindade, é o seu sinal. De tal modo que “se somos capazes de dizer onde está a Igreja, somos incapazes de dizer onde ela não está. Não conhecemos nem os limites nem os modos de ação do Espírito no mundo.”<sup>120</sup> Isso, longe de diminuí-la, faz seus limites confundirem-se com os do próprio universo e sua missão –

---

<sup>114</sup> “O Concílio insiste nesta verdade sobre o homem; e a Igreja vê nela uma indicação particularmente vigorosa e determinante das próprias tarefas apostólicas. Sendo o homem, de fato, ‘o caminho da Igreja’, este caminho passa através de todo o mistério de Cristo, modelo divino do homem. Neste caminho, o Espírito Santo, consolidando em cada um de nós ‘o homem interior’, faz com que o homem cada vez mais ‘se encontre plenamente através do dom sincero de si’. Pode-se afirmar que nestas palavras da Constituição Pastoral do Concílio está resumida toda a antropologia cristã.” (JOÃO PAULO II. *Dominum et vivificantem*, n. 59).

<sup>115</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 142-143.

<sup>116</sup> Toda a problemática desta questão é mais propriamente desenvolvida em: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 325-339: “O Espírito e a Luta contra a carne – Espírito e Liberdade” (p. 325-339).

<sup>117</sup> “Isso significa que, Deus sendo Pai de todos, devemos tentar eliminar tudo o que for estrutura de oposição entre os homens, de exploração de um pelo outro, e tender a realizar estruturas de comunhão e de serviço, de justiça e de fraternidade”. (CONGAR, Y. *Se sois minhas testemunhas*, p. 76).

<sup>118</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 143.

<sup>119</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA 738.

<sup>120</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 143.

porque não diferente da do Verbo e do Espírito<sup>121</sup> – alargar-se até o último ser humano: “Então se há de realizar deveras o intento do Criador, que criou o homem à sua imagem e semelhança, quando todos os que participam da natureza humana, regenerados em Cristo pelo Espírito Santo, puderem dizer, volvendo concordes, o olhar para a glória de Deus Pai: ‘Pai Nosso’” (*Ad Gentes*, 7).

É esta vasta rede de solidariedade num destino comum universal, no Cristo cabeça (cf. *Cl* 1,18), que a Igreja<sup>122</sup> foi sábia em professar e que, hoje mais que nunca, torna-se necessário reavivar com todas as conseqüências e contribuições para uma nova visão antropológico-cosmológica.<sup>123</sup>

#### 1.4.2 O Espírito Santo e a libertação do ser humano para a alteridade

Do que foi visto, é fácil constatar que a ação do Espírito Santo precisa sempre ser compreendida como processo permanente de crescimento na tensão espírito – carne e na esperança escatológica do “já e ainda não”<sup>124</sup>. Portanto, quando Jesus fala que o Espírito “convencerá o mundo em matéria de pecado” (*Jo* 16,8) indica o início de um processo que só

---

<sup>121</sup> “A *Libertas Ecclesiae* se converte em liberdade da Igreja no que diz respeito a ela mesma, tomada em suas formas e condicionamentos históricos, em virtude de sua alma evangélica saída da dupla missão do Verbo e do Espírito. O Espírito a empurra para além de si mesma” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 339).

<sup>122</sup> Congar também trata da questão em CONGAR, Y. *El Espíritu Santo* com o seguinte subtítulo: “A Igreja sabe a quem e por quem sobe este louvor. Ela recolhe e dá voz à doxologia do universo”. Sobre a doxologia do final da Oração Eucarística, Congar expressa-se pessoalmente em termos que lembram Teilhard de Chardin: “Como cristão, como sacerdote, pronuncio diariamente esta doxologia com grande intensidade e lhe dou o seguinte sentido: o Espírito Santo, que enche o universo e que, mantendo todas as coisas unidas, sabe tudo o que se diz, recolhe tudo o que, no mundo, é para Deus e está destinado ao Pai, *pros ton Patera*; ele reúne em uma louvação cósmica, por, com e em Cristo, em que tudo tem a sua consistência (*Col* 1, 15-20). Depois do qual, nós, os fiéis, que conhecemos ao Pai e ao que ele enviou, reatualizamos, com Cristo, a invocação que ele nos ensinou e que o Espírito nos faz rezar: Abba, Pai! Tu és o meu Pai.... Desta maneira, a eucaristia, que é ação de graças, adquire toda a sua plenitude. Cada dia, é a minha missa sobre o mundo”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 430).

<sup>123</sup> “Assumimos este vasto mundo na nossa oração, em intercessão e em doxologia, dando por ele glória ao Pai pelo Cristo no Espírito Santo. Pois o Espírito é Aquele que, secretamente, recolhe e junta tudo o que, no mundo, tenta balbuciar ‘Pai Nosso’. Este é o sentido que, pessoalmente, damos cada dia à doxologia que encerra a Anáfora e introduz o ‘Pai Nosso’. Pois é por Ele que nós clamamos, ou é Ele que clama para nós: ‘Abba, Pai’ (*Rm* 8,15; *Gl* 4,6).” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 144).

<sup>124</sup> “Compreendeu-se melhor, de uma parte, que o Cristianismo é inconcebível sem uma referência às últimas realidades, à consumação escatológica e, de outra parte, que as realidades escatológicas não são apenas coisas que virão cronologicamente no fim, mas estão presentes em todo o tempo da Igreja e dão a esse tempo seu sentido interior.” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 95).

estará cumprido totalmente no reino definitivo de Deus, mas diante do qual os homens e mulheres de todos os tempos deverão tomar posição: mais uma vez, união não significa uniformidade.<sup>125</sup>

É o mesmo Espírito que impulsiona o fiel à luta e à prática do amor fraterno num processo de espiritualização filiatória em Jesus Cristo porque, no dizer de Congar, “o Espírito é o Espírito de Jesus Cristo. É um Espírito de adoção. Não só nos dá um título, mas a condição de filhos. Porque a adoção não é algo apenas jurídico, é real. Teremos em nós (em nossos corações) o Espírito do Filho feito nosso irmão primogênito”.<sup>126</sup> Desta forma, a graça penetra no ser humano como uma unção<sup>127</sup> que atinge sua interioridade e estimula, na liberdade, a conversão ao bem oferecido.

A resposta orbitará sempre nos campos da graça e da liberdade e na disposição à necessária ascese que tal conversão necessariamente implica. Quem assim se dispõe, já não viverá a lei, mas o espírito, ou seja, interiorizando os mandamentos pelo dinamismo de sua graça, o Espírito impele o homem a exercê-los desde dentro, como algo inerente à sua própria liberdade: “A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte” (*Rm* 8,2). Desta forma, como comenta Santo Agostinho, não se está mais sob a lei, mas com a lei.<sup>128</sup>

Tal liberdade no Espírito é um dom particularmente precioso à vida da Igreja sob vários aspectos: primeiro Congar ressalta<sup>129</sup> a legítima liberdade conferida pelo Espírito a todos os fiéis<sup>130</sup> à exemplo da ação de Paulo: “Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria; é pela fé que estais firmes” (*2 Cor* 1,24). Semelhante

---

<sup>125</sup> “O marco é de um processo que tem por finalidade revisar o processo histórico de Jesus e sua condenação pelo mundo: trata-se de saber de que lado está o pecado e de que lado está a justiça e como deve ser considerado o primeiro juízo. A ação do Paráclito consiste em obrigar o mundo a reconhecer sua falta e confessar-se culpado.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 330).

<sup>126</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 332-333.

<sup>127</sup> Cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 330.

<sup>128</sup> “*Non est sub lege sed cum lege*”. AGOSTINHO. In Ioan. Ev. tr. III, 2 (PL 35,1397). Apud: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 333.

<sup>129</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 336ss.

<sup>130</sup> “Por ‘homem cristão’ entendemos um homem que não se contenta de ser da Igreja, de seguir as prescrições da Igreja e nem mesmo de irradiar a doutrina da Igreja, seja mesmo em matéria social, mas aquele cujo comportamento se inspira no Evangelho, na fé e na caridade cristã em resposta aos acontecimentos do mundo, e adota uma atitude pessoal, a partir das convicções da consciência.” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 693).

posição não fecha as portas às iniciativas pessoais e formas eclesiais sempre mais criativas e diversas, que objetivem o bem comum (*1Cor 12,7*).<sup>131</sup>

A liberdade, por outro lado, exige da Igreja um movimento de abertura à alteridade<sup>132</sup> criadora dos talentos e dos dons trazidos pelos povos e pela variedade de culturas: “Para levar à unidade tantas realidades diversas, se requer nada menos que o Espírito de Deus; mas levar à unidade respeitando, ou melhor, animando sua diversidade. Naturalmente, não a qualquer preço”.<sup>133</sup> É o Espírito que possibilita esta disponibilidade sem precedentes, capaz até da entrega livre da própria vida. Como no passado, também hoje enfileiram-se os mártires que, no testemunho supremo da liberdade, expõem a vida em defesa dos semelhantes: “Vaticano II, Medellín, Paulo VI, o Sínodo de 1971, João Paulo II, Dom Romero nos disseram que a libertação faz parte da evangelização. Ela tem os seus mártires, que merecem verdadeiramente este título. E também o de profetas.”<sup>134</sup>

Exige ainda capacidade de auto-crítica que é essencial por se tratar de um processo e aprendizado contínuos plenamente realizados apenas no futuro. É por isso que Congar vê na atitude de São Paulo um duro questionamento a determinadas práticas pastorais presentes ainda em alguns lugares. O apóstolo é apresentado como exemplo de respeito à legítima liberdade dos fiéis com os quais “não trata de exercer sua autoridade estabelecendo uma relação de controle sobre eles nem de subordinação a ele.”<sup>135</sup> De fato, Paulo expressa-se nesse sentido várias vezes: “Irmãos, fostes chamados à liberdade” (*Gl 5,13*); “não os façais escravos dos homens” (*1Cor 7,23*); “Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria; é pela fé que estais firmes” (*2Cor 1,24*). Tudo isso faz Congar desabafar:

---

<sup>131</sup> “Por uma parte, admiramos a liberdade com que homens e mulheres na Igreja, têm criado grupos, obras, congregações religiosas sob a influência do Espírito. Mas, por outro lado, estamos ainda muito longe de abrir a vida da Igreja, das paróquias, dos organismos ou organizações oficiais à livre ação dos carismas. É certo que ‘Deus não é Deus da desordem, mas sim da paz’ (*1Cor 14,33*) e que o dom de manifestar o Espírito foi estabelecido com vistas ao bem comum (*1Cor 12,7*). Mas, não sofremos o que o padre Delp qualificava como funcionalismo eclesiástico e no que via um espírito de mesquinhez ávido de segurança e carregado, por fim, de esclerose?”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 337).

<sup>132</sup> “Há evidentemente um proveito para ser tirado das reflexões modernas sobre a existência humana e sobre a relação interpessoal ‘Eu-Tu’ para uma teologia da fé e da relação religiosas. Os últimos estudos católicos sobre a noção de Revelação levam em conta todos estes elementos, sem porém terem dito ainda a última palavra sobre a questão”. (CONGAR, Y. *Situación e tarefas atuais da Teologia*, p. 115-116).

<sup>133</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 220.

<sup>134</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 88.

<sup>135</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 336.

“Que distância da pressão clerical que dominou tão pesadamente – podemos afirmar que já terminou? – em nossos comportamentos pastorais!”<sup>136</sup>

É esta atitude que faz a Igreja dinâmica e é capaz de fazê-la ouvinte da voz do Espírito que clama incessantemente no mundo atual<sup>137</sup> já que “tornando-a livre para ela mesma, o Espírito suscita na Igreja a suplantação de formas e ideologias históricas paralisantes por outras mais condizentes ao espírito do Evangelho e à missão do Reino no tempo presente.”<sup>138</sup>

Conceber a Igreja como comunhão<sup>139</sup> espiritualizada vai de encontro ao Evangelho e da necessidade do homem moderno de re-significar-se e re-significar a sua própria liberdade que não têm outro destino que a comunhão. A liberdade cristã não se isola da história e do compromisso. Ao invés de ausentar-se do mundo, deve nele encarnar-se sempre mais concretamente. Em outras palavras, a tarefa do homem consiste em estar-no-mundo com os outros: “tendo em vista a comunitariedade da pessoa humana, o combate pela realização da liberdade torna-se irredutível à simples esfera do individual. Demanda um processo de conversão simultaneamente pessoal e social.”<sup>140</sup>

Dessa maneira, a conversão rumo à liberdade dos filhos de Deus precisa conter um programa não só pessoal, mas também que diga respeito às realidades humanas: “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também a nossa conduta” (*Gl* 5,25). Sem isso a evangelização permanece inconclusa<sup>141</sup> como bem expressou Paulo VI: “A Igreja evangeliza

---

<sup>136</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 336.

<sup>137</sup> “Não se trata todavia de enriquecer apenas um tratado com um novo capítulo, mas sim de extrair uma nova dimensão da realidade, em consonância com a natureza da Revelação, que, visando o laço religioso entre os dois, fala tanto de Deus quanto do homem.” (CONGAR, Y. *Situação e tarefas atuais da teologia*, p. 18).

<sup>138</sup> NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 112.

<sup>139</sup> “A solução está em uma visão da Igreja como comunhão espiritual socialmente estruturada. ‘Comunhão’ diz ao mesmo tempo convicção ou atividade de alguém, e coisa diferente de um individualismo. Trata-se de participar da vida de uma Igreja, mas esta Igreja é coisa diferente de uma máquina administrativa ou de um poder que comanda sem discricção. O melhor ambiente para a Igreja desdobrar a sua vitalidade é em um clima de liberdade e de confiança. Em tal clima, as reivindicações ou as idéias novas têm o tempo necessário para decantar-se, para difundir-se no corpo sem traumatizá-lo. Se este clima não existir, se uma autoridade rígida intervém logo para exigir um rigoroso conformismo ao habitual, o que há de fecundo no movimento novo não beneficia a Igreja, ou só a beneficia mais tarde..., ou então as reivindicações reprimidas fermentam mal e desembocam em rupturas.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 67).

<sup>140</sup> NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 116.

<sup>141</sup> “Exceto um caso individual, por conseguinte antes excepcional, não podemos fazer cristãos antes de fazer homens. [...] ‘Como falar de sua alma a um homem que está com os pés dentro d’água?’ Eis porque, sem dúvida, os missionários sempre começaram, enquanto empreendiam o anúncio do Evangelho, por abrir dispensários e escolas, elevar a condição da mulher e da criança, ensinar um ofício e o gosto pelo trabalho, recolher os órfãos, cuidar dos leprosos e miseráveis, etc. Há assim espécies de ‘preâmbulos do apostolado’, um pouco como há ‘preâmbulos da fé’: e, como esses consistem numa certa sanidade da razão, aqueles visam uma certa saúde do homem e do meio social em que é chamado a viver, da pressão social que suporta”. (CONGAR,

quando, firmada unicamente na potência divina da mensagem que proclama, procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios” (*Evangelii Nuntiandi*, 18).<sup>142</sup>

### 1.4.3 Filhos no Filho pelo Espírito

Segundo Congar o Espírito, por sua ação na humanidade, constitui o “princípio realizador do mistério cristão, que é o mistério do Filho de Deus feito homem e que faz que os homens nasçam como filhos de Deus”.<sup>143</sup> É a semente – numa imagem de Tomás de Aquino – que faz nascer de Deus e que santifica e salva os homens, confirmando-os gratuitamente: “porque Deus vos escolheu desde o princípio para serdes salvos mediante a santificação do Espírito e a fé na verdade, e por meio do nosso evangelho vos chamou a tomar parte na glória de Nosso Senhor Jesus Cristo” (2Ts 2, 13s).

O mesmo Espírito que opera a filiação é a sua garantia: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados” (Rm 8, 16s). O mesmo Espírito “que gerou em Maria a humanidade de Jesus e a este revestiu da glória filial na ressurreição, realiza conosco algo semelhante, constituindo-nos participantes da vida filial de Cristo” (cf. Fl 2,5).

Enquanto o Filho é gerado eternamente pelo Pai, nós somos feitos filhos pela vontade divina, adotivos, mas verdadeiros filhos no Filho: “‘Ser irmão de Jesus’ não é um título

---

Y. *Se sois minhas testemunhas*, p. 75-76). É surpreendentemente interessante a visão de Congar a esse respeito (CONGAR, Y. *Jésus-Christ: notre Médiateur, notre Seigneur*, p. 71-94) quando sob o título “Deus se revela através da pobreza” tematiza os seguintes elementos: a)O mistério dos pobres, b)Nosso caminho para Deus passa pelos pobres, e c)Os pobres no mistério da Encarnação.

<sup>142</sup> “Se o Espírito é um espírito filial que nos faz dizer: Abba, Pai! não podemos invocar a Deus, Pai de todos os homens, se nos negamos a comportar-nos fraternalmente com tais e quais pessoas criadas à imagem de Deus. A relação do homem com Deus Pai e a relação do homem com seus irmãos humanos estão unidas de tal maneira que a Escritura diz: ‘O que não ama não conhece a Deus’ (1Jo 4,8).” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 327).

<sup>143</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 274.

puramente jurídico ou moral. O título de *filhos* que nos é dado nos assemelha ao Filho eterno mais que pela exemplaridade”<sup>144</sup> já que, destes, Jesus é o Primeiro.

Com a diferença que existe entre Filho por natureza e filho por adoção, diferença que expressa Jesus e que São João assinala utilizando *tekna* quando se refere a nós e *uios* quando se refere a Jesus. Somos verdadeiramente filhos de Deus por adoção e por graça. Formamos com o Filho um só ser filial. Ele é o Filho único (*monogenes*), mas também o filho primogênito de uma multidão de irmãos. Assim, em Jesus e graças a Ele, o Pai nos diz: “Tu és meu filho”.<sup>145</sup>

Passando em revista a Tradição, Congar analisa o desenvolvimento da reflexão sobre a natureza da filiação adotiva partindo do antigo axioma: “O Espírito nos leva ao Filho que nos leva ao Pai”: somos filhos pelo Espírito Santo, por uma comunicação do Espírito do Filho que nos faz orar: Abba, Pai!<sup>146</sup> É essa oração, fruto da presença divina, que inspira toda a vida cristã e a coloca num processo dinâmico de filiação que se insere na dinâmica do Reino: realidade e promessa.<sup>147</sup>

Na mesma linha encontra-se o capítulo oitavo da Carta aos Romanos onde São Paulo concebe a filiação escatológica como desabrochamento da filiação presente: “Penso com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós. Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus.” (*Rm* 8, 18s). Mantendo-se de tal forma o dinamismo que envolve dom e responsabilidade, caráter ontológico e construção cotidiana, o ser humano é chamado a corresponder tão grande dádiva através de sua adesão ao projeto divino de salvação.<sup>148</sup>

Num tal contexto, é plenamente relevante a abordagem da “Maternidade em Deus e a feminilidade do Espírito Santo”.<sup>149</sup> Embora Congar reconheça que as Escrituras evitem sexualizar Deus – ainda mais num contexto de grandes divindades femininas – nota que, na

---

<sup>144</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 302-303.

<sup>145</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 421.

<sup>146</sup> Cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 421.

<sup>147</sup> Cf. NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 124.

<sup>148</sup> “Tudo isso é e será possível porque o mesmo Espírito existe em Cristo, nossa cabeça, e em seus membros o seu corpo. Em nossa cabeça está em plenitude. Está desde o começo como princípio de santidade; desde sua ascensão à direita do Pai com poder de Senhor. [...] A nossa predestinação a sermos filhos no Filho, primogênito de uma multidão de irmãos, responde o fato de que o somos pelo mesmo Espírito, *idem numero*, identicamente o mesmo. Mas ele se encontra em nossa cabeça em plenitude absoluta, em nós segundo a medida do dom de Deus e de nossa acolhida.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 422).

mesma revelação bíblica, não faltam “traços femininos sublinhados pelo vocabulário empregado”.<sup>150</sup> Leva em conta também que, no contexto da devoção católica moderna, o papel maternal do Espírito Santo tem sido freqüentemente deslocado para a figura da Virgem Maria, causando estranheza por alguns exageros<sup>151</sup>, mas perfeitamente saudável quando bem interpretada.<sup>152</sup>

Uma tal função, reconhece ainda Congar, é semelhante à Tradição da Igreja que comporta-se com tarefas correspondentes ao papel da mãe: “o Espírito, que é o sujeito transcendente da Igreja, completa a obra do Verbo interiorizando-a e atualizando-a no decurso dos dias, mediante uma ação íntima de educação e uma espécie de impregnação: função maternal e feminina que põe o selo da consumação à função do Pai e do Verbo-Filho.”<sup>153</sup> Essa reflexão aponta, de certa maneira, para a questão eclesiológica como paradigma de compreensão da ação do Espírito no mundo de hoje que Congar desenvolve ao tratar dos dons e carismas espirituais.

De fato, é possível reconhecer a origem da teologia dos dons em *Is* 11, 1-2: “Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes; sobre ele pousará o espírito de Yahveh: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de ciência e temor de Yahveh”<sup>154</sup>. Para salvaguardar a ordem e o bem geral de toda a

---

<sup>149</sup> É o capítulo terceiro das Reflexões Teológicas da terceira parte de CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 588-598.

<sup>150</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 589: “...o emprego da palavra ‘ternura’ num contexto predominantemente feminino, e que é o mesmo para designar entranhas maternas. A Sabedoria como ‘shekinah’: fonte de fecundidade, de intimidade e de alegria. A mulher de *Ap* 12, figura de Maria e da Igreja, mas também do Espírito Santo. E mesmo a palavra ‘ruah’ que em hebraico é de ordem feminina. Outros testemunhos de igual interpretação são fornecidos pela Tradição especialmente em Clemente de Alexandria, Orígenes, São Jerônimo, Metódio de Filipos, Gregório Nazianzeno e em teólogos modernos.”

<sup>151</sup> “Como indicamos acima, na devoção católica moderna, a função maternal do Espírito Santo tem sido suplantada, freqüentemente, pela Virgem Maria. Temos aí um valor talvez ambíguo, mas que forma parte das profundezas do mistério cristão.”(CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 598).

<sup>152</sup> “... a função de Maria se situa na do Espírito Santo, que a fez mãe do Verbo encarnado, que é o princípio de toda a santidade e da comunhão dos santos. No ‘mistério cristão’, Maria possui, de maneira eminente, a posição de modelo da Igreja e de intercessão universal. É, nela, a obra do Espírito. Os cristãos desejam configurar suas vidas tendo presente a imagem da que recebeu a Cristo e o deu ao mundo e dirigem suas preces a ela para que se realize essa imitação. Eles esperam isto de Cristo mesmo, que opera por meio de seu Espírito, mas com o sentimento de que Maria coopera na ação, a título de modelo e intercessão. Daí surge essa experiência mariana que envolve sua experiência da graça e do Espírito com um realismo concreto e acolhedor.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 193).

<sup>153</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 598.

<sup>154</sup> “Esse texto é importante para toda a Pneumatologia do Antigo Testamento, porque constitui como que uma ponte entre o antigo conceito bíblico do ‘espírito’, entendido, primeiramente, como ‘sopro carismático’, e o ‘Espírito’ como pessoa e como dom, dom para a pessoa. O Messias da estirpe de Davi (‘do tronco de Jessé’) é precisamente essa pessoa, sobre a qual ‘pousará’ o Espírito do Senhor. É evidente que, neste caso, não se pode falar ainda da revelação do Paráclito; todavia, com essa alusão o caminho que, uma vez demandado, vai

comunidade devido às constantes ameaças do individualismo e do uso anárquico dos dons, já no Novo Testamento São Paulo estabelece critérios: primazia da Palavra de Deus, que o Espírito seja reconhecido como sujeito livre e soberano, utilidade para o crescimento da comunidade... ou seja, uma compreensão eminentemente eclesiológica dos carismas espirituais.<sup>155</sup>

Porém, a concepção paulina dos carismas muitas vezes foi preterida a uma redução a dons extraordinários e miraculosos, vindo a ganhar força novamente no século XX<sup>156</sup> com a *Mistici Corporis* de Pio XII, e de modo especial com o Concílio Vaticano II: “Devem aceitar-se estes carismas com ação de graças e consolação, pois todos, desde os mais extraordinários aos mais simples e comuns, são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja.” (*Lumen Gentium*, 12b). Contudo, Congar reconhece que, na prática, “há um caminho a percorrer até que reconheçamos aos carismas seu lugar verdadeiro”;<sup>157</sup> caminho esse que supere dois defeitos presentes em muitas reflexões sobre o tema: a oposição entre “carisma” e “instituição” por um lado, e a visão de carisma como um registro especial de atividades a desempenhar, por outro.<sup>158</sup>

Para tocar uma realidade atual muito afim com o tema, Congar analisa o Movimento da Renovação Carismática (que prefere chamar “Renovação no Espírito” ou “Renovação”).<sup>159</sup> Nela reconhece aspectos positivos de grande valor como a recuperação da vitalidade dos carismas favorecendo a superação do juridicismo sacramental e do funcionalismo institucional; valorização do “princípio pessoal” de iniciativa e

---

preparando a revelação plena do Espírito Santo, na unidade do mistério trinitário, a qual se tornará manifesta, finalmente, na Nova Aliança.” (JOÃO PAULO II. *Domínium et vivificantem*, n. 15). Congar trata rapidamente desse trecho (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 35) quando fala dos textos pneumatológicos presentes nos profetas do Antigo Testamento.

<sup>155</sup> Cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 366.

<sup>156</sup> Sobre esse assunto, ver o interessante estudo “A temática do Espírito Santo no magistério pontifício dos fins do século XIX e inícios do século XX” em BOFF, Lina. *Espírito e missão na Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1994. 2v. p. 124.

<sup>157</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 65.

<sup>158</sup> “Já se escreveu muito sobre os carismas. O autor da presente obra leu dezenas e dezenas de publicações. Grande número delas sofrem de dois defeitos: de uma parte, a equivocada oposição, convertida em falsa problemática, entre ‘carismas’ e ‘instituição’ ou funções institucionalizadas. Essa problemática provém de Harnack, de Sohm e também de Troeltsch. São a degeneração dos problemas teológicos da Pneumatologia e Eclesiologia em sociologia da religião. Por outra parte – mas as duas vão unidas – o pensar que o carisma está constituído por um dom particular do Espírito que representaria, por conseguinte, um registro especial de atividades.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 63).

<sup>159</sup> Congar trata do tema ocupando todo o final da segunda parte de CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 349-415.

responsabilidade na comunidade, eleição da “experiência espiritual” como lugar de destaque na vida ordinária do cristão para viabilizar novas formas de evangelização.<sup>160</sup>

No entanto, não deixa de apontar sérias limitações: tendência ao fundamentalismo bíblico e ao anti-intelectualismo que podem levar facilmente ao pietismo (separação entre Espírito e Verbo é inaceitável); valorização excessiva do sentimental (que exige um tríplice discernimento: doutrinal, pessoal, comunitário) acarretando o perigo do desprezo das mediações históricas e do engajamento na transformação social.<sup>161</sup>

Assim, para que a Renovação Carismática contribua efetivamente para a “verdade católica”, Congar estabelece duas condições<sup>162</sup>: a) que esteja inserida na grande comunidade católica, consciente de não possuir o monopólio do Espírito Santo; b) que busque na Cristologia o critério permanente de santidade de sua Pneumatologia.<sup>163</sup>

#### 1.4.4 Uma Eclesiologia pneumatológica

As missões do Verbo e do Espírito referem-se fundamentalmente à edificação e plenificação da comunidade humana de salvação: o homem novo nascido do Pentecostes, imagem do Filho de Deus, é gerado na Igreja, como Igreja e para a Igreja. Recapitulando o

---

<sup>160</sup> “Frente a esta concepção de Igreja, o interesse da renovação reside em assegurar a qualidade sobrenatural do povo cristão na base; em dar um rosto mais perceptível aos carismas – sem monopolizá-los –; introduzir de novo no decurso ordinário da vida eclesial atividades tais como a ‘profecia’ ou as curas não só espirituais – o sacramento da reconciliação contribuiu sempre para elas – , mas também físicas. Sem que isso suponha desconhecer ou depreciar o que germina, cresce e floresce onde quer, podemos dizer que a renovação, em seu nível e à sua maneira, é uma resposta à espera pentecostal expressa por João XXIII. Paulo VI falou também de que ‘a Igreja tem necessidade de um Pentecostes perpétuo.’” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 356).

<sup>161</sup> “O evangelho total exige tanto o vertical, o além de Deus, como o horizontal ou o aqui-de-baixo-do-homem. Naturalmente, ao dizer isto, não excluimos vocações, situações e destinos particulares. O problema se apresenta, de maneira especial, nos países profundamente religiosos e pobres, injustamente dominados e explorados, para os quais a libertação da miséria e de uma situação injusta requer análise e compromissos críticos concretos.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 374).

<sup>162</sup> Cf. CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 413ss.

<sup>163</sup> “O Espírito e o Cristo-Verbo se condicionam mutuamente. O Espírito refere-se ao Verbo, não anula suas exigências, abre a elas, de modo que o Cristo Verbo se faz presente, interior, dinamicamente ativo pelo Espírito. Em uma meditação bíblica de grande profundidade, um membro católico da renovação, o Padre Étienne Garin, escreve: ‘Sem o Espírito, a Palavra fica estéril, uma semente sem água. Sem a Palavra, o Espírito se reduz à busca cega, errante, da água sem semente’. Ó grande, santa, apaixonante Igreja que é inseparavelmente corpo de Cristo e templo do Espírito, cidade construída sobre os apóstolos do Senhor e lugar onde atua o Espírito ‘que falou pelos profetas’”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 415).

gênero humano eclesialmente, em Cristo, o Espírito anima e sustenta o Povo de Deus, Corpo uno do Cristo glorioso, Templo vivo de sua graça. A Eclesiologia forma assim o substrato concreto e dinâmico da Pneumatologia histórica.<sup>164</sup> Portanto, sem uma Cristologia pneumatológica não há Eclesiologia, e sem uma Eclesiologia pneumatológica não há verdadeira Cristologia. É precisamente no Espírito Santo que encontra-se a fonte da vitalidade da Igreja, no dizer de Santo Agostinho, “sua própria alma.”<sup>165</sup>

É Ele também a fonte do princípio transcendental da sua unidade que, agindo, torna a Igreja “um povo cuja unidade é tirada da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (*Lumen Gentium* 4).

Crer no Espírito Santo que faz uma, santa, católica e apostólica a Igreja é crer na realização da promessa de Deus na Igreja, nesta realidade concreta e complexa “feita de um duplo elemento, divino e humano” de que fala o Concílio Vaticano II [...] Trata-se da Igreja histórica e visível, da qual Jesus é o fundador (e, sempre vivo e ativo, é o seu fundamento permanente). O Espírito lhe dá vida e faz crescer enquanto corpo de Cristo. A Igreja, em sua vida e sua fonte, é o fruto das duas “missões divinas” [...].<sup>166</sup>

É por isso que Congar reconhece o valor das críticas feitas pelos orientais à questão do *Filioque*<sup>167</sup> sobretudo naquilo que implicaria no perigo de cristomonismo e de uma compreensão funcional e não verdadeiramente pessoal da missão do Espírito na construção da Igreja.<sup>168</sup> Embora as considere exageradas, reconhece seu valor em predispor a teologia latina a uma profunda autocrítica.<sup>169</sup> Também do lado protestante, que acusava a Igreja de

---

<sup>164</sup> Cf. NOGUEIRA, L. E. *O Espírito e o Verbo*, p. 151.

<sup>165</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 207.

<sup>166</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 209-210.

<sup>167</sup> Segundo Congar, “tem-se afirmado muitas vezes que o *Filioque* acarretou, na cristandade ocidental, conseqüências caracterizadas em antropologia, em teologia sacramentária, e sobretudo em Eclesiologia. Poderíamos escrever um volume inteiro sobre a questão.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 129). As nove teses com as quais Congar conclui suas investigações sobre o *Filioque* podem ser encontradas resumidas em COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*, p. 209. Sobre a pertinência da discussão para a América Latina: “Do ponto de vista da América Latina, este problema pode parecer marginal. No entanto, não convém que a América Latina desconheça a Igreja Oriental e a sua teologia. Na América Latina a Igreja Católica poderia inconscientemente prolongar um exclusivismo latino prejudicial. A teologia latino-americana precisa de um contato profundo com a tradição do oriente cristão. Pois, as tendências ocidentais para o cristomonismo são ainda mais fortes na América Latina do que nas metrópoles. [...] Tem todas as vantagens em tomar inclusive iniciativas na área do ecumenismo.” (COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*, p. 216-217).

<sup>168</sup> É interessante notar que este aspecto abordado em várias passagens das obras de Congar, ainda continua a ser objeto de reflexão: cf. LEPARGNEUR, H. Impactos Eclesiológicos do “*Filioque*”. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 251, 2003, p. 555-569.

<sup>169</sup> “Reconhecemos uma parte de razão à censura de ‘cristomonismo’, mas também mostramos que estamos nos corrigindo. Digamos com franqueza, aliás, que muitas exposições nos têm parecido, sob a crítica do nosso

immanentizar o Espírito ao aparelho eclesiástico fazendo o dogma católico repousar sobre uma trindade: Deus-Cristo-Igreja, a crítica, embora caricatural, pôde revelar a evidência no vínculo do Espírito com a Instituição mais que a atualidade de suas livres intervenções na Igreja em marcha dinâmica.

Embora Congar reconheça que as referências ao Espírito Santo nos textos conciliares não sejam suficientes para constituir um tratado completo, prefere recolher “os elementos de verdadeira Pneumatologia existentes no Concílio Vaticano II, cujo dinamismo está ativo desde então na Igreja Católica”.<sup>170</sup> Mesmo conservando a referência cristológica – por que é de Cristo o Espírito! (cf. *Lumen Gentium* 7) – o Concílio<sup>171</sup> não faz da idéia do Corpo Místico a definição da Igreja. Rejeitando o esquema da “encarnação continuada”, valoriza a presença dinâmica do Espírito na animação da vida eclesial, unguindo santificadamente todos os fiéis (cf. *Presbyterorum Ordinis* 2).

Numa visão trinitária da Igreja (*Lumen Gentium* 4; *Unitatis Redintegratio* 2), os Padres concebem-na como “Povo de Deus”, “Corpo de Cristo” e “Templo do Espírito Santo” (cf. *Ad Gentes* 7), abrindo-se assim a uma nova teologia dos ministérios pela redescoberta dos carismas (*Lumen Gentium* 12). Em detrimento de uma concepção piramidal e clerical, defendem uma “Igreja Comunhão”, incrementadora das Igrejas locais e favorável ao *sensus fidelium* (cf. *Lumen Gentium* 12).

E ainda o Concílio redescobre o caráter epiclético dos sacramentos e de toda a liturgia (cf. *Presbyterorum Ordinis* 2 e 5) reconhecendo, além disso, que o Espírito Santo seja o mentor do movimento ecumênico (cf. *Unitatis Redintegratio* 1) e de um constante *aggiornamento* da Igreja (cf. *Gaudium et Spes* 21).

O movimento de idéias porém, que fermentou o Vaticano II, o próprio Concílio e o que vem elaborado a partir dele, representa, no pensamento de Congar, “uma correção de

---

‘cristomonismo’ e da nossa falta de Pneumatologia, serem bastante artificialmente reconstruídas e traduzirem sobretudo o conjunto daquilo que agrada ou desagrade ao autor. Não se pode adicionar o que agrada e chamá-lo de Pneumatologia, e depois o que desagrade e dizer: jurisdicismo católico romano!” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 134-135).

<sup>170</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 195 ss.

<sup>171</sup> Segue a síntese dos pontos principais apresentados por Congar sobre a Pneumatologia do Vaticano II elencados em NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 162-164.

unilateralismos passados” e uma abertura à autêntica Pneumatologia.<sup>172</sup> Pneumatologia esta que deverá, necessariamente ser confirmada pela prática mais que pelos textos.<sup>173</sup>

Uma Eclesiologia pneumatológica trará com vigor renovado a reflexão sobre sua catolicidade como fruto do mesmo Espírito “que a faz católica tanto no espaço da extensão do mundo como no tempo da história”.<sup>174</sup> Sobretudo nos tempos atuais, mais que nunca é premente a consciência da universalidade à que a Igreja precisa responder.<sup>175</sup>

Desta maneira, os carismas não constituem distinção meramente individualista, mas “serviço e edificação mútua”.<sup>176</sup> Dons que afetam pessoas que, por sua vez, fazem parte “de um povo, de uma tradição, de uma cultura, de um meio ambiente concreto à que são apropriados, de alguma maneira, seus dons”. É uma exigência da catolicidade esta contínua relação de serviço e trocas mútuas sem as quais – sejam materiais ou intelectuais – põe-se em xeque uma característica fundamentada em sua própria essência espiritual.

Nesse sentido expressa-se o Concílio: “Este caráter de universalidade que adorna o Povo de Deus, é um dom do próprio Senhor, graças ao qual a Igreja tende constantemente e eficazmente para recapitular em Cristo, sua cabeça, na unidade do Espírito, a humanidade inteira, com tudo o que ela tem de bom” (*Lumen Gentium* 13). Tal caráter fica claro nas Igrejas locais e particulares onde “são necessários a unidade e o pluralismo, um pluralismo na unidade e uma unidade sem uniformidade”.<sup>177</sup>

---

<sup>172</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 132.

<sup>173</sup> “A Pneumatologia, como teologia e dimensão da Eclesiologia, só encontrará seu pleno desenvolvimento no que se realize e viva na Igreja. Nesta área, a teoria depende amplamente da prática. Assim, Paulo VI, que depois de levar ao termo o concílio inaugurado por João XXIII repetiu o desejo de um novo Pentecostes, pode dizer: ‘A Cristologia, e especialmente a Eclesiologia do Concílio, deve suceder um novo estudo e um novo culto sobre o Espírito Santo justamente como complemento que não deve faltar ao ensinamento do Concílio’.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 201).

<sup>174</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 228 ss.

<sup>175</sup> “O cristianismo católico entrou em contato com culturas e religiões novas desde seu primeiro pentecostes, mas atualmente é chamado a conhecer e aceitar essas culturas e religiões de maneira nova. Por quê? Porque as pessoas mantêm atualmente contatos recíprocos muito mais intensos; por meio das viagens, dos intercâmbios, dos relatos, da televisão... Hoje todos podemos estar presentes em quase todo lugar. Porque dispomos de melhores meios de conhecimento autêntico das culturas e das religiões e temos maior interesse em conhecê-las. [...] Nesta sintonia, a Igreja é chamada atualmente a ser a Igreja dos povos de uma forma nova.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 230).

<sup>176</sup> Sobre os carismas, segue-se: CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 230-231.

<sup>177</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 231.

É o Espírito Santo que faz a catolicidade da Igreja, da mesma forma que mantém suas outras notas já que “as propriedades da Igreja são interiores umas às outras”.<sup>178</sup> É Ele o responsável, em última análise pela atualização constante da Palavra de Deus que, na Igreja é endereçada a todos os seres humanos de todos os tempos.<sup>179</sup>

Um tal dom como a catolicidade traz junto de si a responsabilidade de permanente atenção aos “sinais dos tempos” de que falam João XXIII (*Pacem in terris*) e o Concílio<sup>180</sup>: “Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático.” (*Gaudium et Spes* 4).

Se perceber tais sinais é obra que exige sensibilidade e humildade verdadeiramente evangélicas, muito mais desafiante torna-se saber interpretá-los de acordo com o que Deus quer falar através da história.<sup>181</sup>

É o Espírito que atualiza no mundo de hoje a Páscoa de Cristo, atualiza também sua revelação: “porque se Cristo nasceu só uma vez, falou, morreu e ressuscitou uma vez só, esta uma vez tem que ser recebida, lançar raízes e produzir fruto em uma humanidade que se multiplica e diversifica de maneira indefinida através das culturas, os espaços humanos e o

---

<sup>178</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 232.

<sup>179</sup> “Partindo da letra, o Espírito atualiza a Palavra. Faz que ela fale a cada geração, a cada ambiente cultural e tendo em conta a conjuntura de cada momento. Assiste a comunidade cristã para que ela capte o sentido que tem a Palavra. [...] Essa ‘unção’ da fé, que vem do Espírito Santo se exerce no decurso da história.[...] A este aspecto existe uma ação reveladora constante de Deus nos homens chamados à fé ou que vivem na fé. Mas é preciso dar um passo a mais. Não fala Deus atualmente nos acontecimentos e na vida das pessoas? É esta uma pergunta que nossa era coloca com insistência.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 231).

<sup>180</sup> “Quanto à intenção geral do concílio quando usa a palavra sinal dos tempos não há hesitação possível. O concílio queria reconhecer que existe a história, que a Igreja está na história, que os tempos da cristandade já passaram e que a Igreja deve abrir-se para a modernidade. Durante séculos a Igreja condenou a modernidade na esperança de rever um dia a cristandade. Hoje em dia está na hora de reconhecer a realidade: existe um novo mundo. Este sentido global está muito claro.” (COMBLIN, J. Vaticano II: um futuro esquecido? In: *Concilium*, n. 312, 2005-4, p. 101).

<sup>181</sup> “Não desconhecemos nem que Deus atua na história, inclusive na do mundo-mundo, nem que os acontecimentos ou movimentos históricos têm algo para dizer-nos do que Deus quer para nós e, por conseguinte, daquilo que ele é. Mas a dificuldade reside na interpretação. Esta só pode ir mais além da conjuntura unida às convicções pessoais se o sentido dos atos está relacionado e iluminado com a revelação positiva do plano de Deus, do qual Jesus Cristo é o centro; tendo sempre presente que a salvação e o reino a que aponta esse plano englobam oração e respondem a seu gemido e a sua esperança (cf. Rm 8, 20-24)”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 239).

desenvolvimento do tempo.”<sup>182</sup> Esta tarefa pneumatológica contudo, não está dissociada do Filho de modo que “não existe uma era do Paráclito distinta da de Jesus Cristo, como imaginou Joaquin de Fiore, traduzindo mal o sentimento original e justo de que a história está aberta à esperança e à novidade. A catolicidade é a catolicidade de Cristo”.<sup>183</sup>

Mais uma vez, a saúde da Pneumatologia radica em sua referência à Cristologia, a catolicidade da Igreja em relação com a catolicidade de Cristo que permanece sempre, em última análise, no âmbito do mistério divino. É preciso, antes de mais nada, confiar no Espírito que é o único que conhece de fato os corações e frustra os preconceitos humanos com a novidade contínua dos milagres da graça. Dessa forma, pode-se avançar para a liberdade dos filhos de Deus que renunciam, em favor do mesmo Espírito, à fácil “diabolização” do que não é familiar e ao julgamento sumário de realidades muitas vezes desconhecidas.<sup>184</sup>

Tendo como base eclesiológica a dialética Espírito-Cristo, Congar conclui: “uma plena Pneumatologia não separa, certamente, a ação do Espírito da obra de Cristo.”<sup>185</sup> Longe do eclesiocentrismo, a Igreja não é autônoma em relação a Cristo. O que o Espírito realiza na Igreja não difere do que há de substancial na obra do Verbo Encarnado.<sup>186</sup>

Contudo, também adverte que uma Pneumatologia plena “ultrapassa a simples atualização das estruturas postas pelo Cristo; ela é a atualidade daquilo que operam o Senhor Glorioso e seu Espírito na vida de Jesus, segundo a imensa variedade de suas formas, através dos espaços e dos tempos.”<sup>187</sup>

---

<sup>182</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 242.

<sup>183</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 242.

<sup>184</sup> “As épocas que creram poder dizer quem estava a favor de Deus e quem não estava, foram intolerantes, às vezes cruéis. Foram épocas de ‘cristandade’, não de catolicidade. A nossa, como vimos, está chamada de forma nova a um encontro dos povos, das culturas, das religiões: *Nostra Aetate* são as primeiras palavras da declaração conciliar sobre as religiões não cristãs, mas esta confessa expressamente, em seu número 2, a fé da Igreja, segundo a qual Cristo é ‘o caminho, a verdade e a vida’ (Jo 14,16).” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 188).

<sup>185</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 188.

<sup>186</sup> “O problema é sempre articular a obra do Verbo, revelador do Pai, e a do Espírito. Os dois são co-instituidores da Igreja. Mas o Espírito não tem autonomia naquilo que há de substancial na obra à qual o Verbo, Palavra de Deus e Filho encarnado, deve dar forma. Poderíamos evocar aqui certas maneiras de atribuir ao Espírito iniciativas sem referência à Palavra, ou com referências insuficientes à ela.” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 93).

<sup>187</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 188.

Assim, o Espírito não apenas anima uma estrutura estabelecida por Cristo, Ele é constituinte da mesma, sua principal fonte de “inspiração”.<sup>188</sup> Tal formulação torna-se resposta à crítica de cristomonismo feita por Vladimir Lossky – que Congar refere em várias passagens - segundo a qual “a finalidade da vida cristã se torna *imitatio Christi* e não mais a divinização pelo Espírito Santo”.<sup>189</sup> Ao mesmo tempo, insere a Igreja na dinâmica do seguimento que, fruto da novidade do Espírito, abre-se às situações novas apresentadas pelo mundo<sup>190</sup>, ao mesmo tempo local de chamado e campo de atuação do seguidor de Cristo.<sup>191</sup>

Portanto, sem um otimismo ingênuo que considere “um máximo de Cristianismo onde se realizasse um máximo de engajamento eficaz na obra do mundo”,<sup>192</sup> nem, por outro lado, uma solução “inteiramente monástica”<sup>193</sup> que, cada uma à sua maneira, acabam por destruir o próprio dinamismo do processo. Pois, “não é a nós como seres egoístas e carnaís que o Pai entrega o mundo, é a nós como seus filhos, sua família, o corpo de seu Filho único”<sup>194</sup> e que, por tal dignidade, “comporta duas exigências principais correspondendo respectivamente a

---

<sup>188</sup> NOGUEIRA, L.E. *O Espírito e o Verbo*, p. 168.

<sup>189</sup> “Reduzido à função de elo entre as duas outras pessoas e subordinado unilateralmente ao Filho na sua própria existência, em detrimento da autêntica pericorese, o Espírito perde, com a sua independência hipostática, a plenitude pessoal da sua atividade econômica. A partir daí, esta será concebida como um simples meio a serviço da economia do Verbo, tanto no plano eclesial como no da pessoa. Aqui, a finalidade da vida cristã se torna a *Imitatio Christi* e não mais a divinização pelo Espírito Santo. Lá, o povo de Deus acaba submetido ao corpo de Cristo, o carisma à instituição, a liberdade interior à autoridade imposta, o profetismo ao jurisdicção, a mística à escolástica, o laicato ao clero, o sacerdócio universal à hierarquia ministerial e, finalmente, o colégio episcopal ao primado do papa. Força de criação e renovação, o Espírito foi confiscado pela igreja católica, que fez dele o guardião supremo da ordem estabelecida por Cristo em favor do seu vigário, enquanto que a igreja ortodoxa preservava, de seu lado, a subordinação recíproca e a tensão fecunda entre a economia da Encarnação e a de Pentecostes”. (LOSSKY, V. Apud: CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 129-130).

<sup>190</sup> “... não há teologia para o homem sem antropologia para Deus. A maior infelicidade talvez, que atinge o catolicismo moderno é de ter-se tornado teoria e catequese sobre o em-si de Deus e da religião, sem juntar continuamente o momento de tudo isto para o homem. O homem e o mundo sem Deus, com os quais nos enfrentamos atualmente nasceram em parte de uma reação contra um tal Deus, sem homem nem mundo.” (CONGAR, Y. *Situação e tarefas atuais da teologia*, p. 126).

<sup>191</sup> “Assim o paradoxo da condição cristã nos parece suscetível de uma solução a partir da vontade de Deus, que nos dá, nos entrega o mundo como dever e como tarefa. É a partir desse primeiro elo, o mais sublime, o mais sólido, que se vai desenrolar o encadeamento dos principais elementos de uma ‘espiritualidade’ do cristão engajado no mundo, segundo a seguinte ordem: vontade de Deus, santa e santificante – vocação – serviço e suas exigências – engajamento e responsabilidade: tudo sob o signo da cruz.” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 623).

<sup>192</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 621.

<sup>193</sup> “A solução monástica tem seu lugar na Igreja, e ‘que não lhe será tirado’, mas continua como uma solução particular e deixa levantado o problema de princípio da relação deste mundo com o Reino de Deus”. (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 119).

<sup>194</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja* p. 636.

um aspecto de desapego ou de transcendência e a um aspecto de imanência ou de engajamento”.<sup>195</sup>

Somente dessa maneira é que se caminha para a perfeita liberdade dos filhos de Deus, para a maturidade na fé e a responsabilidade assumida pessoalmente. Uma tal atitude adulta, que assume o seguimento além da imitação, exige tomada de posição e traz, por isso mesmo, o preço a pagar pela opção.<sup>196</sup>

Não pode ser um programa diferente do de Jesus e de sua cruz porque “a cruz marca o engajamento do cristão na obra da criação sob o aspecto do esforço para ‘cristofinalizar’ e para estabelecer nela o reinado de Deus”<sup>197</sup> sabendo, ao mesmo tempo das condições e da dinâmica escatológica do Reino pela qual “tendemos a realizar as exigências permanentes nas condições limitadas da história e de seu *hic et nunc*”.<sup>198</sup>

Resistência no Mundo: misturada à multidão dos indiferentes, dos bravos, misturada aos “colaboradores” mesmos, mas trabalhando nas estruturas e no caminhar do mundo, para a sua libertação por Jesus Cristo. Situação incômoda, dando às vezes um valor ambíguo às atividades que se exercem. Ah! É preciso ser puro e retornar continuamente à fonte da fé para dar conta do programa de uma ação cristã no mundo!<sup>199</sup>

## 1.5 Conclusão

Um dos maiores desafios à aproximação do pensamento de Yves Congar é justamente sua abundância e criatividade sem a correspondente organicidade. Ficou, de certa forma, mostrado aqui que um mesmo assunto, ou suas matizes, volta continuamente em obras

---

<sup>195</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 637.

<sup>196</sup> “Endossar responsabilidade é, antes de tudo, tomar posição no nível de casa, do trabalho, das realidades econômicas, da vida social, e até política; no nível, também do testemunho pessoal, das atividades paroquiais ou da Ação Católica. Tomar uma posição é aceitar entrar em oposição com opções e forças divergentes, e portanto, ter inimigos; é engajar-se em uma condição de luta. Aí está a prova dos caracteres, pois ter caráter é afirmar suas convicções em sua própria vida e mantê-las em face da realidade, por mais confusa e brutal que possa ser. Endossar a responsabilidade de alguma coisa levará freqüentemente a marcar os limites do engajamento aceito e a determinar suas condições. O verdadeiro sentimento da própria responsabilidade não combina com uma atitude de aceitação geral. A obediência passiva destrói as raízes psicológicas e morais da responsabilidade”. (CONGAR, Y. *Os leigos na Igreja*, p. 642-643).

<sup>197</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 657.

<sup>198</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 658.

<sup>199</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 147.

dísparos e em épocas diferentes. Para tanto foi privilegiado o desenvolvimento da questão pneumatológica apresentado em sua obra “El Espíritu Santo” e sua correlata principal: “A Palavra e o Espírito”. Nelas, qual “fio condutor” buscou-se articular a contribuição principal de Congar tecendo as referências com outras obras ainda menos esquemáticas do autor.

Nesta tentativa de sistematização, ocupam lugar privilegiado as relações Trinitárias e suas tematizações principais, na teologia oriental e ocidental, fazendo da questão do *Filioque* uma perspectiva de análise e interpretação. Através da economia da salvação, e das missões divinas, expressa-se a ação de Deus na história concreta da humanidade e direcionada para ela. Na relação Espírito e Palavra transparece a importância fundamental da ação do Espírito Santo na missão de Jesus e elege-se este para conhecer aquele. No âmbito dessa economia da salvação, o Filho vai sendo revelado de “Unigênito” em “Primogênito” constituindo a cabeça da Igreja e prolongando pela sua sacramentalidade os “filhos no Filho”.

Congar propõe uma Cristologia pneumatológica e histórica. Tais realidades estão intimamente unidas – não há Cristologia sem Pneumatologia e vice-versa - e operam conjuntamente em vista da santificação e da redenção de todo o universo. Dessa forma, Cristologia e Pneumatologia desembocam na antropologia e conjugam, sem radicalizações ou contraposição, carisma e instituição em favor da pessoa humana. Tal é a missão da Igreja, não uma missão nova, mas justamente ser sacramento da Trindade e de sua ação no mundo<sup>200</sup>.

É o mesmo Espírito que impulsiona à libertação, à abertura, e à solidariedade. Exige, por outro lado, autocrítica e contínua avaliação da fidelidade ao projeto de Deus. Essa fidelidade não é fruto de uma espiritualidade intimista e individualista, mas expressa-se no serviço ao mundo e na modificação das estruturas contrárias ao evangelho – sem ingenuidades ideológicas. Tal contexto torna necessária a análise dos movimentos pentecostais como a Renovação Carismática. Congar chama a atenção para os erros e abusos, risco de fundamentalismo e desvalorização do engajamento na transformação social. Por outro lado, valoriza as contribuições e estabelece exigências à sua ação: inserir-se na comunidade, buscar na Cristologia o critério para a Pneumatologia.

---

<sup>200</sup> “Nesta perspectiva, nada é profano para o cristão, salvo o que é ‘profano’ pelo pecado, o qual é uma falta no fazer que Deus seja plenamente Deus por nós em todas as coisas. Uma ética cristã, bastante afastada do ‘moralismo’, caracteriza-se pela busca de viver, em todo o horizontal, segundo a vertical da fé e do Amor, imitando e continuando o comportamento do próprio Deus”. (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 695).

Na medida em que avança sua reflexão, vai mostrando-se uma vez mais o Congar pensador da Eclesiologia. Uma Eclesiologia que pretende ser pneumatológica, aberta à crítica oriental nesse ponto e capaz de avaliar erros e percalços, avanços e conquistas. Tematiza o Vaticano II e a sua importância para uma nova elaboração pneumatológica da Igreja que ultrapasse as estruturas inserindo-a no serviço ao mundo. Nesse serviço o leigo tem um papel importantíssimo que deve ser exercido com responsabilidade de um adulto na fé, capaz de “retornar continuamente à fonte da fé para dar conta do programa de uma ação cristã no mundo”.<sup>201</sup> Tal “Eclesiologia total” fez de Congar um tematizador constante do ecumenismo derivado, em última instância, do próprio Espírito Santo.

---

<sup>201</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 147.

## 2 JON SOBRINO: “PROSSEGUIMENTO DE JESUS COM ESPÍRITO”

Jon Sobrino<sup>202</sup> é um dos maiores nomes da teologia atual, embora afirme não “ser um teólogo profissional ou um estudioso da teologia”<sup>203</sup> suas obras exercem notável influência no fazer teológico latino-americano principalmente pela objetividade de sua reflexão e relevância de suas intuições. Refletindo a partir da própria realidade, e deixando-se interpelar por todas as exigências que esta suscita, consegue articular sua reflexão partindo do Jesus histórico que age no Espírito Santo, e que chama ao seguimento concreto na libertação das vítimas da história, lugar privilegiado da manifestação de Deus.<sup>204</sup>

---

<sup>202</sup> “Nascido em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de Dezembro de 1938, entrou na Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, minúsculo país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o *master's* em Engenharia na mesma Universidade, em 1965. Sua formação teológica ocorreu no período que abrange o contexto pré-conciliar, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia, em 1975, na *Hochschule Sankt Georgen* de Frankfurt (Alemanha) com a tese *Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las Cristologías sistemáticas de W. Pannenberg y J. Moltmann*. É doutor *honoris causa* pela Universidade de Lovaina, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latino-americana de Teologia e do Informativo *Cartas a las Iglesias*, além das tarefas pastorais e inúmeras solicitações para palestras, cursos, encontros e congressos providas de todas as partes do mundo. [...] Homem marcado pelo sofrimento e pela morte, na luta em favor da vida, Jon Sobrino pode ser chamado de ‘mártir sobrevivente’, por ter escapado da morte e ter vivido, na fé e na esperança, a dura experiência de ver seus companheiros assassinados, especialmente seu grande amigo Ignacio Ellacuría. Esta tragédia marcou profundamente sua vida e solidificou sua decisão de lutar pela justiça.” (BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 21-22. 25-26).

<sup>203</sup> Cf. SOBRINO, Jon. Teología desde la realidad. In: SUSIN, L.C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*, p. 153-154.

<sup>204</sup> “O Jesus da história, que chama seguidores, que anuncia o Reino, que vive em intimidade com o Pai e que envia o Espírito Santo, é o ponto de partida metodológico. Mais: o seguimento de Jesus, expressão de fé e

Neste itinerário, o seguimento de Jesus torna-se forma privilegiada para a compreensão da identidade cristã, que não é uma realidade impessoal ou a-histórica, mas um compromisso de vida dentro de um contexto determinado. Para tanto, segundo Sobrino, é necessário ter em mente dois fatores fundamentais: a memória viva de Jesus de Nazaré e o conhecimento das situações históricas na qual se está inserido.

Tais exigências levam o seguidor a um autêntico *prosseguir o caminho de Jesus* e não apenas imitá-lo automaticamente,<sup>205</sup> isto pela necessidade real de fazer o que Ele fez e pela correspondência com a situação histórica vivida. Desta forma, por sua especificidade e dinamicidade, o prosseguimento somente é possível na força do Espírito Santo.

Torna-se necessário portanto, estabelecer a relação entre seguimento de Jesus que conduz à uma fidelidade a Ele e sua história, e a abertura ao Espírito que realiza a encarnação desta fidelidade em determinada realidade contextualizada do seguidor. Por isso, também a resposta para as relações entre Cristologia e Pneumatologia, entre Jesus-seguimento e Espírito-espiritualidade torna-se explícita na descrição da vida cristã como *pro-seguimento de Jesus com Espírito*.<sup>206</sup>

Em outras palavras, o Espírito<sup>207</sup> se faz presente não só na subjetividade do seguidor de Jesus, mas também no objeto de seu prosseguimento o que lhe confere, por sua vez,

---

compromisso, é um princípio ainda mais profundo. Insere-nos na própria compreensão da Cristologia, da teologia e da fé. As vítimas da história, Jesus e o seguimento de Jesus mantêm uma relação profunda entre si. Sem as vítimas não se entende o Jesus da história, sem compreender o Jesus da história não há seguimento possível.” (LIBÂNIO, J. B. Apud: BOMBONATTO, V.I. *Seguimento de Jesus*, p. 14).

<sup>205</sup> “O seguimento de Jesus não consiste em sua imitação. Em primeiro lugar pela impossibilidade fatural de fazer exatamente o que ele fez. Em segundo lugar e mais profundamente, porque o cristão não deve ‘imitar’ a Jesus, precisamente porque à moral de Jesus está ligada, intrinsecamente, sua situação histórica. [...] Seguimento, portanto não é imitação; mas também não é uma reprodução de alguns traços históricos de Jesus. A disponibilidade para o seguimento é a disponibilidade para re-produzir, em outro contexto histórico, o movimento fundamental de concretização dos valores genéricos de Jesus, embora, de antemão, não se possa dizer exatamente como se desenrolará este processo”. (SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 151). Jon Sobrino trata desse problema precisamente falando da moral fundamental.

<sup>206</sup> “Mais do que seguimento, deve-se falar de *pro-seguimento*, e a partir daí a totalidade da vida cristã pode ser descrita como ‘*pro-seguimento de Jesus com Espírito*’. O ‘*seguimento*’ remete ao canal da vida real configurado pela vida de Jesus. O ‘*com espírito*’ remete à força para o caminhar real. E o ‘*pro*’ remete à necessidade perene de atualização e à abertura à novidade do futuro”. (SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, 2000. p. 482-483).

<sup>207</sup> Há uma problemática a respeito do uso da maiúscula na palavra “Espírito” que mereceu o seguinte destaque: “Para Jon Sobrino, Espírito (com letra maiúscula) é o Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, e espírito (com letra minúscula) são as suas manifestações concretas na história, como por exemplo, Jesus estava cheio do espírito de misericórdia.”(BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 358 – nota 14). No

originalidade e responsabilidade. Para tal abordagem torna-se essencial a compreensão do Jesus histórico e sua obra: para compreender o Espírito... partir de Cristo.

## 2.1 Jesus de Nazaré: homem pleno do Espírito

É relativamente recente em Jon Sobrino a abordagem explícita das relações entre Jesus e o Espírito. Embora tenha trabalhado o assunto quando das reflexões acerca da Trindade, uma tematização Cristologia-Pneumatologia aparece como desenvolvimento posterior em seu pensamento. No entanto, os pressupostos estão presentes desde o início e, aparecendo nos escritos mais recentes, são mais revelação do dinamismo interno da reflexão que algo inédito.<sup>208</sup>

Sobrino reconhece logo a convergência entre Jesus e o Espírito muito além da mera justaposição. De fato, “resgata, assim, o Espírito de um lugar etéreo, atemporal e invisível, e remete-o para um lugar histórico: a vida de Jesus e o seu seguimento”.<sup>209</sup> Logo, o lugar para a compreensão do Espírito é a vida de Jesus, é aí que se pode encontrá-lo realmente e perceber seus efeitos concretos.

Para resumir a relação entre Jesus e o Espírito Santo, Sobrino chama a atenção para três pontos principais: 1. O Espírito envia Jesus não como alguém estranho a si, mas configura-o pessoalmente; 2. A presença do Espírito tem uma finalidade concreta: a realização da missão de Jesus, proclamação da boa nova aos cativos, vista aos cegos, libertação dos oprimidos (*Lc* 4,16-19); 3. O Espírito é sua força e vigor: “uma força sai dele” (*Mc* 5,30; *Lc* 8, 46). Tais realidades históricas são muito diferentes de qualquer tipo de

---

entanto, nas leituras feitas, tal distinção rígida não se confirma em muitas passagens e aparece mais nas últimas obras do autor.

<sup>208</sup> De fato, presente em suas obras de forma difusa, o tema mereceu dois artigos recentes: *El Espíritu, memoria e imaginación de Jesús en el mundo. “Supervivencia” y “civilización de la pobreza”*, *Sal Terrae*, n.966, p. 181-195, marzo 1994; *“Luz que penetra a las almas” Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús*, *Sal Terrae*, n.1008, p. 3-15, enero 1998.

<sup>209</sup> BOMBONATTO, V.I. *Seguimento de Jesus*, p. 357.

esoterismo ou intimismo como diz Sobrino: “Jesus está no Espírito e fala com Espírito, o qual se expressa em sua vida de forma concreta”.<sup>210</sup>

Das manifestações do Espírito na vida de Jesus ganha destaque o Espírito “de novidade e de futuro” que o fez aberto às realidades conflitantes encontradas, e às respostas que quis dar às mesmas. Além disso, vários aspectos podem ser destacados, mostrando cada um a seu modo, as relações ao mesmo tempo íntimas e fecundas que manifestaram-se na missão de Jesus.<sup>211</sup>

Desta maneira, fica denunciado o cristocentrismo exagerado que acaba levando ao empobrecimento de Deus ao perceber apenas aquilo que dele transparece na humanidade de Jesus Cristo e, por outro lado, o fanatismo antropológico que leva ao reducionismo intransigente e até mesmo violento. E assim pode-se concluir que “na Cristologia de Jon Sobrino, portanto, a história de Jesus, sua práxis, suas atividades e seu destino manifestam de forma concreta a presença do Espírito de Deus e sinalizam para o segundo polo dessa relação, o Espírito.”<sup>212</sup>

... o critério de moral é o Espírito de Jesus. Isto não tem nada a ver com espiritualismo individualizante, nem com um pentecostalismo que prescinde teórica ou praticamente da história. É a experiência fundamental que aparece no Novo Testamento depois da ressurreição de Jesus. O Espírito de Jesus é quem, paradoxalmente, faz recriar a história humana de Jesus. Mas este Espírito não é um número abstrato, não é uma invenção sem conteúdo ou inverificável, que servisse para justificar qualquer novidade ou fixação na história. O Espírito de Jesus – prescindindo agora da problemática intratrinitária – é o mesmo Jesus que desencadeou uma história.<sup>213</sup>

O Espírito aparece, nesse contexto, como “memória e imaginação de Jesus: Se, de um lado, é na vida e na práxis de Jesus que o Espírito se manifesta, de outro, o Espírito é a

---

<sup>210</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 358.

<sup>211</sup> “Espírito de liberdade: Jesus se mostrou totalmente livre diante da Lei, do culto e das tradições religiosas; o exercício da liberdade teve sempre em vista o amor, a justiça, a misericórdia para com os pobres, os marginalizados e as vítimas. Espírito de discernimento: Jesus se colocou diante de Deus para discernir a sua vontade acerca de sua missão que lhe confiara. Espírito de oração: a vida de Jesus está perpassada pelo espírito de oração e o momento de maior intimidade com Deus é quando ele o chama de Abba, Pai (cf. Mc 14,36); Espírito de gratuidade: a vida de Jesus foi perpassada pelo sabor da iniciativa divina. [...] Espírito de vida: Jesus dedicou sua vida à defesa daqueles a que a vida foi tirada, os pobres e marginalizados. Espírito de Verdade: Jesus falava com autoridade. Espírito de amor e misericórdia: o mandamento novo é que orienta a vida de Jesus.” (BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 359).

<sup>212</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 360.

<sup>213</sup> SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 156-157.

memória e a imaginação de Jesus.”<sup>214</sup> Como memória, o Espírito faz voltar sempre de novo a Jesus de Nazaré e suas opções historicamente localizadas. Ao mesmo tempo, impulsiona para obras maiores: “Em verdade, em verdade, eu vos digo: quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai” (Jo 14, 12).<sup>215</sup> Tal memória de Jesus exige permanente conversão que resista à tentação de manipular seu significado para adequá-la à ideologias convenientes.

## 2.2 A vida de Jesus lugar da manifestação do Espírito

O lugar da manifestação por excelência do Espírito não é outro que o próprio Jesus. De fato, sua vida transformada em epifania do Espírito constitui o programa do discípulo que o deseja prosseguir e une, indissolúvelmente duas realidades: cristológica como *norma normans*, e pneumatológica na atualização histórica de Jesus. É aí que se localiza a referência fundamental ao *agir no Espírito*: “O lugar primário da manifestação atual do Espírito é o prosseguimento de Jesus, que nos assemelha a ele. O Espírito é a força para tornar real essa semelhança, atualizada na história, e por isso, aberta ao novo.”<sup>216</sup>

Tal manifestação traz consigo outras realidades como a oração, a liturgia, a contemplação da natureza... mas todas estas devem ser lidas fundamentalmente à luz daquele desígnio de Deus que chama a ser “filhos no Filho”<sup>217</sup> reproduzindo na história a vida de Jesus. Não é portanto, o Espírito que inventa a estrutura do seguir, nem é ele o objeto do

---

<sup>214</sup> BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 360.

<sup>215</sup> É interessante notar que essa passagem é imediatamente anterior à primeira promessa do Espírito Santo.

<sup>216</sup> SOBRINO, J. *Luz que penetra las almas*. Espírito de Dios y seguimiento lúcido de Jesús, Sal Terrae, n. 1.008, p. 8, enero 1998.

<sup>217</sup> “A compreensão de Jesus como o Filho no qual nos tornamos filhos e como o Primogênito de quem nos tornamos e fazemos irmãos pelo seguimento ilumina, finalmente, o desafio do ‘segundo iluminismo’, a crítica marxista do cristianismo. Provavelmente este é um dos ganhos históricos mais significativos alcançados pela Cristologia sobriniana, dentro da fé vivida e da Teologia de El Salvador. Pode dizer-se que a fé em Jesus pode ser mantida em meio às lutas pela justiça e libertação, porque aceitou o escândalo de uma verdadeira encarnação, como dom insuperável do Pai e como chamado à atuação do desígnio do Pai em relação aos seres humanos desfigurados, reconhecendo neles sempre a imagem do Filho no Espírito e esperando com todos os esperançosos o amanhecer de uma visibilização maior da fraternidade e da caridade.” (HAMMES, E. J. *Filii in Filio*: a divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em J. Sobrino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 89).

seguimento. Essa estrutura é a própria vida histórica<sup>218</sup> de Jesus e compreende, por sua vez, quatro momentos: 1) **encarnação** parcial na história; 2) **missão** libertadora em favor das vítimas; 3) conflito com os opressores, perseguição e **cruz**; 4) **ressurreição** como plenificação histórica e transcendente.

### 2.2.1 Encarnação parcial na história

Para Jon Sobrino, a encarnação de Jesus, início de sua vida terrena, é também o primeiro passo do seguimento e da identidade cristã. Essa realidade é contemplada na lapidar sentença joanina: “o verbo se fez carne e habitou entre nós” (*Jo* 1,14) que não deixa margem à proliferação de qualquer pensamento docetista, seja ele eclesial ou teológico. No entanto, o problema é radicalizado em suas características: opção consciente, livre, parcial, excludente e conflitiva que, corretamente observadas, compreendem a encarnação além do mero “assumir a carne humana”.

Opção consciente e livre: este primeiro elemento, fundante e fundamental, contempla a encarnação como primeiro passo de um processo de seguimento que, necessariamente, implica liberdade e escolha consciente e livre por um modo de ser, um lugar para sê-lo, uma realidade e a solidariedade como motor da opção. Isto porque o Verbo de Deus encarnou-se de forma específica: não apenas no mundo, mas no mundo dos pobres. Fez daí o seu lugar de atuação, escolheu a Galiléia, rejeitou o pináculo do templo (cf. *Mt* 4), anunciou o Reino a todos, mas o fez a partir do mundo dos pobres. Isso não significa sacramentar ou idealizar uma situação, é ao contrário, denúncia profética e ânsia de libertação.

---

<sup>218</sup> “Se nos decidimos pelo Jesus histórico como começo da Cristologia o fazemos para evitar a abstração e, portanto, a possibilidade de manipulação do acontecimento de Cristo. A história da Igreja mostra, já desde suas origens, como veremos, uma orientação para o Cristo da fé que esquece o Jesus histórico e este fato coloca em perigo a própria essência da fé cristã. Por fim cremos que o Jesus histórico é o princípio hermenêutico para aproximar-nos, tanto noeticamente quanto na práxis real, da totalidade de Cristo, onde se realiza, realmente, a unidade de Cristologia e Soteriologia.” (SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 33).

Somente a fé em Cristo é capaz de operar essa descoberta e aproximação da causa e destino dos pobres em seus seguidores: solidariedade implica conversão contínua e abertura às novas visões de mundo e formas de avaliá-lo. Tal conversão atinge a todos: os pobres que precisam assumir sua realidade para potencializar sua mudança, e os ricos através da partilha e do despojamento. Assim, é com Puebla<sup>219</sup> que Sobrino irá identificar os pobres como lugar de conversão, evangelização e experiência espiritual; um sinal do evangelho para a humanidade, dom e graça de Deus. Encarnar-se nesse mundo, ir ao encontro dessa realidade para descobrir a presença de Deus, pressupõe a liberdade e clama pela solidariedade do seguidor disposto à mesma opção do Mestre.

A encarnação revela, portanto, duas dimensões que precisam ser corretamente entendidas. Uma é transcendente, ou seja, diz respeito ao Verbo eterno, anunciado pelos profetas na plenitude dos tempos (*Gl* 4,4), que assume a condição humana; a outra é a dimensão histórica: Jesus concretamente se encarna no mundo dos pobres e oprimidos e solidariza-se inteiramente com eles. É com eles que será encontrado nos evangelhos, é a partir deles que olhará o mundo e partilhará a esperança. Tal atitude, longe de prejudicar a universalidade da salvação, é condição para ela: não é reducionismo precisamente porque “os pobres e a pobreza foram escolhidos por Deus como lugares privilegiados de sua manifestação”.<sup>220</sup> O mesmo Deus se põe ao lado das vítimas ressuscitando Jesus e oferecendo, a partir dele, a vida ao mundo inteiro.<sup>221</sup>

---

<sup>219</sup> “O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o Dom de Deus” (*Puebla* 1147).

<sup>220</sup> BOMBONATTO, V.I. *Seguimento de Jesus*, p. 302.

<sup>221</sup> “Cristo dá-se a si mesmo: historicamente entrega sua vida em favor dos pobres; escatologicamente aceita a morte como entrega total. O amor é o elemento fundamental na salvação, e Jesus é aquele que ama até o fim. Cristo ocupa o lugar dos homens: historicamente, assume ele mesmo as conseqüências objetivas do pecado; escatologicamente, carrega o pecado do mundo. A solidariedade e a substituição são elementos básicos da Soteriologia clássica. Cristo entrega-se, segundo a vontade salvífica do Pai: historicamente, obedece à vontade do Pai durante sua vida que o leva a este trágico fim; escatologicamente aceita que a cruz é seu último serviço salvador. O desígnio de Deus é imperscrutável. Cristo é a salvação e afasta da humanidade a ira vindoura: historicamente, Deus se aproxima dos seres humanos e afasta definitivamente sua ira. Nenhum pecado, nem mesmo a morte de seu Filho, torna irreversível a proximidade de Deus. Na morte de seu Filho, Deus disse ao mundo sua última palavra, como palavra de graça. Por meio da morte de seu Filho, Deus manifestou seu amor ao mundo e comprometeu-se irrevogavelmente com ele. A salvação de Cristo não é apenas perdão dos pecados, mas também renovação da vida introduzir o ser humano na própria vida de Deus e no atual senhorio de Cristo.” (SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, p. 61-62).

Articulando, portanto, parcialidade e universalidade sem contrapô-las, permanece o itinerário que leva da existência histórica de Jesus à sua confissão como salvador escatológico. São universalizados os destinatários (morre por todos), os meios (toda a vida de Jesus), os conteúdos (redenção e salvação). Mas, além de ser parcial, a encarnação é ainda excludente e conflitiva.

Excludente pela própria opção que faz ao rejeitar a riqueza e o egoísmo: “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro”(Mt 6,24). Duas realidades antagônicas por natureza que exigem opção clara e decisão firme, onde nenhuma neutralidade é possível e, portanto, o conflito torna-se inevitável. Associado a ele segue a perseguição e a contradição, mas também a fortaleza e a esperança. Sobretudo quando se fala em América Latina é impossível não reconhecer as estruturas econômicas, políticas, militares e religiosas que oprimem e exploram os pobres e que, necessariamente exigem uma posição do seguidor de Jesus verdadeiramente encarnado na história.

### **2.2.2 Missão libertadora em favor das vítimas**

Também este elemento desdobra-se numa dupla dimensão: fundamento e distintivo do seguidor, e realidade a ser atualizada e vivida na história. Ambas baseiam-se na expressão do amor incondicional e doação total manifestados em dois momentos específicos: a prática e a práxis profética.

Jesus anuncia a boa nova e empenha-se em concretizá-la: é a sua prática. Ao mesmo tempo que prega o Reino aos pobres, demonstra seus sinais e sua presença: milagres, exorcismos, acolhida aos pecadores. São sinais, apontam o Reino e sua viabilidade mesmo nas situações mais dramáticas da existência humana. Não representam a totalidade: são indicativos dela. Em sua ação, Jesus procura deixar claro a relação antagônica entre pecado e amor e a necessidade de mediações para que este último possa realizar-se. Para tanto, indica

as dimensões sociopolíticas que fazem o amor tornar-se verdadeiro ao romper o discurso e materializar-se em atitudes concretas.

É justamente em sua eficácia que encontra-se a dimensão conflitiva do amor pregado por Jesus. Por ser concreto optando pelos pobres e oprimidos, o amor ficará necessariamente contra a opressão e, trará consigo a polêmica, recusa, perseguição e morte. No entanto, é justamente o amor a fonte do dinamismo no seguimento que o faz concreto e contrário ao ódio e à vingança.

Além dos supracitados sinais do Reino expressos na prática de Jesus, também ocupa lugar privilegiado a atitude profética expressa nas controvérsias que, realizadas verbalmente, desmascaram e denunciam os adversários. É a reinterpretação da profecia do Antigo Testamento de anúncio do Reino de Deus e denúncia dos ídolos e seus servidores. Sobrino adverte para o papel fundamental que desempenha essa estrutura teologal-idolátrica da época de Jesus para a compreensão de sua práxis profética:<sup>222</sup> de um lado o Deus verdadeiro, Deus da vida, tendo Jesus como seu mediador e o Reino como sua mediação; e de outro, os ídolos da morte, opressores como mediadores e anti-reino como mediação. É na presença desse anti-reino que se fará o anúncio de Jesus, e é por isso que implicará em luta e conflito.

A pregação de Jesus não é alienante ou intimista, ele dirige-se concretamente a grupos e classes: denuncia as estruturas e os que as fazem corruptas e corrompedoras. Ao mesmo tempo anuncia o plano de Deus a respeito da humanidade e as exigências que estão implicadas em sua adesão. Jesus não faz análise sociológica, mas enfrenta a realidade posta e aponta os mecanismos necessários para sua transformação. Todo esse dinamismo pode ser expresso em categorias como controvérsia, desmascaramento, denúncia e anúncio do Reino de Deus.

O centro das controvérsias de Jesus giram basicamente em torno da Lei e do Templo. Marcos, por exemplo, reúne cinco delas no início de seu evangelho: a cura do paralisado (cf. *Mc* 2, 1-12); refeição com pecadores (cf. *Mc* 2, 15-17); jejum (cf. *Mc* 2,18-22); espigas em dia de Sábado (cf. *Mc* 2, 23-28) e o homem da mão seca (cf. *Mc* 3, 1-6). Essas discussões, geralmente sobre normas sociais e religiosas, escondem na verdade uma abissal diferença na

---

<sup>222</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 307.

concepção de Deus que apresentam. Jesus defende Deus como Deus da Vida e a partir disso faz os adversários julgarem as próprias práticas e a teologia nelas implicada. Para Ele as normas e prescrições devem favorecer o crescimento do ser humano e não sobrecarregá-lo e escravizá-lo.

Outra fonte de controvérsias trata do mandamento principal (cf. *Mt* 22,34; *Mc* 12,28) onde Jesus, partindo de uma argumentação comum, sustenta a hierarquia dos mandamentos e a sua própria essência: relaciona o amor a Deus e ao próximo, o que acaba por escandalizar os interlocutores. Na verdade, Ele tira a conclusão óbvia do primeiro mandamento: amar a Deus torna-se indissociável do amor ao próximo.

Tais enfrentamentos fazem vir à tona as diferentes imagens que os grupos defendem de Deus e que são, na verdade, projeções de seus próprios interesses. Ao operar o desmascaramento, Jesus tira a justificativa religiosa da opressão e deixa o opressor sem outra justificativa que a sua própria. É isso que aparece no episódio das tradições farisaicas (*Mc* 7,1-23) onde dá dois tipos de respostas: uma sobre as tradições humanas e outra sobre a lei da pureza: os homens produzem leis e as usam para oprimir seus semelhantes, apelam para seu caráter sobrenatural como mecanismo de dominação. Nenhuma tradição, portanto, pode ofuscar o mistério da vontade de Deus, e nenhuma prescrição, ritual ou solenidade externa tem um fim diferente da promoção do homem.

Nasce, nesse contexto, a denúncia como conclusão lógica da práxis profética de Jesus: denuncia o pecado estrutural, o ídolo da riqueza, a Lei que escraviza, os que usam o poder religioso para se beneficiar. A injustiça obriga Jesus a proclamar Deus como Pai ao mesmo tempo que denuncia o anti-reino e desmascara os seus ídolos, indo às raízes do mal, e começando daí a construção do projeto de Deus. Por tudo isso, Jesus insere-se na linha dos profetas clássicos de Israel: defesa dos oprimidos, denúncia dos opressores e desmascaramento da opressão travestida de prática religiosa.

A missão, expressa em atos e palavras, vai também modelando a vida de Jesus e seu contato com o Pai. Ao mesmo tempo, redefine a prática do amor a Deus e suas implicações de boa notícia libertadora e serviço para sua concretização no mundo. Tal união de teoria e prática que define a obra de Jesus – “Passou fazendo o bem” (*At* 10, 38) - é o programa de seus seguidores.

Contudo, a prática permanece sempre um ideal que exige conversão e contínua avaliação pois, feita por seres humanos, está sujeita também às mais diversas distorções: conflitos e desunião; substituição do popular pelas organizações; dogmatismo na interpretação dos fatos; absolutização de mecanismos à prática libertadora; superioridade ética que discrimina os outros; manipulação do religioso; mau uso do poder; cansaço, deserção por causa dos riscos e dificuldades.<sup>223</sup> Tais subprodutos colocam graves entraves e constituem, a seu modo, contra-testemunhos na construção da libertação. Em última análise devem-se à falta de profundidade a respeito do projeto de Deus e fuga de suas conseqüências que implicam, muitas vezes, no escândalo da cruz.

### **2.2.3 O escândalo da Cruz**

Para Jon Sobrino a cruz de Jesus é a conseqüência direta de sua fidelidade incondicional, por isso, “o seguimento de Jesus passa necessariamente pela obscuridade da cruz para chegar à aurora da ressurreição”.<sup>224</sup> A razão histórica da morte de Jesus pode ser claramente deduzida da análise dos dois julgamentos aos quais foi submetido: um religioso e outro político.

No julgamento religioso, depois de dois interrogatórios, é acusado de blasfêmia por declarar-se “o Cristo” e referir-se à destruição do Templo, símbolo da teocracia e centro religioso, político e econômico. No julgamento político são duas as acusações: proibir pagar os impostos a César e dizer-se o Messias-Rei. Pilatos foi colocado diante de uma alternativa de fundo religioso que responde à estrutura global da realidade: o Deus de Jesus ou os deuses de César; o Deus vivo e verdadeiro, ou os ídolos da morte. Por isso Jesus foi condenado: em nome dos deuses por ser uma ameaça à *pax romana*. Sobrino acentua a responsabilidade das autoridades religiosas e políticas da época<sup>225</sup> e identifica a causa da sua morte na relação conflitiva e antagônica com seus executores.

---

<sup>223</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 312.

<sup>224</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 313.

<sup>225</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 302.

Essa condenação, que tem um caráter decisivo, não é apenas a execução de um inocente, mas do Filho de Deus encarnado e uma consequência da própria encarnação. Aponta para a responsabilidade humana: “Vós o matastes, crucificando-o pelas mãos dos ímpios” (*At* 2, 23). Para responder a pergunta sobre o porquê da morte de Jesus, Jon Sobrino busca duas fontes distintas: a razão pela qual Jesus enfrentou a morte e os modelos explicativos do Novo Testamento.

Apesar de saber dos riscos, Jesus enfrentou a perseguição e a morte como consequências de sua fidelidade a Deus e da radicalidade de sua misericórdia para com os seres humanos. A certeza de quem se entrega expressa na última ceia (cf. *Mc* 13,24; *Lc* 22,20; *Mt* 26,28; *1Cor* 11,24) evidencia a compreensão de sua vida e morte como serviço sacrificial. Os primeiros cristãos, depois da ressurreição, foram compreendendo tudo isto e explicitando em modelos determinados: destino de um profeta (cf. *ITs* 2,14ss); desígnio determinado pela presciência de Deus (cf. *At* 2,23). Restava o problema de conciliar a bondade de Deus com a morte do Filho na cruz. Esse torna-se então o núcleo da questão. Para esclarecer a cruz como mediação de salvação, apresentam-se alguns modelos teóricos principais no Novo Testamento: sacrifício, nova aliança, servo sofredor.

O sacrifício tinha a função de superar a distância entre Deus e o homem: ao oferecer a Deus o que lhe é mais querido, o homem reconhece a transcendência divina. Essa compreensão transparece na linguagem cúltilo-sacrificial do cordeiro pascal (cf. *1Cor* 5,7), resgate pelo sangue (cf. *Ap* 5,9), sangue da nova aliança (cf. *Mc* 14,24). Desta maneira declara-se abolido o sacerdócio anterior e posterior a Cristo e o sacrifício torna-se modelo do significado salvífico da cruz de Jesus.

A referência à Aliança, tão presente no Antigo Testamento, também remete ao sacrifício pelo qual tais práticas eram seladas: a cruz de Jesus torna-se, então, o sangue da nova e eterna aliança. Aparecem sobretudo nas narrações teologizadas da última ceia onde as palavras de Jesus são interpretadas na linha sacrificial como ação em favor de todos. É a Carta aos Coríntios que explicará esse sangue como aliança nova e definitiva entre Deus e os seres humanos.

Outro modelo explicativo é a figura misteriosa do servo sofredor (*Is* 42; 50; 52) que o Novo Testamento usa freqüentemente para explicar a missão terrena de Jesus: Ele carrega os sofrimentos alheios e se converte em salvação para os outros. Existe algo de positivo, portanto, na cruz de Jesus.

Além desses modelos, Paulo acentua o aspecto da cruz como salvação de três modos: afirmando sua centralidade, mostrando que o negativo da existência se transforma em positivo, evidenciando que a cruz libertou da Lei convertida em maldição. Sobrino privilegia a pregação paulina do crucificado: a cruz desmascara todos os pressupostos humanos e pecaminosos que não aceitam o verdadeiro Deus:<sup>226</sup> a morte de Jesus manifesta-se como meio de enfrentar o mal do mundo, e faz emergir o exemplo de como lidar com o que é contra Deus.

Desta forma, Jesus torna-se o sacramento histórico por meio do qual Deus manifestou a sua vontade e a cruz expressa a credibilidade do amor divino. A mensagem definitiva da cruz é que Deus se aproximou irrevogavelmente deste mundo, que é um Deus conosco e um Deus para nós. E para expressar esta realidade com a máxima transparência se torna um Deus à mercê dos homens. Portanto, a cruz não pode ser vista como arbitrariedade de Deus, nem como castigo, mas como consequência da encarnação, o abaixamento radical, e a luta em favor do Reino. Deus crucificado então, é sinônimo de Deus solidário. O sofrimento de Deus na cruz é prova da luta contra o próprio sofrimento:

O silêncio de Deus na cruz, como silêncio que dói ao próprio Deus, pode ser interpretado, muito paradoxalmente, como solidariedade de Jesus com os crucificados da história: é a parte de Deus na luta histórica pela libertação no que esta tem de sofrimento necessário.<sup>227</sup>

---

<sup>226</sup>Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 322.

<sup>227</sup> SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 356.

Para conhecer Deus na cruz, não existe receita pronta. Mas algumas atitudes<sup>228</sup> são necessárias: disposição para encontrá-lo no positivo e no negativo; considerá-lo como “Deus maior e Deus menor”; mudar o próprio interesse em conhecer Deus; e, sobretudo, permanecer ao pé da cruz e descer dela os crucificados da história: a cruz de Jesus remete às cruzes do povo e vice-versa.

A cruz dos povos crucificados é o contexto de pobreza, sofrimento e perseguição, que constituem o horizonte hermenêutico da Cristologia de Jon Sobrino, expressão útil e necessária do ponto de vista fático-real, histórico-ético e religioso.<sup>229</sup> Fático-real porque cruz significa também morte lenta e real pela pobreza, violenta e rápida pelas agressões e indireta pela opressão das culturas. Histórico-ético porque exprime com clareza a morte causada pelas injustiças: morrer crucificado significa ser levado à morte; e cruz significa que existe vítima e opressor. Religioso pois crucifixão é a morte de Jesus e evoca realidade de fé: pecado, graça, condenação e salvação.

Para Sobrino, os povos crucificados são tanto os que *completam na própria carne o que falta à paixão de Cristo* (cf. Col 1,24) como também os que atualizam a presença de Cristo na história. Os povos da América Latina reproduzem esses traços fundamentais: são povos sem rosto, privados de justiça, com os direitos violados; como o servo de Javé, tentam implantar a justiça, o direito e lutam pela libertação; sabem que foram escolhidos para que a salvação passe por eles e interpretam sua própria opressão como caminho de libertação.

Deter-se no escândalo da cruz é fundamental no caminho do seguimento porque a história continua produzindo cruzes; nela cristianizam-se todos os conteúdos teológicos: Deus, Cristo, pecado, graça, esperança e amor. A cruz de Jesus e as cruzes das vítimas deste mundo não são o fim, mas uma etapa da caminhada.

---

<sup>228</sup> Sobrino é influenciado tanto por Ellacuría quanto pela “Teologia da Cruz” de Moltmann do qual diz: “A cruz do ressuscitado é o conceito-chave que organiza toda a sua teologia. A cruz leva a redefinir Deus como o Deus crucificado, o pecado como aquilo que leva o Filho à morte, a fé como fé contra a incredulidade, a esperança como esperança contra a esperança, o amor como amor contra a alienação” (SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 54). Não esquecer da sua tese de doutorado: “*Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de W. Pannenberg y J. Moltmann*”. Para um estudo mais completo:

#### 2.2.4 Viver como ressuscitados nas contingências da história

A história de Jesus não termina na morte: Deus o ressuscitou. A cruz não é a última palavra nem para Ele nem para os povos crucificados. Para o seguidor de Jesus a ressurreição é fundamental por determinar o modo de ser e de viver o próprio seguimento. Jon Sobrino relaciona a ressurreição no âmbito da experiência pascal dos primeiros discípulos percebendo três questões fundamentais: 1) ação escatológica de Deus 2) expressa em diversos modelos lingüísticos 3) que estabelecem um círculo hermenêutico trinitário.

A ressurreição é apresentada como ação escatológica que revela algo sobre o próprio Deus que ressuscitou uma vítima: Jesus de Nazaré, que anunciou a vinda do Reino de Deus aos pobres, denunciou e desmascarou os poderosos, foi por eles perseguido, condenado à morte e executado, e manteve, em tudo, fidelidade radical à vontade de Deus e confiança no Pai. Portanto, não é apenas onipotência sobre a morte, mas triunfo da justiça sobre a injustiça. É uma realidade teologal diante da qual deve-se tomar posição e pela qual Deus confirma a verdadeira realidade de Jesus e sua inserção na vida definitiva. Assim, a ressurreição têm uma novidade de revelação: acerca de Deus, de Jesus e dos seres humanos.

O Deus que ressuscitou Jesus tornou-se “novo” pela ação escatológica e sua compreensão trinitária. É a ressurreição o parâmetro para refletir e avaliar a própria realidade de Jesus e sua indissolúvel união com o Pai. Aos seres humanos é dado um novo sentido para a vida: graça de vê-lo e missão de testemunhá-lo; o Espírito para conhecê-lo e segui-lo como germe de nova criatura. Deus toma a iniciativa e revelando-se “novo” faz o próprio ser humano “novo” capaz de compreender a própria novidade. Com base na perspectiva e no princípio hermenêutico das vítimas, Sobrino mostra a esperança, a práxis, o saber e o celebrar como possibilidades de compreensão da ressurreição de Jesus.

---

HAMMES, E.J. *Filii in Filio: a divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento*. Um estudo em J. Sobrino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

<sup>229</sup> Cf. BOMBONATTO, V.I. *Seguimento de Jesus*, p. 328.

A esperança toma contexto no horizonte do Novo Testamento: expectativa apocalíptica de uma aparição no final da história com a renovação da realidade.<sup>230</sup> Jesus nunca formulou a esperança escatológica como “ressurreição” mas sim como Reino de Deus. Foram os discípulos a nomear a experiência pascal como “ressurreição” relacionada com termos como “primogênito de muitos irmãos” e a reação de Deus à ação dos seres humanos fazendo justiça ao inocente. No seguimento de Jesus a exigência primordial da ressurreição consiste em dar esperança às vítimas unindo-se à sua espera.

Por sua própria natureza a ressurreição exige anúncio ao mundo, exige práxis: precisa ser testemunhada e, portanto, desencadeia a missão. A experiência do ressuscitado e a consciência da missão aparecem, na vida dos discípulos, inseparavelmente unidas. Portanto, sem a práxis não é possível entender a ressurreição como acontecimento escatológico que, por essência, desencadeia a própria práxis. E a práxis necessária hoje é precisamente “descer da cruz os povos crucificados”: anunciar a boa nova da ressurreição e realizar sinais de ressurreição, transformar o mal e a injustiça. Ou seja, a práxis exigida hoje para captar a ressurreição é o prosseguimento da missão de Jesus, que é também o lugar para verificar, histórica e parcialmente, a aceitação da ressurreição. O seguimento de Jesus, que consiste em reproduzir sua vida em favor das vítimas, introduz na esperança das vítimas e se converte em práxis para tornar ela mesma realidade.<sup>231</sup>

Mas, em que sentido se pode falar da historicidade da ressurreição? O certo é que aconteceu algo com os discípulos e eles atribuem-no ao encontro com o “ressuscitado”, isso é histórico. É histórica e real a fé dos discípulos, tão histórica e real que não têm dúvida de que a sua fé subjetiva corresponde a uma realidade objetiva do que aconteceu ao próprio Jesus. No Novo Testamento a ressurreição de Jesus foi algo real que aconteceu na história: “O Senhor ressuscitou realmente” (cf. *Lc* 24,34). Captar essa realidade não é apenas, porém, captar a dimensão da temporalidade, mas também a dimensão da promessa. A ressurreição como promessa leva a uma postura diante da realidade: exige abertura à graça por um lado e deixar a realidade ser o que é por outro: a isso Sobrino chama “castidade da inteligência”.<sup>232</sup>

---

<sup>230</sup> Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 250.

<sup>231</sup> Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 266.

<sup>232</sup> Cf. SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 86.

Celebrar a presença do ressuscitado no seio da comunidade é de importância fundamental e possibilita a ligação entre fé e vida de homens novos, ressuscitados na história. A ressurreição é a resposta cristã à pergunta pela justiça às vítimas, pelo sentido e pelo absurdo. Nesse sentido, ela leva a viver o seguimento do crucificado à luz do ressuscitado como desafio permanente de ressignificação do mundo e da própria vida.

É por isso que, para Sobrino, só é possível compreender e viver a ressurreição no caminho prático do seguimento do crucificado à luz do ressuscitado: a ressurreição é modo de ser e viver o seguimento. Ela revela quem é Deus e quem é Jesus e a relação entre ambos. A relação de fé que a ressurreição desperta desencadeia a reflexão sobre a identidade de Jesus. É por isso que as primeiras comunidades “praticam o ressuscitado”: possibilidade de conhecimento de Jesus e reconstrução da realidade histórica.<sup>233</sup>

No seguimento do crucificado, a ressurreição se torna presente de dois modos: como plenitude escatológica no meio das limitações históricas ela se manifesta como esperança, liberdade e alegria no seguimento de Jesus; segundo como vitória contra a escravidão, resignação, desencanto, trivialidade, na liberdade contra os condicionamentos que a história impõe ao amor, na alegria contra a tristeza. É precisamente este seguimento de Jesus como reprodução de sua vida histórica que deve ser vivido com espírito. Torna-se portanto, fundamental articular realidades como Cristologia e Pneumatologia, seguimento e espiritualidade.

---

<sup>233</sup> “Para Jon Sobrino, no processo de seguimento, a ressurreição de Jesus é uma realidade fundamental e totalizante que tem a função de plasmar ‘ressuscitadamente’ a estrutura da encarnação, da missão e das cruzes da história. À luz da ressurreição, estabelece-se uma profunda e íntima relação entre os diversos elementos da vida histórica de Jesus e do seu seguimento.” (BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 344).

## 2.2.5 Prosseguimento de Jesus: obra do Espírito

Seguimento de Jesus e Espírito correspondem a âmbitos distintos da realidade, não são realidades justapostas, muito menos contrárias. Sobrino tenta ilustrar as relações entre ambas através da metáfora: o seguimento é a linha mestra traçada por Jesus para caminhar e o espírito é a força que capacita a caminhar real e atualizadamente por esse traçado, ao longo da história.<sup>234</sup> Dessa dinâmica surge não apenas o seguimento, mas o prosseguimento:

A totalidade da vida cristã pode ser definida como prosseguimento de Jesus com espírito. Seguimento remete à estrutura fundamental da vida de Jesus, a qual é preciso reproduzir. Com espírito indica a força para caminhar. Pro indica a atualização no presente e a abertura para a novidade do futuro.<sup>235</sup>

É interessante notar a posição de Sobrino a respeito dos movimentos que defendem manifestações extraordinárias do Espírito. Insiste ele que, o verdadeiro lugar da manifestação do Espírito é o seguimento de Jesus, o qual implica encarnação na realidade dos pobres, missão a favor do Reino e contra o anti-reino, perseguição e cruz. Dessa manifestação dão testemunho São Francisco, Bonhoeffer, Oscar Romero, Ellacuría e outros que revolucionaram a história pela ação transformadora do Espírito. Desta forma, dois aspectos tomam importância fundamental:

O Espírito como luz para iluminar a verdade: ao longo da história o Espírito é força para captar a verdade nova e maior. Tal função está relacionada com a comunicação de Deus tornada presente em Jesus mas que precisa ser completada: “Quando ele vier, os guiará à verdade completa” (*Jo 16,13*).

Além disso, o Espírito é força para superar a mentira e iluminar a realidade encoberta. De fato, no mundo de hoje a mentira é uma instituição generalizada e sua superação é um milagre do Espírito que Sobrino chama seguimento “lúcido” onde articulam-se a vida de Jesus

---

<sup>234</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 362. É necessário notar que, embora nessa passagem a autora use minúscula em “espírito”, Jon Sobrino não o faz num contexto semelhante: “Nossa tese pode ser formulada assim: o seguimento de Jesus é o *canal* que se deve percorrer (dimensão cristológica), e o Espírito é a *força* para percorrê-lo atualizadamente (dimensão pneumatológica).” (SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 482) – *itálicos do autor, negrito nosso*.

<sup>235</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p. 482-483.

e a obra do Espírito.<sup>236</sup> O Espírito sopra onde quer e como quer, mas existe um lugar determinado de atuação, recordação e imaginação onde seu sopro é real e tem a força de um vendaval. Esse lugar é o seguimento de Jesus, estruturado em: encarnação entre os pequenos e fracos da história, missão libertadora em favor das vítimas, conflito com os opressores, perseguição e cruz, ressurreição como plenitude histórica e transcendente do seguimento.<sup>237</sup> Tal compreensão do Espírito como “memória e imaginação de Jesus” remete necessariamente à espiritualidade cristã e sua tematização.

### 2.3 Espiritualidade do Seguimento de Jesus

A convergência entre Jesus e o Espírito é o fundamento da espiritualidade cristã. Viver segundo o Espírito de Jesus, viver o seguimento de Jesus com Espírito é, para Sobrino, essencial para a espiritualidade que se pretenda sadia e autêntica. Ainda mais nos dias de hoje quando o tema tem tomado o centro das discussões e do interesse geral<sup>238</sup> motivado, talvez, pela crise de identidades, utopias, modos de agir e celebrar.

De um lado surge a fragmentação e de outro as transformações históricas a exigir respostas novas para problemas igualmente novos. A espiritualidade aparece como caminho de equilíbrio e geradora de sentido para um mundo esfacelado e violento que não se contenta simplesmente com imposições doutrinárias ou hierárquicas. Também a teologia vê desafiada sua reflexão e constata a ineficácia de certos modelos e esquemas mentais ultrapassados.

---

<sup>236</sup> “Na reflexão cristológica de Jon Sobrino, portanto, a relação entre Jesus, o enviado do Pai, e o Espírito se estabelece por meio de dois pólos: a vida de Jesus como possuída pelo Espírito e o Espírito como memória e imaginação de Jesus. E o seguimento é, para nós, o lugar autêntico da contemplação do mistério de Deus na sua realidade trinitária.” (BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 364).

<sup>237</sup> Cf. SOBRINO, J. *Luz que penetra las almas*. Espiritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús, *Sal Terrae*, n. 1008, p. 11, enero 1998.

<sup>238</sup> “No meu entender, algo disto está acontecendo agora. Existe um novo interesse pela vida espiritual, existe uma reafirmação pelo menos de sua importância e existem novas realizações. Porém, falar de novo sobre a vida espiritual não é algo que surge primordialmente por mera fidelidade formal à tradição secular – embora se entreveja nisto uma profunda verdade –, mas por fidelidade à própria situação, que volta a suscitar mais uma vez, e a partir de dentro de si mesma, o problema vital da vida espiritual”. (SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 10).

Para Jon Sobrino a espiritualidade não é “um substrato genérico das práticas espirituais, vistas como mecanismos para a santidade, de modo que seja algo opcional e só necessária para progredir na perfeição;”<sup>239</sup> não é “a maneira de colocar-nos em contato com o mundo espiritual, como se isso fosse possível à margem da história real e concreta”;<sup>240</sup> não é uma “realidade autônoma e isolada que pode constituir-se em si mesma mediante determinados mecanismos, para depois ser aplicada a qualquer situação ou prática cristã”.<sup>241</sup> Permanece afastada ainda, a compreensão de espiritualidade apenas como relação com o espiritual, invisível e imaterial, como se Jesus não tivesse se encarnado.<sup>242</sup>

Para compreender a espiritualidade é necessário relacioná-la com a realidade total que capacita para enfrentar a realidade histórica e sua complexidade e reagir diante dela. Segundo esta dimensão, “a espiritualidade é tão inerente ao ser humano quanto sua corporeidade, socialidade ou praxidade”.<sup>243</sup>

Num outro aspecto, a espiritualidade é o modo de seguir Jesus, vida com espírito ou, mais correntemente, vida com espírito de Jesus.<sup>244</sup> A vida é a realidade mais abrangente da qual as práticas espirituais constituem expressão e para a qual são iluminação e motivação.<sup>245</sup> Ao substantivo vida, acrescenta-se o adjetivo espiritual e, conseqüentemente, sem vida histórica e real, não pode haver vida espiritual.<sup>246</sup>

Essencialmente, portanto, a espiritualidade cristã consiste em seguir Jesus com espírito<sup>247</sup>, reproduzindo e atualizando sua vida histórica, com a opção pelos pobres. Espiritualidade como vida segundo o espírito de Jesus é a dimensão pneumatológica do seguimento que tem a função de atualizar Jesus na história, intrinsecamente unida com a

---

<sup>239</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 61.

<sup>240</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 11.

<sup>241</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidad y seguimiento*. In: Ellacuría, I; SOBRINO, J. (orgs). *Mysterium Liberationis*, p. 452-453.

<sup>242</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 24 e 32-33.

<sup>243</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 39.

<sup>244</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 10.

<sup>245</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 11.

<sup>246</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 24 e 32-33.

<sup>247</sup> “Às vezes é difícil traduzir em palavras em que consiste esse espírito. Talvez seja mais fácil assinalar a sua ausência. Tampouco se pode, porém, negar que, na presença de homens e mulheres com espírito, notamos algo de novo, mesmo sem poder defini-lo adequadamente. Notamos que sua história, sua opção pelos pobres, sua luta pela justiça, seu compromisso com processos libertadores e revolucionários têm algo de especial que, longe de separá-los da história, outorga à sua vida uma profundidade e uma qualidade especiais. E, se é difícil definir a vida com espírito, não se torna difícil apontar para pessoas concretas ou para grupos religiosos que o possuem e manifestam-no” (SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 19).

dimensão cristológica, para refazer a estrutura fundamental da vida histórica de Jesus.<sup>248</sup> Estar com Jesus, aprender dele os segredos do Pai, ser enviado em missão por ele e em lugar dele,<sup>249</sup> tal visão reconhece o elemento histórico e o elemento transcendente, este último mediado pelo primeiro.

Não se pode confessar a Deus sem trabalhar pelo seu Reino; não se pode confessar a Cristo sem o seguimento histórico de Jesus. [...] Não pode haver vida “espiritual” sem “vida” real e histórica; não se pode viver “com espírito” sem que o espírito se faça “carne”...<sup>250</sup>

O Espírito doador da vida envia a proclamar a boa-nova aos pobres, sustenta os profetas, fortalece os perseguidos: tal vida histórica, encarnada de acordo com o projeto de Deus, segundo Sobrino, já é vida espiritual.<sup>251</sup> Essa espiritualidade unifica a resposta do ser humano transformando a realidade em promessa. Sem essa relação vital todo o dinamismo ficaria irremediavelmente prejudicado.

### 2.3.1 Espiritualidade a partir da realidade total

Para Sobrino é fundamental uma correta relação entre o espírito do indivíduo e a realidade circundante que se desdobra em três pontos fundamentais: pressuposto da espiritualidade, fundamento da vida espiritual e mediação da realidade. Tal método supõe uma visão cristã da realidade em seu todo, também como promessa. É sobre esta realidade que a espiritualidade vai agir ouvindo Deus na história e expressando a resposta à sua palavra através da mesma mediação.

A lealdade e fidelidade para com a realidade não constitui apenas o pressuposto para uma experiência espiritual de Deus, mas sua matéria própria, fora e independentemente da qual não se capta a revelação, nem se responde a ela. Isto responde, positivamente, à tão reiterada estrutura histórica da revelação de Deus, bem em suas origens, no decurso da história, na encarnação do Filho e inclusive no final escatológico.<sup>252</sup>

---

<sup>248</sup> SOBRINO, J. Espiritualidad y seguimiento de Jesús. In: *Mysterium Liberationis*, p. 460.

<sup>249</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 53-56.

<sup>250</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 13.

<sup>251</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 13.

<sup>252</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 32.

Para Sobrino a relação com a realidade pode ser definida em quatro exigências fundamentais no prosseguimento de Jesus com espírito: lealdade, misericórdia, fidelidade e esperança.

O pressuposto básico, portanto, é a aceitação da verdade da realidade: lealdade com o real.<sup>253</sup> Essa atitude implica um modo concreto de conhecer a realidade, sem manipulá-la segundo os próprios interesses. A desonestidade nesse campo traz conseqüências funestas: priva as coisas do seu próprio significado e, portanto, de sua capacidade de desencadear história; impossibilita o sujeito de conhecer a realidade; nega a Deus na prática por não reconhecê-lo fundamento do real e do próprio espírito do sujeito.<sup>254</sup>

A lealdade para com o real implica a ética do sujeito que torna-se chamado a responder às exigências que se lhe apresentam. Sua resposta deve apoiar-se na afirmação da vida que clama por amor e, por sua vez, leva à justiça. Em contrapartida, torna-se necessário o *não* à morte e suas formas de manifestação. Jesus sentiu compaixão das multidões e comoveu-se diante de suas necessidades reais: exigiu que os discípulos lhes dessem de comer, pediu pão cotidiano, defendeu a quem por fome comia do campo alheio, curou enfermos, fazendo pouco das prescrições que travestiam a opressão de piedade religiosa. Igualmente, Sobrino vê a insistência em relação à atividade solidária com os pobres deste mundo como fruto da honradez com a realidade latino-americana.<sup>255</sup>

Assumir o sofrimento alheio gera a atitude de misericórdia que Jesus pede dos seus: “Sêde misericordiosos como vosso Pai celeste é misericordioso” (Lc 6,36). A misericórdia é o modo concreto de responder diante da realidade e é também o modo último e decisivo, como mostra a parábola do juízo final: dela depende a salvação de todos os envolvidos.

Diante da realidade ela assumirá várias formas: ajuda, assistência, reconciliação e ainda mais, diante de povos inteiros crucificados assumirá a forma de justiça estrutural,

---

<sup>253</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 24.

<sup>254</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 25.

<sup>255</sup> “Dito de forma positiva, a lealdade ético-prática é a misericórdia diante da realidade. Misericórdia que não se reduz ao aspecto emocional-afetivo (ainda que possa estar presente), mas significa reação diante do sofrimento alheio que foi interiorizado, que se identificou com a pessoa, para salvar. É a reação primeira e última, por meio da qual adquirem sentido as outras dimensões do ser humano e sem a qual nenhuma outra pode chegar a ser humana.” (SOBRINO, J. *Espiritualidad y seguimiento de Jesús*. In: ELLACURÍA, I; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis*, p. 454).

misericórdia para com as maiorias. Assim, a misericórdia é a relação ideal com a realidade que se torna então, lugar para discernir a vontade do Pai.

Esta atitude precisa tornar-se realmente constante nos caminhos do seguimento de Jesus com espírito. É uma busca sem tréguas da vontade do Pai: caminho difícil e pedregoso, capaz de exigir a entrega da própria vida no testemunho do martírio ou na doação constante até o último dos dias. Modelo supremo desta atitude é o Servo de Javé (*Is 42-55*) que mantém-se fiel até o fim. O próprio Jesus não se abateu pelas divergências e contradições, enfrentou a oposição em seu grau máximo, mantendo a fidelidade ao projeto do Pai mesmo quando lhe pareceu nebuloso, mesmo quando se fez silêncio.<sup>256</sup>

Tal fidelidade, testemunhada pelos mártires de todos os tempos e também os da América Latina, é exigência da prática libertadora. A lealdade com o real – a atitude de misericórdia diante da realidade e a fidelidade incondicional a ela – está fundamentada na promessa e gera esperança da libertação. Promessa e Esperança brotam da realidade como boa notícia e são demonstrações da graça de Deus que age em tudo e todos e onde menos se espera. Aceitar essa graça é obra do Espírito que é o eterno alimentador da utopia da busca e da construção do futuro sonhado por Deus. É um caminho onde não se vai só, há uma verdadeira “nuvem de testemunhas” (*Hb 12,1*) que incentivam e acenam pela viabilidade do projeto a edificar. A realidade é exigente, mas ao mesmo tempo possibilidade. Oferece meios e clama por corações agradecidos capazes de reconhecê-los e celebrá-los como dons de Deus.

### **2.3.2 Uma nova teologia para uma nova espiritualidade**

Jon Sobrino considera fundamental a correta relação entre teologia e espiritualidade superando qualquer dicotomia que insista em se manter. Tal projeto exige conversão da mente e do coração a uma nova relação com a espiritualidade e com a própria teologia: a reflexão teológica esclarece e alimenta a vida espiritual; a experiência espiritual, por sua vez, sustenta

---

<sup>256</sup> “O silêncio da cruz é o silêncio de Deus e da história; mas Jesus se mantém fiel, pois seria desonestidade se forçasse uma palavra diferente; e, aceitando esse silêncio e arcando com ele, mantém-se em fidelidade para com o real.” (SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 29).

e dá vigor à inteligência da fé.<sup>257</sup> Para que a teologia seja toda ela espiritual, não basta privilegiar temas espirituais... é necessário um espírito adequado ao trabalho teológico que não apenas registre conteúdos, mas integre-os ao espírito dos destinatários.<sup>258</sup>

Para isso, segundo Sobrino, três são os adjetivos necessários: teologal, popular e criatural. Teologal no sentido de deixar Deus falar, sem manipulá-lo, abrindo-se ao mistério do Pai bondoso e salvador. Por outro lado, introduzir a pessoa nesse mistério para que faça a experiência através da oração e abertura à Palavra.<sup>259</sup> Nesse âmbito desenvolve-se uma teologia da história como manifestação de Deus que espera o compromisso de uma resposta humana. Certamente não qualquer conceito de Deus, mas o Deus Trindade que apresenta meios de aproximação com o ser humano: seguimento, caminhar no espírito, presença esperança.<sup>260</sup>

Teologia popular no sentido de incluir a fé do povo nas fontes do conhecimento teológico: testemunhos, Escrituras, Tradição, e também o presente e sua realidade que continua a falar nos dias de hoje. Tal teologia relaciona-se com o povo pobre, destinatário privilegiado da revelação de Deus que, a partir dessa parcialidade faz sua mensagem alcançar a universalidade. Como uma carta que Deus dirige aos homens, à Igreja e à teologia, o povo pobre torna-se capaz de fazer, especialmente esta última, solidária e real (cf. *Puebla* 1147).

Por fim, uma teologia criatural, aberta ao ser humano, ao mundo e seus problemas e disposta ao diálogo com os não-crentes. A encarnação de Cristo exige-lhe preocupação com o ser humano concreto e seus problemas e esperanças reais. Tal preocupação, fruto da lealdade e da fidelidade ao real, é o fundamento da teologia espiritual e sua proposta de caminho de Jesus como realização plena do ser humano.<sup>261</sup>

---

<sup>257</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 87.

<sup>258</sup> “A teologia atual está consciente da necessidade de se mostrar relevante para o mundo, e por isso procura determinar qual é a realidade deste mundo no qual se realiza a atividade teológica. [...] Caracterizar o mais adequadamente possível a realidade do mundo atual é necessário para a relevância da teologia, pois assim o mundo desempenha o papel de sinal dos tempos em sua aceção pastoral. Mas é importante também para a sua identidade, se é que esse mundo é compreendido como sinal dos tempos em sua aceção teologal, como lugar da manifestação da presença e da vontade de Deus.” (SOBRINO, J. *O princípio misericórdia*, p. 47).

<sup>259</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 89.

<sup>260</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 90-91.

<sup>261</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 93-96.

Seja qual for a afinidade do cristianismo com a religião, a fé cristã afirma que o mistério de Deus mantendo-se inalcançável, aproximou-se real e irrevogavelmente em Jesus de Nazaré. Segundo isto, não se pode reduzir Jesus a um mestre de sabedoria, embora fosse o mais excelso deles, como nas religiões. Jesus é a expressão histórica do mistério de Deus. Isto não coloca o cristianismo acima nem abaixo de outras religiões, nem torna mais fácil nem mais difícil abordar hoje sua crise. Trata-se de manter sua estrutura formal “cristológica” e não simplesmente “religiosa”.<sup>262</sup>

Portanto, a constatação de que uma teologia meramente doutrinal, explicativa e dedutiva tornou-se irrelevante diante da realidade hodierna<sup>263</sup> longe de favorecer o desânimo, chama à uma dupla tarefa: retomar o conteúdo dos esquecidos e tratar daqueles que, por sua própria natureza, comunicam espírito. É a descoberta da centralidade do Reino de Deus como realidade e esperança que suscita prática transformadora como resposta. Mas, não se trata somente de retomar esse conteúdo e acabar por incluí-lo como um item de grade curricular. É o espírito, a alma de sua mensagem, que precisa fecundar continuamente o trabalho teológico.<sup>264</sup>

É precisamente isto que se propôs, segundo Sobrino,<sup>265</sup> a Teologia da Libertação: dar uma resposta à realidade histórica integrando, desde o início, a espiritualidade como dimensão essencial de procedimento.<sup>266</sup> Por isso, em sua origem está o encontro com o Senhor nos pobres, a vivência da gratuidade e a certeza de que não bastam apenas categorias teóricas para a libertação. Sua proposta é arrojada: ser uma síntese criativa do agir humano e cristão no mundo de hoje, especialmente no dos pobres.<sup>267</sup>

Ao mesmo tempo, também integra dimensões como corporeidade, socialidade, “praxidade” e “utopicidade” do ser humano<sup>268</sup> restando, por fim, vencida a dicotomia entre teologia e espiritualidade por meio de dois caminhos: experiência espiritual como ato primeiro e a integração da espiritualidade na teologia – ambos englobando o universo único que conjuga o saber teológico e a vivência da fé.

---

<sup>262</sup> SOBRINO, J. Cristianismo em crise? In: *Concilium*, n. 311, p. 135, 2005/3.

<sup>263</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 384.

<sup>264</sup> “O problema hermenêutico não se reduz à compreensão do texto, mas é também um problema de espiritualidade: qual é o espírito que move a ler a texto, que possibilita interpretá-lo e que permite comunicar seu espírito hoje.” (SOBRINO, J. *Espiritualidad y seguimiento de Jesús*. In: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs). *Mysterium Liberationis*, p. 451).

<sup>265</sup> SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 62-63.

<sup>266</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 62-63.

### 2.3.3 Seguimento de Jesus com Espírito: santidade encarnada na história

As exigências fundamentais da espiritualidade são derivadas, segundo Sobrino, dos momentos principais da vida de Jesus: encarnação parcial na história, missão libertadora em favor das vítimas, morte na cruz e ressurreição. É o programa que o seguidor torna-se chamado a reproduzir e atualizar. Programa exigente mas frutuoso e gerador de santidade: santidade da pobreza (a opção pelas vítimas deste mundo); santidade do amor (missão no espírito das bem-aventuranças); santidade política (martírio, expressão do amor maior); santidade do gozo (viver à luz da ressurreição).<sup>269</sup>

De fato, ao assumir a natureza humana, Jesus optou pela pobreza e simplicidade: pobre com os pobres assumiu a causa do Pai. Tal exigência é fundamental para o discípulo, pois os pobres são lugar de conversão ao questionar o modo de ser e viver e, ao mesmo tempo, lugar de evangelização pelo testemunho de amor, alegria e esperança. Preferidos de Deus tornam-se lugar da experiência com o próprio Senhor. Encarnar-se no mundo dos pobres é encontrar Deus, mistério inefável, tornado próximo e presente no mundo. Beber desse poço<sup>270</sup> leva a assumir a causa das vítimas e entregar a vida em favor da justiça, expressão da santidade do amor: “globalizar humanamente não é simplesmente fazer com que ‘todos entrem’, o que seria pouco, mas que ‘todos sejam’, cada um o que é, com a alegria de se apoiar mutuamente”.<sup>271</sup>

A entrega da vida para que os outros a tenham em abundância é realidade central da espiritualidade e tem como fruto a santidade do amor: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (*Jo* 15, 13). Dar a vida é viver com radicalidade o espírito das bem-aventuranças, síntese programática de quem age com espírito:<sup>272</sup> limpos de coração que gera a castidade do conhecimento e da vontade para não impor as próprias idéias nem manipular a realidade;<sup>273</sup> coração misericordioso que não é mero sentimento, mas fruto do “princípio misericórdia”: reação que deve transformar-se em princípio configurador do ser

---

<sup>267</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 385.

<sup>268</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 63-64.

<sup>269</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 386.

<sup>270</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 59-96.

<sup>271</sup> SOBRINO, J. A globalização e suas vítimas, In: *Concilium* 293, 2001/5, p. 122.

<sup>272</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, p. 236.

humano e suas ações; trabalhar pela paz como agente de reconciliação universal, firme na perseguição até a prova suprema de fidelidade e amor; perdoar e aceitar o perdão como libertação, gratuidade e parcialidade;<sup>274</sup> pobres em espírito são os que crêem na força da fraqueza e esperam contra toda esperança entregando a vida para reconstituir o rosto desfigurado de Cristo no irmão; santidade está sempre relacionada com gratuidade, resposta amorosa ao amor de Deus que gera criatividade.<sup>275</sup>

A missão, portanto, torna-se dimensão essencial da espiritualidade exercida, como Jesus, no espírito das bem-aventuranças e potenciada pela gratuidade. Uma tal atitude gera perseguição e exige vivência heróica em meio a estruturas corrompidas e corrompedoras: santidade política.<sup>276</sup>

Não é masoquismo, mas fidelidade. A espiritualidade do amor crucificado é fruto da encarnação na realidade permeada de contravalores do anti-reino, que mata os que anunciam o Reino verdadeiro.<sup>277</sup> Santidade política ultrapassa a simples relação fé e política, exige uma dupla concretização: realização dos valores cristãos para haver vida cristã política, e a santidade como possibilidade da eficácia histórica da política.<sup>278</sup> Nesse sentido, o martírio surge como expressão por excelência da santidade política, causado pela resposta não violenta do mártir diante do *odium fidei*, e modelado a partir de Jesus “sacramento original do martírio”.<sup>279</sup>

O martírio tem características relevantes: a confissão de fé deve ser entendida como confissão da vida justa que remete a Deus fonte primeira da vida; a paciência na aceitação da morte não se confunde com a passividade, mas tem elementos de violência legítima que precisa ser determinada; o amor que se professa nessa situação é direcionado ao povo em

---

<sup>273</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p.14 e 49.

<sup>274</sup> Cf. SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p. 147.

<sup>275</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 51.

<sup>276</sup> “Portanto, o mais profundo da perseguição à Igreja não consiste nos ataques diretos contra ela como mera instituição.[...]Mas o mais profundo consiste em impossibilitar e destruir sua missão e a finalidade de sua missão. [...] Historicamente, como veremos, ambos os tipos de perseguição se unificam. Perseguir Jesus hoje, é perseguir seu corpo histórico, a massa dos homens que o representam privilegiadamente em sua miséria e pobreza, segundo o antigo grito de Jesus a Paulo: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?’ (At 9,4). Essa determinação cristã do que significa perseguição à Igreja só será nova para quem não tiver compreendido o que há de novidade na Ecclesiológia do Vaticano II e de Medellín.” (SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja*, p. 244).

<sup>277</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidad y seguimiento de Jesús*. In: ELLACURÍA, I; SOBRINO, J. (orgs). *Mysterium Liberationis*, p. 468.

<sup>278</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 98.

<sup>279</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 384.

geral e à concretização da libertação do mesmo povo. Na América Latina especialmente, duas são as realidades de martírio: amor ao povo na denúncia do pecado e promoção da justiça que faz enfrentar os poderosos, e martírio do povo que assume sua situação de miséria e exclusão no amor ao próximo e na ânsia de justiça. Deste modo, o martírio é testemunho a serviço da salvação histórica.<sup>280</sup>

Desta maneira, o martírio torna-se essencial à identidade cristã e complementar à libertação. A libertação outorga relevância à fé e o martírio lhe dá credibilidade mantendo vivos o Reino de Deus e a cruz de Jesus como realidades recíprocas. O martírio ainda leva à redescoberta da Cristologia do corpo de Cristo na expressão de I. Ellacuría: “povos crucificados”: maiorias oprimidas relacionadas com o servo sofredor e o Cristo crucificado.<sup>281</sup> Tal atitude prepara e anuncia a ressurreição como aurora de esperança e de libertação.

Para Jon Sobrino, viver como ressuscitados na história produz como fruto a santidade do gozo: a ressurreição como triunfo da vida sobre a morte consiste na esperança que não morre, já que o amor vence a morte em Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado. Viver à luz da ressurreição leva à celebração agradecida do Pai misericordioso que revela seus tesouros aos pequenos, fazendo-se presente nas condições históricas e desafiando seus discípulos a encontrá-lo precisamente nelas. Essa sensibilidade para perceber os caminhos de Deus é pressuposto básico e fruto primeiro da espiritualidade do seguimento de Jesus com espírito: como o caminho que se faz ao caminhar, é o seguimento o lugar e critério do discernimento.<sup>282</sup>

---

<sup>280</sup> “Mártir não é só nem principalmente o que morre por Cristo, mas o que morre como Jesus; mártir não é só nem principalmente quem morre por causa de Jesus, mas quem morre pela causa de Jesus. Martírio é, pois, não só morte por fidelidade a alguma exigência de Cristo – que hipoteticamente poderia inclusive ter sido arbitrária –, mas reprodução fiel da morte de Jesus. O essencial do martírio está na afinidade com a morte de Jesus.” (SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 385).

<sup>281</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 116.

<sup>282</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 395.

### 2.3.4 Segundo o Espírito de Jesus, recriar continuamente o seguimento

Reconhecer o Ressuscitado presente e atuante na História é um desafio que remete ao próprio evento da ressurreição (cf. *Lc 24*): exige olhos novos para ver a verdade de Deus<sup>283</sup> e o coração transformado em misericórdia para “descer da cruz os povos crucificados”<sup>284</sup> a exemplo de Cristo e segundo sua prática atualizada no Espírito.

Nossa tese pode ser formulada assim: o seguimento de Jesus é o canal que se deve percorrer (dimensão cristológica), e o Espírito é a força para percorrê-lo atualizadamente (dimensão pneumatológica). [...] O seguimento é a estrutura da vida, o canal marcado por Jesus para se caminhar, e o Espírito é a força que capacita para caminhar real e atualizadamente por esse canal ao longo da história.<sup>285</sup>

Jon Sobrino preocupa-se em elencar sinais que revelam a vivência da fé autêntica em Jesus de Nazaré segundo o Espírito: o anúncio corajoso do Reino de Deus aos pobres,<sup>286</sup> a denúncia da escravidão em todas as suas formas e dos ídolos da morte,<sup>287</sup> a luta para que todos tenham o necessário para viver com dignidade de filhos de Deus,<sup>288</sup> a proclamação da verdade ao desmascarar o pecado enfrentando perseguição na firmeza da fé,<sup>289</sup> a ação com entranhas de misericórdia e coração limpo para promover a justiça.<sup>290</sup> São ações, cada uma à sua maneira, que confessam Jesus como Filho de Deus, pleno do Espírito e enviado do Pai, libertador de todas as formas de escravidão.<sup>291</sup>

Agir como Jesus na oração ao Pai, rejubilando-se pelo Reino revelado aos pequenos e pobres e sofrendo diante do mistério da iniquidade,<sup>292</sup> permanecendo com Deus na cruz de Jesus e nas cruzes da história mantendo viva a esperança,<sup>293</sup> entregando a própria vida para que os outros a tenham, é sinal, refere Sobrino, de que vivem segundo o Espírito de Deus

---

<sup>283</sup> Cf. SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p. 22-25.

<sup>284</sup> Cf. SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p. 25-28.

<sup>285</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p. 482.

<sup>286</sup> Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da Libertação*, p. 159.

<sup>287</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 266-284.

<sup>288</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 366-390.

<sup>289</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 288-300.

<sup>290</sup> Cf. SOBRINO, J. *O Princípio Misericórdia*, p. 27.

<sup>291</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, p. 85.

<sup>292</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 202-238.

derramado em seus corações e respondem, no amor de Deus aos irmãos, ao Deus que amou primeiro; experimentam o dom de Deus e a Deus como dom maior, diante do qual a última e definitiva palavra, apesar dos horrores da história, é uma palavra de ação de graças.<sup>294</sup> A partir dessa mesma vivência todas as formulações de fé adquirem sentido fundamentado no amor incondicional a Cristo e na entrega a ele no irmão.<sup>295</sup>

É isso que se deve fazer no seguimento, e isso nos é dado por Jesus. “Convencer-nos disto” diante da tentação de ignorá-lo ou distorcê-lo, e refazer atualizada, não mecanicamente, a estrutura da vida de Jesus é a ação do espírito. Isso nos retrotraí sempre a Jesus de Nazaré e nos revela a verdade de Cristo ao longo da história. O seguimento não deve sufocar o Espírito, mas necessita dele, de modo que ambos se remetem um ao outro.<sup>296</sup>

Mas o seguimento, sendo histórico e historicamente condicionado, está sujeito às fraquezas humanas e ao pecado. Torna-se, então vital a busca da vontade de Deus e o discernimento a respeito de seu projeto. O guia para esta difícil empresa é o próprio Jesus e a maneira como ele soube identificar e responder ao Pai expressa em três pontos: o caminho de Jesus na busca da vontade do Pai, as características formais do discernimento de Jesus e os critérios de discernimento.

Como a estrutura do discernimento de Jesus precisa ser recriada ao longo da história segundo o Espírito, é inevitável a tensão entre a história de Jesus e a história que o Espírito desencadeia. Ao anunciar o Reino de Deus e mostrá-lo próximo, Jesus enfrenta uma realidade desafiadora: o Reino é maior que qualquer lei e não se prende aos esquemas mentais humanos. A tentação no deserto, a crise na Galiléia, a oração no Horto, a morte na cruz... são ocasiões de discernimento da vontade de Deus.<sup>297</sup>

---

<sup>293</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 320-337.

<sup>294</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, p. 85-86.

<sup>295</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, p. 85-86.

<sup>296</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*, p. 482.

<sup>297</sup> Cf. SOBRINO, J. *Jesus, o Libertador*, p. 222. “A exigência primigênia de discernir é dada a Jesus paralelamente à descoberta do ser maior de Deus. À realidade objetiva de um Deus sempre maior corresponde sua atitude subjetiva de deixar Deus ser Deus. ‘Discernir’ e ‘Deus maior’ são, então, realidades correlativas que só em sua mútua interação se vão esclarecendo.” (SOBRINO, J. *Jesus na América Latina*, p. 196).

É na abertura radical ao Deus maior que Jesus descobre, no amor incondicional ao ser humano, a manifestação do Deus menor: a vontade de Deus se concretiza no amor ao próximo. Em Jesus, de fato, é revelado o modo fundamental de corresponder ao Pai, “o autor e realizador da fé” (*Hb* 12,2). É esse modo que deve ser seguido: não suas respostas, mas seu modo de discernir a vontade do Pai expresso em atitudes historicamente identificáveis. Discernir retamente à maneira de Jesus é, portanto, manter viva a consciência da realidade e a radical disponibilidade à práxis do amor e à superação do pecado historicamente estabelecido.<sup>298</sup> É aí que se deve procurar o Espírito de Deus.<sup>299</sup>

Colocada portanto, nestes termos a tese fundamental, Jon Sobrino imediatamente propõe sua verificação na vida de Jesus a fim de “como nela se faz presente o Espírito, de modo que – para nós – o seguimento não seja só prosseguir uma vida histórica ‘já sem espírito’, mas uma vida que esteve ‘cheia de espírito’”.<sup>300</sup> Em outras palavras, reconhecer a presença do Espírito não só no seguidor, mas também no próprio objeto do seguimento.

De fato, Jesus é apresentado pelos evangelistas como “possuído pelo Espírito de Deus” que o impulsiona no batismo, nas tentações, na missão inaugural na sinagoga de Nazaré... Portanto, sua vida está penetrada pela força do Espírito de Deus e por isso “seguir a Jesus na história será seguir alguém que, em vida, esteve cheio do Espírito, e o seguimento desse ‘Jesus com espírito’ incluirá no seguidor a disponibilidade de deixar-se afetar pelo que seja ‘espírito.’”<sup>301</sup>

De fato, a vida de Jesus não aparece como coisa mecânica. Ele sabe lidar com a realidade de um mundo determinado, original e sempre por fazer. São esses modos que depois puderam ser interpretados como manifestação do Espírito Santo: Espírito de novidade, Espírito de verdade e vida, e Espírito de êxtase para o Pai.

---

<sup>298</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 401.

<sup>299</sup> “Hoje, quando proliferam movimentos que se remetem ao Espírito, mais como expressão do extraordinário e esotérico que como a realidade de que está perpassado o seguimento de Jesus, quando parece que é invocado às vezes – dito com todo o respeito – como um *deus ex machina*, mais que como o Espírito do Deus de Jesus Cristo, é importante frisar a tese: o Espírito dá força para o seguimento, mas o seguimento – e não realidades esotéricas – é o seu lugar próprio. O Caminho que leva ao conhecimento de Jesus Cristo é o ‘seguimento com espírito’, mas não a ação do Espírito independentemente do seguimento.” (SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 485).

<sup>300</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 484.

<sup>301</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 484.

Jesus se põe diante de Deus como criatura na posição de discernimento, procura ouvir sua voz diante das situações que apresentam e necessitam de novas respostas diferentes das da tradição antiga. Ele se mostra aberto à novidade permitindo que ela aconteça em sua vida de acordo com a vontade do Pai. Por ela aceita a morte e anuncia o Reino de Deus no seguimento: entrega-se confiante nas mãos de Deus.

Mas o Espírito, além de atitudes propicia conteúdos, é “Senhor que dá a vida e falou pelos profetas”. A vida de Jesus foi colocada a serviço da vida do mundo. Vivendo plenamente não foi um fanático mas, denunciou a mentira e o anti-reino presente. Pela vida, Jesus coloca-se como testemunha fiel da verdade na denúncia aos ídolos que geram morte e escravidão. Exige dos seus discípulos posicionamento firme e claro, deixa como mandamento o amor e a misericórdia para com os oprimidos.

Embora falar de “êxtase no Espírito” seja perigoso<sup>302</sup> por poder remeter ao esotérico e a-histórico, Jon Sobrino não encontra palavra melhor para mencionar o milagre do Espírito que liberta o homem de si mesmo – uma das bases da oração.<sup>303</sup>

A preocupação é servir ao Reino que precisa ser construído, mas também pedido: “venha o teu Reino” (Mt 6, 10). É o espírito de gratuidade que faz sair de si mesmo, onde “Jesus sai do próprio eu – esse eu que tantas vezes ressoou triunfante: ‘Ouvistes, porém, eu vos digo’- e o entrega ao Pai: ‘Que não se faça o que eu quero, mas o que tu queres’”.<sup>304</sup> Tal perspectiva leva à mudança de método cada vez que se quiser compreender a ação do Espírito em Jesus.<sup>305</sup>

---

<sup>302</sup> Cf. SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 486.

<sup>303</sup> “Paulo afirma que é o Espírito que nos faz chamar a Deus de *Abba*, Pai, e assim o chama Jesus com naturalidade, sempre, com a única exceção de seu grito na cruz: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ A vida de Jesus está perpassada pelo espírito de oração. Sua vida é uma vida cheia de graça. Em sua missão não aparece a *hybris* nem atitude prometéica, mas em tudo aparece a acolhida à iniciativa de Deus.” (SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 486).

<sup>304</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 486.

<sup>305</sup> “Seja qual for a sorte desta análise, a conclusão é que a vida de Jesus está impregnada de espírito, e isso independentemente das palavras que se pode pronunciar sobre ele. Pois, para Jesus, como para todo o ser humano, o ‘ser espiritual’ não se decide no falar acerca do Espírito, mas em falar no Espírito e com espírito.” (SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 486).

No seguimento de Jesus, e esta é a conclusão final, significa que não basta uma reprodução mecânica de uma vida igualmente mecânica, mas sim a reprodução e atualização hoje (com espírito) de uma vida (que foi vivida com espírito). O seguimento torna-se então “lugar de historicizar as manifestações do Espírito e é o lugar de entrar em sintonia com o Espírito de Deus: Não somos ingênuos, mas sem espírito não haverá um mundo ‘outro’. E se insistimos nisto, é porque o mundo atual tem, antes de tudo, déficit de espírito.”<sup>306</sup> E, a partir daí, é o lugar de reconhecer – doxologicamente – que é o Espírito que nos ensina quem é Jesus, que é a força de Deus ‘para fazer coisas maiores ainda.’”<sup>307</sup>

Portanto, qualquer tentativa de compreensão do mistério revelado, no Espírito, em Jesus Cristo, exigirá sempre dois caminhos, um teórico e um histórico. É aí que se fará a experiência de Jesus de Nazaré na história vivida adequadamente, mais humana, descentralizada de si mesmo e para os outros, esperançosa num futuro absoluto, desconhecido, misterioso e utópico, a caminhar com Deus e para Deus.<sup>308</sup>

O caminho em que se pode fazer essa experiência é, em último termo, o seguimento de Jesus, sempre historicizado “com espírito” e sempre atualizado pelo “Espírito de Deus”. É isto que significa o seguimento de Jesus como princípio metodológico.<sup>309</sup>

## 2.4 Conclusão

Jon Sobrino deixa claro seu princípio metodológico: prosseguimento de Jesus com espírito atualizado pelo Espírito de Deus. Tal sentença aparece, de forma lapidar, apenas nas últimas páginas de sua *Cristologia*. Mas é uma decorrência lógica preparada por centenas de páginas de reflexão. É seu coroamento. É o desvelamento final da dinâmica de trabalho que o levou a empreender o processo de reflexão sobre o Filho de Deus.

---

<sup>306</sup> SOBRINO, J. Um outro mundo é possível, In: *Concilium* 308 – 2004/5, p. 143.

<sup>307</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 487.

<sup>308</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 487.

<sup>309</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 487.

De fato, não encontra-se a tematização do Espírito Santo em Jon Sobrino da forma que se poderia esperar. Muito menos um tratado de Pneumatologia. Seu método é diferente. Escolhe partir de onde muitos consideram ponto de chegada: a vida real e concreta de Jesus, homem pleno do Espírito. Reconhece de início a convergência de ambos com a missão do Verbo Encarnado e a relação íntima que aí se manifesta. Portanto, é na vida de Jesus, na sua prática, que torna-se possível encontrar o Espírito de Deus.

A encarnação de Jesus, por obra do Espírito Santo, torna-se o início do itinerário do seguimento. Articula na mesma realidade parcialidade e universalidade, inicia o caminho do discernimento do discípulo nos moldes de Jesus, guiado pelo Espírito. Passando pela cruz, a história de Jesus não termina na morte mas abre-se à dimensão escatológica através da ressurreição. Infunde esperança, inaugura um novo tempo: prosseguimento e atualização na força do Espírito.

É no seguimento de Jesus que o Espírito tem seu lugar privilegiado de manifestação, aí se faz “memória e imaginação de Jesus” no serviço às vítimas, força para enfrentar as perseguições e amor para oferecer a própria vida pela vida do mundo. Somente tal seguimento merece ser chamado de “espiritualidade” por relacionar-se com a realidade total e assumi-la como fez Jesus ao encarnar-se. Essa atitude opera uma verdadeira revolução, um novo Pentecostes, que não deixa o seguidor ficar impassível diante do grito do mundo pelo sentido e por uma reflexão que seja relevante ao seu tempo. É isso que tenta fazer a Teologia da Libertação entre acertos e percalços: assumir a realidade problemática sem escamoteá-la, aceitando suas contradições na fidelidade ao real.

Esse verdadeiro programa de santidade que Sobrino propõe é derivado imediatamente da vida de Jesus e torna-se possível somente na força do Espírito que recria continuamente o seguimento. De fato, sendo histórico e historicamente condicionado, o seguimento de Jesus precisa ser constantemente recriado exigindo, portanto, do seguidor a mesma atitude do Mestre: abertura à novidade e à ação do Espírito. Sem isso, o seguimento vira simples reprodução mecânica, perde a dinamicidade e a própria razão de ser, perde o espírito. A Cristologia de Jon Sobrino desemboca no prosseguimento porque movida pela Pneumatologia e faz-se pneumatológica porque direcionada ao seguimento.

### **3 DOIS PONTOS DE PARTIDA: UMA MESMA REALIDADE**

#### **3.1 CONGAR**

##### **3.1.1 Uma Pneumatologia cristológica para o agir cristão no mundo**

Tornou-se proverbial a sentença com que Congar resume todos os seus estudos sobre o Espírito Santo: “não há Cristologia sem Pneumatologia, não há Pneumatologia sem Cristologia”.<sup>310</sup> De fato, é bem possível afirmar que, no caso do teólogo dominicano, a Pneumatologia tornou-se caminho para a Cristologia. Não que seja possível separar essas realidades ontológica e indivisivelmente associadas, mas pelas próprias mediações que vão se estabelecendo ao homem que procura perscrutar os desígnios de Deus, estas assim se lhe apresentaram.

Nesse sentido, Congar é representativo de toda uma época da reflexão teológica que foi redescobrimo sempre mais as relações vitais entre Cristologia e Pneumatologia, não apenas no que têm de autônomas, mas sobretudo naquilo que lhes é impossível separar. Ele é representante do que chama “renovação da espiritualidade” que corre com a “lógica da realidade, a renovação patrística, a busca de fundamentos teológicos sólidos, o diálogo

---

<sup>310</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 11.

ecumênico, e particularmente o contato com os nossos amigos Ortodoxos...”<sup>311</sup> orientando a Igreja para seu verdadeiro lugar no mundo e a missão a desempenhar nele.

Por isso, nos escritos cristológicos primevos, Congar reflete uma época inteira, carente da tematização explícita do Espírito Santo e, mais ainda, de sua inserção na teologia trinitária - na verdade ele não faz nenhuma.<sup>312</sup> Contudo, o espírito de abertura do autor o lança à reflexão que surge e floresce e sobre a qual confessa: “tenho sido progressivamente conduzido a ampliar a minha visão. Duas coisas me levaram a isto: o ecumenismo e o estudo da história, juntando-se a isto uma atenção (limitada, mas real) voltada para aquilo que se pesquisa e se escreve hoje em dia. O ecumenismo e a história fazem-nos conhecer outras construções, que também possuem as suas razões e a sua verdade”.<sup>313</sup> Desde o início de sua produção Congar mostra-se voltado aos problemas principais de sua época e é motivado por eles que surgem seus grandes estudos teológicos. Aventura-se também na Cristologia onde, embora tenha intuições interessantes, serve mais como paradigma de comparação com a evolução enorme que desenvolverá na maturidade, sobretudo quanto às relações Cristologia – Pneumatologia. A reflexão cristológica genuína de Congar só será acessada de fato via Pneumatologia.

Tal caminho o levou à tematização das questões diretamente ligadas à Eclesiologia, matéria que teve sua preciosa contribuição quando do Concílio Vaticano II. É pela Eclesiologia que ele encontrará o Espírito Santo sentindo cada vez mais a necessidade de escrever especificamente sobre a questão, e é nela que chegará a uma Cristologia pneumatológica. A partir do surgimento da Renovação Carismática, a necessidade de uma abordagem séria sobre o Espírito Santo, há muito sentida, torna-se urgente e inadiável.<sup>314</sup> Congar não parte com respostas prontas... ouve a realidade e respeita o fenômeno antes de tecer suas considerações... é um otimista.

---

<sup>311</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 13.

<sup>312</sup> Nesse ponto o livro de Congar “*Jésus-Christ, notre Médiateur, notre Seigneur*” mostra o quanto o autor evolui posteriormente na referência à Pneumatologia. (cf. CONGAR, Y. *Jésus-Christ: notre Médiateur, notre Seigneur*. Paris: Du Cerf, 1965).

<sup>313</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 18.

<sup>314</sup> “Fazia muitos anos que desejávamos escrever esta obra dedicada ao Espírito Santo. O movimento atual da ‘renovação’ chamada freqüentemente ‘carismática’, encontrará acolhida nesta obra, mas nosso esforço é anterior ao dito movimento. Este dá, certamente, atualidade ao nosso trabalho, urgência inclusive, da qual nos sentimos satisfatoriamente cúmplices.” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 15).

Surge então seu grande estudo “Creio no Espírito Santo” que tanto retoma reflexões anteriores quanto aprofunda temas inéditos mesmo para sua época. Já se fez referência à falta de organicidade do pensamento de Congar, sobretudo na apresentação dos temas. Também aqui ele conjuga temas dogmáticos, pastorais, longos estudos exegéticos e verdadeiros artigos sobre questões variadas. O que parece interessante reconhecer é que o caminho da reflexão pneumatológica levou de fato - não apenas teoricamente - Congar à vida de Jesus e daí ao desenvolvimento de uma Eclesiologia de comunhão aliada à preocupação ecumênica, para uma Cristologia permeada de Espírito.

Portanto, metodologicamente é possível reconhecer no teólogo dominicano um caminho interessante e incomum: Eclesiologia – Pneumatologia – Cristologia, e desta última, de volta à primeira, a constituição de uma estrutura circular mutuamente fértil.

### **3.1.2 Uma dialética salvífica “num mundo dado como dever e tarefa”**

A dialética Cristologia-Pneumatologia é a base eclesiológica na qual Congar se move, e que torna impossível separar a ação do Espírito da obra de Cristo.<sup>315</sup> Diferentemente do eclesiocentrismo, aqui a Igreja não é autônoma em relação a Cristo e nada do que o Espírito realiza nela difere do que há de substancial na obra do Verbo encarnado.<sup>316</sup> Mas, é certo que o Espírito não vem apenas animar uma instituição plena e totalmente estabelecida, afinal, ele é seu constituinte.<sup>317</sup> O Espírito não é um adorno a ser invocado para ratificar decisões...

Este dinamismo remete à economia da salvação e à manifestação de Deus em sua obra em favor da humanidade. Assim, partindo do testemunho bíblico, Congar percebe como o Verbo e o Espírito encontram-se sempre associados: se o primeiro é forma, o segundo é o

---

<sup>315</sup> “A Pneumatologia, como teologia e dimensão da Eclesiologia, só encontrará seu pleno desenvolvimento no que se realiza e viva na Igreja. Nesta área, a teoria depende amplamente da práxis”. (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 201).

<sup>316</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 93.

<sup>317</sup> “A vida em Cristo – ou Ele em nós – é eclesial. O Espírito realiza uma tarefa decisiva na construção da Igreja. ‘Todos fomos batizados em um só Espírito para formar um só corpo’ (1Cor 12,13). Longe de existir uma oposição entre Espírito e corpo, se reclamam mutuamente” (CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 58).

sopro.<sup>318</sup> Identifica “momentos qualitativos da autocomunicação de Deus” em Jesus através de vindas sucessivas do Espírito Santo.<sup>319</sup> O mesmo Espírito faz conhecer e viver o Cristo já que “toda a economia da graça é crística”: não há uma “idade do Paráclito” como queria Joaquim de Fiore.<sup>320</sup> Portanto, na Pneumatologia está a saúde da Cristologia, e na Cristologia radica-se, por excelência, a santidade da Pneumatologia. De ambas, procede a santidade da Antropologia como tarefa e promessa de recriação dos filhos no Filho pelo Espírito pois “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (*Rm* 5,5).<sup>321</sup>

Somente nesse sentido pode-se compreender a Igreja e suas duas grandes atividades: a palavra e os sacramentos.<sup>322</sup> Ou ainda, “a complementaridade ou a união sem confusão do sacerdócio de todo o corpo e do sacerdócio dos ministros. Poder-se-ia igualmente falar de união entre o ‘magistério’ dos pastores e o *sensus fidei* presente no corpo inteiro, ou entre a ‘sucessão apostólica’ dos ministros e a apostolicidade do corpo inteiro.”<sup>323</sup> Igualmente, nesse sentido pode-se compreender a urgência ecumênica e o protagonismo dos leigos em busca de uma unidade feita não de uniformidade e de imperialismo, mas sim de comunhão.<sup>324</sup> E quem garante, em última análise, isso é o Espírito Santo que é o mesmo a animar todo o corpo e o corpo inteiro.<sup>325</sup>

Na reflexão sobre os leigos, especialmente em seu monumental estudo “Os Leigos na Igreja”, Congar já apontava a problemática da relação entre a Igreja e mundo moderno que, de certa forma, o laicato personificava. Só há uma solução possível “a partir da vontade de

---

<sup>318</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, 25-30.

<sup>319</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 101.

<sup>320</sup> CONGAR, Y. *El Espíritu Santo*, p. 154-165.

<sup>321</sup> “Cristo é batizado no Espírito (para a missão de servo) e a Igreja nasce no Espírito (para a missão de serva, a exemplo do seu Senhor). A paixão-cruz (consequência da missão-serviço) é a passagem entre ambas as missões do Espírito. Jesus é a cabeça deste processo, ou seja, é o princípio (da Igreja, de uma nova vida, de um novo ser, de toda a criação, de um ‘novo Adão’, da renovação de todas as coisas...), sempre na ação e na moção do Espírito. É nesse sentido que Jesus, o ungido, é princípio de uma vida pneumática (isto é, ‘espiritual’) para a humanidade como um todo e para cada pessoa humana...” (MORAES, E. A. R. Cem anos de Yves Marie-Joseph Congar. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 256, p. 890-891).

<sup>322</sup> Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 145ss.

<sup>323</sup> CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 147.

<sup>324</sup> “Este é também o esforço da nossa Igreja, que olha ao mesmo tempo para trás – em direção a Ele e em direção à sua própria origem – e para a frente, visando atingir um objetivo para o qual o Espírito a impulsiona e a conduz” (CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*, p. 148).

<sup>325</sup> Cf. CONGAR, Y. *O leigos na Igreja*, p. 671.

Deus, que nos entrega o mundo como dever e como tarefa”<sup>326</sup> e o motor dessa nova relação é o Espírito de Deus. Em sua Pneumatologia Congar encontra o caminho para Jesus e sua prática e, enviados por Ele, fortificados pelo mesmo Espírito (cf. At 2) é que os discípulos terão força para a missão. A missão é a mesma de Jesus: essa é sua garantia contra qualquer espiritualidade alienante ou desencarnada. É um novo Pentecostes tem um objetivo claro: continuar a obra de Cristo através do Espírito Santo que o impulsionou. É um Espírito de trabalho e de trabalho no mundo.<sup>327</sup>

Portanto, partindo dos problemas de sua época, Congar chega à necessidade de uma nova Eclesiologia aberta ao mundo e disposta ao diálogo. Nela, descobre a necessidade de uma nova Pneumatologia que responda como seria a “vida no Espírito” para o cristão do século XX. Por sua vez, a Pneumatologia o remete à Cristologia de onde tira seu fundamento e sua estrutura pois “o Espírito é de Jesus”. Dessa dupla articulação retorna à prática cristã enriquecida agora com um programa (a vida de Jesus) e a força para segui-lo (Espírito Santo). Pela chave pneumatológica é possível retomar também os outros escritos de Congar sobre a Cristologia e tirar os frutos de suas conclusões.

Constitui-se assim uma chave de leitura de sua numerosa produção e acaba por articular uma verdadeira moral cristã no sentido em que oferece um plano de ação precisa e as condições para sua execução. É nesse sentido que se aproxima, e muito, do pensamento de Jon Sobrino.

---

<sup>326</sup> CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 623.

<sup>327</sup> “... hoje talvez mais do que nunca, o Espírito Santo trabalha o mundo em vista de um ideal de plenitude; forças magníficas e puras não desejam senão ser empregadas. Muitas coisas podem ser renovadas, dilatadas. Sobre a vinha do senhor plana como que um sopro de promessa. Não seria a vigília de uma nova primavera, uma vigília de Pentecostes?” (CONGAR, Y. *Os Leigos na Igreja*, p. 11.)

## 3.2 JON SOBRINO

### 3.2.1 Prosseguimento de Jesus com Espírito – memória e imaginação

Não pode passar desaparcido em Jon Sobrino o fato de querer fazer seu método enunciar-se plenamente não no início, mas no final de sua Cristologia quando, faz convergir para um mesmo caminho as realidades fundamentais do seguimento:

O caminho em que se pode fazer essa experiência é, em último termo, o seguimento de Jesus, sempre historicizado “com espírito” e sempre atualizado pelo “Espírito de Deus”. E isto significa o seguimento de Jesus como princípio metodológico.<sup>328</sup>

Para ele, são duas as dimensões do seguimento, intrinsecamente relacionadas: a dimensão cristológica – Jesus como *norma normans*<sup>329</sup> - e a dimensão pneumatológica - o Espírito que atualiza Jesus na história. E o lugar fundamental da manifestação do Espírito é o prosseguimento de Jesus, que abrange outras realidades: oração, liturgia e a contemplação da natureza.<sup>330</sup> Seguimento de Jesus e Espírito não são realidades que coexistem simplesmente de forma justaposta, mas cada uma corresponde a um âmbito preciso da realidade intimamente associadas.

Para ilustrar melhor tudo isto, compara o seguimento como linha mestra traçada por Jesus para caminhar e o Espírito como força que capacita a caminhada real e atualizada por esse traçado, ao longo da história. Desta forma pode surgir a definição da totalidade da vida cristã como “pro-seguimento de Jesus com Espírito. Pro indicando a atualização no presente e abertura ao futuro; seguimento indicando a estrutura fundamental da vida de Jesus e Espírito a força necessária para o caminhar.”<sup>331</sup> É o ápice de uma reflexão que vai construindo-se paulatinamente alicerçada na revelação e na história.

---

<sup>328</sup> SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 487.

<sup>329</sup> SOBRINO, J. Espiritualidad y seguimiento de Jesús. In: ELLACURÍA, I. ; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación, v. 2, p. 459.

<sup>330</sup> Cf. SOBRINO, J. Luz que penetra las almas. Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. In: *Sal Terrae*, n. 1008, p. 8, enero 1998.

<sup>331</sup> Cf. SOBRINO, J. Luz que penetra las almas. Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. In: *Sal Terrae*, n. 1008, p. 9, enero 1998.

Fica, portanto, excluído uma espécie de “paralelismo” entre Espírito e Jesus, Pneumatologia e Cristologia, ao optar pela convergência irrenunciável de ambas. Dessa forma, o Espírito remete-se a um lugar histórico: a vida de Jesus e o seu seguimento.<sup>332</sup> Tal relação é desdobrada em dois aspectos complementares: *Jesus, possuído pelo Espírito*; e o *Espírito como memória e imaginação de Jesus*.

**Jesus, possuído pelo Espírito:** Baseado nos evangelhos, Jon Sobrino compreende a relação de Jesus e o Espírito em três pontos: *O Espírito envia Jesus*, configurando-o íntima e pessoalmente segundo seu próprio ser para a realização da missão do Salvador. *É uma força* para proclamar a boa-nova aos cativos, dar vista aos cegos e libertar os oprimidos (cf. *Lc 4, 16-19*); o *Espírito é força, vigor*, “uma força saiu dele”(cf. *Mc 5, 30; Lc 8, 46*).<sup>333</sup>

O Espírito se manifesta na vida e na práxis de Jesus - realidades históricas que não deixam lugar ao intimismo ou esoterismo. Jesus está e fala no Espírito, e expressa-se com ele em sua vida de forma concreta. Na vida de Jesus o Espírito manifesta-se como novidade e futuro, liberdade e discernimento, oração e gratuidade. Nas situações de conflito e opressão, inclusive de martírio, o Espírito se manifesta como vida, verdade, amor e misericórdia.

Dessa forma, Sobrino contribui para a superação de dois perigos provenientes do cristocentrismo exagerado: “empobrecimento de Deus”: que o reduz ao que dele transparece em Jesus; e “fanatismo antropológico”, excessiva valorização da vida humana de Jesus.<sup>334</sup>

**Espírito como memória e imaginação de Jesus:** o Espírito faz voltar sempre de novo a Jesus de Nazaré e propiciar a vida para os pobres e, ao mesmo tempo, possibilita fazer coisas maiores do que ele. O Espírito como imaginação de Jesus leva à perguntar sobre as atitudes de Jesus, e suas ações, no mundo presente: anúncio do Reino de Deus e serviço aos pobres, denúncia do anti-reino, firmeza nos conflitos que tais atitudes despertam. Essas realidades – memória e imaginação – são fundamentais para a vida cristã pois implicam no que tem de fundamental: fidelidade no seguimento de Jesus Cristo.

---

<sup>332</sup> Cf. SOBRINO, J. Luz que penetra las almas. Espiritu de Dios y seguimiento de Jesús, *Sal Terrae*, n. 1008, p. 3, enero 1998.

<sup>333</sup> Cf. SOBRINO, J. El Espíritu, memoria e imaginación de Jesús en el mundo. “Supervivencia” y “civilización de la pobreza”. In: *Sal Terrae*, n. 966, p. 186, marzo 1994.

<sup>334</sup> Cf. SOBRINO, J. El Espíritu, memoria e imaginación de Jesús en el mundo. “Supervivencia” y “civilización de la pobreza”. In: *Sal Terrae*, n.966, p. 131, marzo 1994.

### 3.2.2 Uma Cristologia aberta e em construção porque pneumatológica

Ao inserir Cristologia e Pneumatologia no âmbito do pro-seguimento, Sobrino traz grandes contribuições que tornam-se mais fecundas à medida em que a própria reflexão amadurece. Tal Cristologia é histórica porque parte da história de Jesus, engloba a história de seus seguidores e gera, na força do Espírito, história no pro-seguimento.<sup>335</sup> Dessa forma, a própria vida do seguidor se faz história de Jesus, da qual é enviado como testemunha. No seguimento, e somente nele, torna-se possível o conhecimento interno de Cristo. Portanto, a salvação não é fruto do conhecimento de Jesus como Cristo, mas conhecimento e salvação brotam de uma mesma vivência do seguimento: por ser o próprio Deus que chama o apelo torna-se salvífico.

O pro-seguimento introduz então um processo relacional e dinâmico nos moldes da relação de Jesus com o Espírito. É nesse âmbito que toma-se consciência da identidade de Jesus, Filho de Deus, e ao mesmo tempo, da própria realidade de seguidor: é uma resposta existencial.

Ser cristão torna-se participar do movimento da vida de Jesus que veio morar entre os pobres e excluídos deste mundo, anunciando a Boa Nova do Reino de Deus, passando pela cruz e Ressurreição. Movimento pressupõe construção permanente e abertura ao novo que passa a ser continuamente integrado para que a fidelidade se mantenha... abre-se o caminho para o Espírito, abre-se a consciência à eterna novidade que é Deus: impossível de abarcar com conceitos e esquemas humanos, por melhores que sejam.<sup>336</sup>

---

<sup>335</sup> Cf. SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 499.

<sup>336</sup> "... não se deve começar pressupondo que já sabemos quem é Deus, nem se deve pensar que em um momento determinado do processo da fé em Deus não é já 'mistério', 'excesso de luz', que por isso deslumbra... A aceitação de um não-saber nosso que necessita sempre de Jesus Cristo é elemento essencial de nosso saber de Deus. Vimo-lo, em outro contexto, na análise dos títulos de Cristo: não se há de dizer que Jesus (o ainda não sabido concretamente) é o Senhor (o sabido como coisa universal), mas ao invés. O mesmo e com maior radicalidade vale para Deus. Não se deve dizer simplesmente que Jesus é Deus, como se a surpresa recaísse no que é 'Jesus', mas que Deus é o que aparece em Jesus de Nazaré, e com isso a surpresa recai no que é 'Deus'". (SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 491).

Tal itinerário de descoberta do Mestre não é diferente para o seguidor que precisa enfrentar a cruz como passagem à vida plena. Mártir, então, é quem segue Jesus, vive dedicado à causa de Jesus e morre pelas mesmas razões de Jesus.<sup>337</sup> Os mártires, segundo Sobrino, são histórica e existencialmente, o melhor caminho mistagógico para a Cristologia: “se me matam, ressuscitarei na vida do meu povo”, disse Dom Romero. O mártir assume o caminho completamente, com seus riscos e exigências.<sup>338</sup>

Mas, o seguimento de Jesus não é tarefa individual. Ele se situa no contexto amplo da Igreja dos pobres, corpo de Cristo crucificado presente na história e no mundo dos pobres. Não há seguimento que não seja mediado por testemunhas e testemunhos. É isso que a Cristologia deve continuamente favorecer e promover, lutando pelo reino da vida, denunciando o reino da morte.

Desse modo, surge uma Cristologia aberta pneumatologicamente ao diálogo com a realidade, com as ciências, com outras Cristologias, com a realidade total. É esse horizonte de universalidade que possibilita o diálogo inter-religioso: Jesus de Nazaré e sua relação com os pobres é o que há de mais universal, por meio do qual se torna possível estabelecer o diálogo inter-religioso... é um princípio metodológico que parte do que mais existe em comum.

Essa Cristologia do pro-seguimento com Espírito nunca pode ser considerada acabada pois, da Páscoa remete novamente à Galiléia e ao começo do caminho (cf. *Mc* 16,7). Será sempre aberta à novidade da história e aos posicionamentos que ela exige; ao amadurecimento que necessita seriedade e honestidade intelectual, compromisso e responsabilidade pastoral e defesa da vida onde ela estiver ameaçada; superação, por fim, das ambigüidades históricas até chegar à conformação da humanidade “à imagem de seu Filho”(*Rm* 8,29), na Páscoa eterna, no Reino que não terá fim, no Amém final quando “Ele enxugará toda a lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram.”(*Ap* 21, 4)

---

<sup>337</sup> Cf. BOMBONATTO, V. I. *Seguimento de Jesus*, p. 441.

<sup>338</sup> “No que certamente é perito o cristianismo é no saber como caminhar na história, como caminhar sempre e apesar de tudo e como caminhar humanizando os outros, as vítimas e a si mesmo. Como irmão maior do caminhar tem Jesus de Nazaré e inúmeras testemunhas ao longo da história; em nosso tempo, Dietrich Bonhoeffer, Simone Weil, Martin Luther King, Dom Romero, Ignacio Ellacuría, Celina Ramos – nestes dias Juan Gerardi – e uma imensa nuvem de testemunhas, mártires que não só dão testemunho de Cristo mas refazem a vida e o destino de Jesus. Seus nomes não cabem nos livros.” (SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*, p. 499-500).

No Espírito, o seguimento de Jesus atravessa exigências das mais variadas naturezas, sempre maiores, sempre desafiantes, apoiado na fidelidade ao que chama e na assistência do que anima. Como caminho que se faz ao caminhar, é no seguimento de Jesus que o Espírito se deixa encontrar, é aí que ele se faz presente, é este o seu “locus”, é onde o Verbo se faz carne novamente na ação do seguidor. É o Espírito quem ensina quem é Jesus, é Jesus quem ensina o que é viver segundo o Espírito...

O seguimento é, então, o lugar de historizar as manifestações do Espírito e é o lugar de entrar em sintonia com o Espírito de Deus. E, a partir daí, é o lugar de reconhecer – doxologicamente – que é o Espírito que nos ensina quem é Jesus, que é a força de Deus “para fazer coisas maiores ainda”.<sup>339</sup>

---

<sup>339</sup> SOBRINO, J. A *Fé em Jesus Cristo*, p. 487.

## CONCLUSÃO

“O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz. Essa doutrina abarca o homem inteiro, composto de alma e corpo, e a nós, peregrinos nesta terra, manda-nos tender para a pátria celeste.” Com essas palavras João XXIII abriu o Concílio Vaticano II em 11 de Outubro de 1962<sup>340</sup> manifestando a grande preocupação da Igreja do século XX: como corresponder eficazmente àquilo que o mundo espera, como anunciar o Evangelho de maneira nova e relevante em tantos contextos problemáticos, como fazer que essa mensagem seja realmente uma Boa Notícia para um mundo marcado pela desigualdade e pluralidade ideológica, política, econômica, social... sem perder a identidade, sem abdicar da fidelidade à missão recebida de Jesus Cristo único “caminho, verdade, e vida”?

Se o desafio era grande, grandes também foram os que procuraram enfrentá-lo com a coragem evangélica e a sinceridade que encara os problemas e busca compreendê-los primeiro e propor alternativas depois. Dentre estes, dois foram aqui apresentados: Yves Congar e Jon Sobrino.

O primeiro, dominicano europeu cuja vida abarcou a quase totalidade do século passado, viu desenvolverem-se os primeiros impulsos de renovação que, cultivados, levariam ao Concílio. Engajou-se na procura de respostas e de novas maneiras de propor as verdades da fé a fim de descobrir como a mensagem cristã pode ser vivida num contexto plural onde a

---

<sup>340</sup> PAPA JOÃO XXIII. Discurso do Papa João XXIII na abertura solene do Concílio. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 26.

Igreja é apenas mais “uma voz entre outras”. O movimento de renovação o levou ao estudo do laicato e deste à Ecclesologia. Dentro dela debateu-se com a Renovação Carismática e partiu para o estudo da Pneumatologia. Tantos desafios geraram uma obra que, embora carecendo de maior organicidade, não pode ser apontada como desligada das principais questões que o mundo moderno propôs à discussão.

Congar acabou por tornar-se um retrato da própria situação da Igreja do século XX com suas contínuas evoluções, retrocessos, correções. É o preço que se paga por “ser um homem afinado com sua época”. Tematizando o Espírito Santo é levado à explicitação das relações indissociáveis entre a Pneumatologia e a Cristologia, e evolui: se não é possível encontrar o tema em seus primeiros escritos cristológicos, acabará por tratar exaustivamente o assunto em obras posteriores. O Espírito Santo o levou à Cristologia; é ela o paradigma: viver no Espírito Santo é fazer o que Jesus fez. A grande obra do Espírito é a Encarnação: não há vida segundo o Espírito sem os pés fincados na realidade, sem assumi-la, sem transformá-la como Jesus fez.

A Cristologia é a garantia de que a Pneumatologia não se transforme em sedativo, ópio alienante. A Pneumatologia é a garantia de que a Cristologia não se paralise em esquemas ultrapassados ou cristalizados apenas como uma institucionalização burocrática. A dinâmica do Espírito busca respostas sempre mais atuais, renova estruturas, modifica e anima para que o Evangelho não pare, para que não emudeça sua força transformadora, para que não envelheça a eterna novidade do Reino de Deus. Mas não é a mudança pela mudança, não se trata de fazer concessões para agradar: não há, enfim, Espírito sem Verbo. O caminho de Congar, partindo do primeiro encontra, necessariamente, o segundo. É isso que garante a atualidade de sua contribuição.

A busca de Congar revela que não é preciso ter medo do mundo ou da modernidade, nem condená-los de antemão. A proposta cristã precisa, isso sim, manter sua dinâmica – que é a mesma do Reino – do “já e ainda não”, do roteiro programático que é vida de Jesus Cristo e da força necessária que dá o Espírito Santo para atualizá-la e revesti-la das cores das realidades com que se defronta continuamente. Assumir essa dinâmica de uma Cristologia Pneumatológica significa renunciar às arbitrariedades que, muitas vezes, engessaram o cristianismo em estruturas pouco evangélicas, ou historicamente datadas e que, por isso mesmo, não falam mais às pessoas do tempo presente. É compreender que abre-se para os cristãos um novo tempo, nem melhor nem pior que os anteriores – talvez mais exigente - em que o Espírito continua a manifestar-se amplamente.

A mesma busca de respostas à situação real enfrentada encontramos em Jon Sobrino e seu trabalho no contexto problemático da América Latina. É a partir desse contexto que procurará desenvolver uma Cristologia historicamente situada, ao mesmo tempo aberta e conflitiva porque exigente e encarnada. Para Sobrino, manter a fidelidade a Jesus Cristo é mais que uma adesão ideal, só é possível no seguimento concreto do Mestre... é aí que Jesus se revela. Para isso torna-se primordial o contato com o Jesus histórico e suas respostas e opções como paradigma para o discípulo. Mas Sobrino vai mais longe, é necessário identificar o espírito que animava Jesus, o que o fazia caminhar e levava ao compromisso até às últimas conseqüências com os desvalidos de seu tempo. Segui-lo, não imitá-lo: atualização, não mímica.

Esse espírito vai sendo reconhecido na reflexão de Sobrino, paulatinamente, como o próprio Espírito Santo que, unido indissociavelmente à missão do Filho, torna-se garantia de sua atualização, de seu pro-seguimento nos dias atuais. É o Espírito que garante o seguimento para a além da imitação mecânica dos gestos de Jesus. O Espírito torna o discípulo, como Jesus, aberto às urgências de seu tempo, capaz de reconhecer as opções preferenciais na linha das que o Mestre mesmo quis fazer e exigiu dos seus.

Voltar-se para o Jesus histórico com todo o seu contexto e, no Espírito, pro-segui-lo é a grande tarefa que Jon Sobrino persegue em sua reflexão e que garante a fecundidade de seu pensamento. Cristologia e Pneumatologia precisam estar radicalmente unidas também na construção da libertação dos povos latino-americanos pois são a garantia de que o projeto do Reino não vire mero entusiasmo sem conteúdo, ou acabe caindo na rigidez das estruturas que se pretende denunciar. Conjugá-las mutuamente é a garantia para manter a saúde da reflexão e a continuação da luta pelo Reino.

É muito inspirador notar como esse tema chegou a autores tão diferentes, em lugares diferentes, de maneiras diferentes. Congar transparece os problemas de uma Europa dividida, dos muros ideológicos, dos ortodoxos, do ateísmo... do pré, pós Vaticano II e de suas implicações, dos avanços que ajudou a construir e que gostaria se concretizassem mais rapidamente. Jon Sobrino fala de uma América Latina marcada pela divisão abissal entre ricos e miseráveis, entre os poderosos que dominam e matam as testemunhas de Jesus Cristo e o povo explorado ideologicamente. Congar reflete sua vasta experiência patrística e litúrgica fruto dos movimentos pré-conciliares que acompanhou. Jon Sobrino também o faz, mas com uma interface maior com as ciências humanas e a realidade excluída que lhe são vizinhas.

Congar chega primeiro à Pneumatologia e daí vislumbra a necessidade de uma nova Cristologia. Sobrino desenvolve sua Cristologia descobrindo o “espírito de Jesus” que o leva ao “Espírito de Jesus” e daí faz esperar aprofundamentos pneumatológicos a caminho.

Ambos propõem uma maneira nova de seguir Jesus Cristo no mundo de hoje: aberta à novidade, firme e convicta mas disposta ao diálogo, segura mas não acabada... na tensão, diria Sobrino, entre o recordar e caminhar. Nos dois autores permanece a abertura ao que brota da realidade e precisa ser incorporado continuamente à reflexão: não como entrave, mas como gratidão e fidelidade ao Espírito que continua a soprar, continua a falar. Sopra onde quer, mas não de qualquer maneira porque não é qualquer espírito... é o Espírito de Jesus. Sem seguir Jesus é impossível encontrar o Espírito, sem o Espírito é impossível seguir Jesus. Em ambos, juntos, repousa a eficácia da mensagem de Deus ao mundo de sempre, também o de hoje, onde é necessário “fazer coisas maiores ainda”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Dimas Lara. *A Apostolicidade da Igreja e seu fundamento teológico segundo Yves Congar O. P.* Roma: PONTIFÍCA UNIVERSIDADE GREGORIANA, 1996. Tese de Doutorado.

BASÍLIO MAGNO. *Tratado sobre o Espírito Santo*. São Paulo: Paulus, 1998. (Col. Patrística vol. 14).

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática: Teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. *Teologia Pé-no-chão*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. *Da Libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOFF, Leonardo. *A fé na periferia do mundo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *A ressurreição de Cristo: A nossa ressurreição na morte*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. *A Santíssima Trindade: A melhor comunidade*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Como pregar a cruz hoje numa sociedade de crucificados*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. (Coleção Teologia Orgânica – 12).

\_\_\_\_\_. *Do lugar do pobre*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. (Coleção Teologia – 22).

\_\_\_\_\_. *E a Igreja se fez povo: Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Encarnação: A humanidade e a jovialidade de nosso Deus*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. (Festas do Povo de Deus –1).

\_\_\_\_\_. *Igreja Carisma e Poder: Ensaio de Eclesiologia militante*. Lisboa: Inquérito, (Coleção Perspectiva – 2).

\_\_\_\_\_. *Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Nova Evangelização: Perspectiva dos oprimidos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *O caminho da Igreja com os oprimidos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Pai Nosso: a oração da libertação integral*. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Paixão de Cristo – Paixão do Mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOFF, Lina. *Espírito e missão na Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1998. 2v.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus Cristo: Uma abordagem segundo a Cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Ensaios Teológicos).

CANTALAMESSA, Raniero. *O canto do Espírito Santo. Meditações sobre o Veni Creator*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMBLIN, José. *Jesus de Nazaré: Meditações sobre a vida e a ação humana de Jesus*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. *O Espírito Santo e a Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *O tempo da ação: Ensaio sobre o Espírito e a História*. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. Vaticano II: um futuro esquecido: *Concilium*, Petrópolis, n. 312, p. 90-110, 2005/4.

COMISSÃO LITÚRGICA DO GRANDE JUBILEU. *Vinde Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

COMISSÃO TEOLÓGICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. *Jesus Cristo: ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Paulinas, 1996.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: os Evangelhos*. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção Tua Palavra é Vida – 5).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões da Conferência de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979. (Coleção Sal da Terra).

CONGAR, Yves. A Nova Problemática do mundo secularizado torna supérfluo o Ecumenismo?: *Concilium*, Petrópolis, n. 54, p. 401-420, 1970-4.

\_\_\_\_\_. *A Palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989.

\_\_\_\_\_. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1991. [Trad. Brasileira: São Paulo: Paulinas, 2005 (Creio no Espírito Santo: coleção em três volumes): 1. *Ele é o Senhor e dá a vida*; 2. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*; 3. *Revelação e Experiência do Espírito*].

\_\_\_\_\_. Igreja, “lugar teológico”: *Concilium*, Petrópolis, n. 57, p. 880-897, 1970-7.

\_\_\_\_\_. *Igreja serva e pobre*. Lisboa: Logos, 1968.

\_\_\_\_\_. Le Saint-Esprit et le corps Apostolique réalisateurs de l’oeuvre du Christ.. In: *Révue de Sciences Philosophiques et Théologiques* (1953).

\_\_\_\_\_. *Situação e tarefas atuais da teologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.

\_\_\_\_\_. *Se sois minhas testemunhas*. São Paulo: Paulinas, 1967.

\_\_\_\_\_. *Os leigos na Igreja: Escalões para uma Teologia do Laicato*. São Paulo: Herder, 1966.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. [Organização Geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997.

DUQUOC, Christian. *Cristologia: Ensaio dogmático II*. São Paulo: Loyola, 1997.

ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1991.

ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium Liberationis: conceptos fundamentales de la teología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1990. 2v.

FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988.

FLORISTÁN SAMANES, Casiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José (orgs) *Dicionário de Conceitos Fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.

FLORISTÁN SAMANES, Casiano et alii. *Dicionário de Pastoral*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1994.

FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Trindade como história*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré – História de Deus, Deus na história: Ensaio de uma Cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção Teologia Hoje – 16).

GALARRAGA, Ana Maria Formoso. *A teologia da ressurreição em Jon Sobrino*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação de Mestrado.

GAUDIUM ET SPES. [Organização Geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Vaticano II).

GONZÁLES DE CARDENAL, Olegário. *Cristologia*. Madrid: 2001. (Sapientia Fidei: serie de Manuales de Teología – Teología Sistemática – 24).

GONZÁLEZ FAUS, José I. *La humanidad Nueva: Ensayo de Cristología*. Santander: Sal Terrae, 1984.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Beber no próprio poço*. Petrópolis: Vozes, 1984.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: manual de Ecclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

\_\_\_\_\_. *Jesus Cristo, nosso Redentor. Iniciação à Cristologia como Soteriologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

HAMMES, Érico João. *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento: um estudo em J. Sobrino*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HÜBNER, Ilson Luís. *Prosseguimento no espírito : a dimensão trinitária na cristologia de Jon Sobrino*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação de Mestrado.

JACOBI, Blásio Guido. *O significado e o valor do seguimento de Jesus de Nazaré como categoria cristológica em Jon Sobrino*. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Dissertação de Mestrado.

JOÃO PAULO II. *Dominum et vivificantem: O Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo*. São Paulo: Paulinas, 1987.

JOÃO XXIII. *Pacem in terris*. [Organização geral e cotejo com os textos originais Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1998. (Documentos de João XXIII).

LATOURELLE, René. Dei Verbum. In: LATOURELLE, R.; FISICHELA, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEHNEN, Maria Doracy. *Jesus Cristo compassivo e solidário: da paixão à compaixão - da compaixão à paixão em Jon Sobrino*. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação de Mestrado.

LEPARGNEUR, Hugo. Impactos eclesiológicos do “Filioque”: *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 251, 2003, p. 555-569.

LITURGIA HORARUM. Vol. II: Tempus Quadragesimae. Sacrum Triduum Paschale. Tempus Paschale. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000. Editio Typica Altera.

LOPES, Claudinei Jair. *Pluralismo teológico e cristologia: um estudo comparativo entre Jürgen Moltmann e Jon Sobrino*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação de Mestrado.

LUMEN GENTIUM. [Organização Geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Vaticano II).

LUPPI, Gilmar. *A morte de Cristo, os mártires e os pobres na América Latina na teologia de Jon Sobrino*. Porto Alegre: PUCRS, 1994. Dissertação de Mestrado.

MARTINI, Carlo Maria. *O Itinerário Espiritual dos Doze*. São Paulo: Loyola, 1988.

MESTERS, Carlos. *Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MIRANDA, Mario de França. *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Espírito da Vida: uma Pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Teológica, 2003.

MORAES, Eva Aparecida Rezende. Cem anos de Yves Marie-Joseph Congar: *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 256 – Outubro – 2004, p.865-902.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001.

NOGUEIRA, Luiz Eustáquio dos Santos. *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai*. São Paulo: Paulinas, 1995.

PALÁCIO, Carlos. *Jesus Cristo: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1979.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas 1978.

PICO, Hernandes; SOBRINO, Jon. *Solidários pelo reino*. São Paulo: Loyola, 1992.

PIKAZA, Xabier. A Figura de Jesus: profeta, taumaturgo, rabino, messias. Petrópolis: Vozes, 1995.

PRESBYTERORUM ORDINIS. [Organização Geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Vaticano II).

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus Histórico*. São Paulo: Novo Século, 2005.

SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: sinóticos e Paulo – história e atualidade*. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré: história e atualidade = as Cristologias na espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1985.

SOBRINO, Jon. *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Coleção Teologia e Libertação – 6, Série II – o Deus que liberta seu povo).

\_\_\_\_\_. *A globalização e suas vítimas: Concilium*, Petrópolis, n. 293, p. 118-136, 2001-5

\_\_\_\_\_. *A violência da injustiça. Concilium*, Petrópolis, n. 272, p. 55-64, 1997/4.

\_\_\_\_\_. *Cristologia a partir da América Latina: Esboço a partir do seguimento de Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. *El Espíritu, memoria e imaginación de Jesús en el mundo. Supervivencia y civilización de la pobreza. Sal Terrae*, Santander, n. 966, p. 181-196, marzo 1994.

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade da Libertação: Estrutura e conteúdo*. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a Cristologia*. São Paulo: Vozes – Loyola, 1985.

\_\_\_\_\_. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1994. (Coleção Teologia e Libertação – 3, Série II – O Deus que liberta seu povo).

\_\_\_\_\_. *Luz que penetra las almas: Espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. Sal Terrae*, Santander, n. 1008, p. 3-15, enero 1998.

\_\_\_\_\_. *Nosso mundo: crueldade e compaixão. Concilium*, Petrópolis, n. 299, p. 12-21, 2003/1.

\_\_\_\_\_. *O Princípio Misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Oscar Romero: profeta e mártir da libertação*. São Paulo: Loyola, 1988.

\_\_\_\_\_. *Ressurreição da Verdadeira Igreja: Os pobres, lugar teológico da Eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982.

\_\_\_\_\_. *Um Jubileu total: “Dar esperança aos pobres e deles recebê-la”*. *Concilium*, Petrópolis, n. 283, p. 149-161, 1995-5.

\_\_\_\_\_. *Um outro mundo é possível: Concilium*, Petrópolis, n. 308, p. 137-150, 2004-5.

SUSIN, Luiz Carlos. *Deus: Pai, Filho e Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Jesus, Filho de Deus, Filho de Maria. Ensaio de Cristologia narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1997.

\_\_\_\_\_. (org.) *O Mar se abriu*. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.) *Sarça Ardente: teologia na América Latina: perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2000.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A Revelação de Deus na realidade humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Repensar a Cristologia: sondagens para um novo paradigma*. São Paulo: Paulinas, 1998.

UNITATIS REDINTEGRATIO. [Organização Geral Lourenço Costa; tradução Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do Concílio Vaticano II).